ENVER HOXHA, RAMIZ ALIA

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Edições Maria da Fonte

EDIÇÕES MARIA DA FONTE

Livros publicados:

Colecção «TEXTOS MARIA DA FONTE»

1 — Trotsky e o Trotskismo — Vários (2.ª edição)
2 — Marx e os Sindicatos — A. Losovski (4.ª edição)
3 — Mao Tsé-tung e a Política de Partido — Mao Tsé-tung (2.ª edição)
4 — O P. T. A. e a Luta Contra o Revisionismo — Enver Hoxha, Ramiz Alia e Nexhmije Hoxha
5 — Dimitrov e a Luta Sindical — Georges Dimitrov
6 — Lenine — a vida de um revolucionário — E. Yaroslavski
7 — Combater o Revisionismo — Uma Tarefa Revolucionária — Enver Hoxha
8 — Sobre a Guerra e a Paz — Lenine
9 — Os Sindicatos da Classe Operária — Lenine
10 — As Classes, a Economia e a Frente Única — Mao Tsé-tung
11 — Os Sindicatos da Classe Operária (II) — Lenine
12 — A Organização Comunista — Lenine
13 — A Estratégia e a Táctica dos Comunistas — Staline
14 — O Método e o Estilo de Trabalho Leninistas — Enver Hoxha
15 — O P. T. A. e a Luta de Libertação Nacional — Enver Hoxha
16 — Uma Linha de Luta e de Vitória contra o Revisionismo Krutchevista — Enver Hoxha

Colecção «DOCUMENTOS»

1 — Sobre o Trabalho de Propaganda/Um Congresso Histórico — Mao tsé-tung, Chu En-lai e Wang Hong-wen (3.ª edição)
2 — A Linha Política Revolucionária do P. C. do Brasil (ML)
3 — Proclamação — Programa dos Comunistas (Bolcheviques) Revolucionários Soviéticos
4 — Guerra Popular — Caminho da Luta Armada no Brasil
5 — Programa e Estatutos da Internacional Comunista
6 — Sobre a Experiência da Guerra de Libertação Nacional e o Desenvolvimento do Exército de Libertação Nacional da Albânia — Mehemet Shehu
7 — Têmpera no Fogo da Luta — Resumo breve da história do Exército de Libertação Nacional do Povo Albanês (1941-1944) — Lefter Kasneci
8 — Primeiro Congresso do Partido Comunista (ML) da Bélgica
9 — Informe da Actividade do C.C. do P.T.A. ao VI Congresso — Enver Hoxha
10 — História do Partido dos Trabalhadores do Vietname
11 — Cinquenta Anos de Luta — Partido Comunista do Brasil

12 — Teoria da Construção Económica do Socialismo — Kim Il Sung
13 — Escritos I (1920-1954) — Ho Chi Minh
14 — Escritos II (1954 - 1969) — Ho Chi Minh
15 — I Congresso do Partido Comunista de Espanha (M-L)
16 — Dos Presos Políticos Brasileiros

Colecção «CULTURA POPULAR»

1 — A Filosofia e a Arte ao Serviço da Revolução — Lu Sin, Michelle Loi, Alfredo Uci, Tcheu Kien-jen, Jdanov
2 — Os Tambores da Chuva — Ismaïl Kadaré

Colecção «ESTUDOS»

1 — A Metade do Céu — Claudie Broyelle (3.ª edição)
2 — Castro/Debray contra o Marxismo-Leninismo — Antoine Petit
3 — A Transformação Socialista da Economia Nacional na China — Siné Mou-Kiao, Sou Sing e Lin Tsé-li
4 — A Inteligência no Poder; Um Mundo Novo: A China - M. Loi

Colecção «LIBERTAÇÃO NACIONAL»

1 — Quem é o inimigo? Qual é o nosso Objectivo? — Agostinho Neto (1.ª edição esgotada)
2 — Manual Político do PAIGC (1.ª edição esgotada)
3 — Textos e Documentos do MPLA sobre a Revolução Angolana — Vários
4 — A Frelimo e a Revolução em Moçambique — Mondlane, Machel

Colecção «LUTA OPERÁRIA»

1 — Contra o Governo Provisório — José Staline
2 — Relatório sobre a Situação Internacional — A. Jdanov
3 — Os Comunistas e as Eleições — V. I. Lenine

Textos «MANUEL QUIRÓS»

1 — Para a Reconstrução do Partido Comunista (M-L) — — Manuel Quirós

A sair:

Relatório sobre o VI Plano Quinquenal (1971-1975), apresentado ao VI Congresso do P. T. A. — Mehemet Shehu.

Memo Kavaci (romance albanês) — Dritero Agolli.

20/05/80

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

Colecção «Textos Maria da Fonte»

Editor: Maria Isabel Pinto Ventura

Tradutor: Maria Isabel Pinto Ventura

Capa: Maria José Sacadura

© Para a versão portuguesa de Edições Maria da Fonte

ENVER HOXHA, RAMIZ ALIA

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

Artigo de fundo do «Zeri I Popullit», escrito pelo camarada Ramiz Alia, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, dedicado ao 15.º aniversário do discurso do camarada Enver Hoxha na reunião de Moscovovo e ao tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha.

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

Texto publicado, a 16 de Novembro de 1975, no Boletim Informativo da Agência Telegráfica Albanesa:

«Uma Linha de Luta e de Vitória contra o Revisionismo Krutchevista»: sob este título, o quotidiano albanês «Zëri i Popullit» publica hoje um artigo de fundo, pela pena de Ramiz Alia, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia.

Este artigo é dedicado ao 15.° aniversário do discurso histórico pronunciado em 1960 pelo camarada Enver Hoxha na reunião de Moscovo dos 81 Partidos Comunistas e Operários *, assim como aos outros escritos do tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha que acaba de sair, e que é constituído pelos materiais do período de Junho a Dezembro de 1960.

---

* Discurso publicado na íntegra em «Combater o Revisionismo, uma Tarefa Revolucionária», das Edições Maria da Fonte (nota do editor).

Reproduzimos o texto integral deste artigo de fundo:

Quinze anos decorreram desde que o camarada Enver Hoxha pronunciou em Moscovo o seu discurso histórico na reunião dos 81 partidos comunistas operários. Com um profundo espírito de princípio comunista e uma determinação revolucionária, o camarada Enver Hoxha arrasou as teses anti-marxistas de Nikita Krutchev e adeptos, denunciou a plataforma política da direcção soviética, pôs a nu a sua actividade escura nos bastidores, as suas intrigas e conspirações contra o Partido Comunista da China, contra o Partido do Trabalho da Albânia, contra a revolução e o socialismo.

Os materiais do tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha, que foi posto nestes últimos dias em circulação, e que compreende os discursos, os relatórios, as cartas e os radiogramas que Enver Hoxha fez no período de Junho a Dezembro de 1960, mostram claramente a luta firme que o nosso Partido e o camarada Enver Hoxha conduziram contra o revisionismo krutchevista e contribuem grandemente para dar a compreender, duma forma multilateral e profunda, a importância histórica e mundial desta luta, a considerar, em toda a sua clareza, a justeza da linha do Partido do Trabalho da Albânia.

Os escritos do camarada Enver Hoxha inseridos neste tomo reflectem o confronto directo do nosso Partido com o grupo de Krutchev e o começo da luta aberta, numa larga frente, contra o revisionismo soviético.

Este tomo compreende principalmente escritos e materiais inéditos que demonstram, amplamente e de forma detalhada, a posição do Partido do Trabalho da Albânia e do camarada Enver Hoxha e a luta que eles conduziram nas circunstâncias complexas em que se desenrolaram a reunião de Bucareste, os preparativos e a reunião dos 81 partidos. Representa a luta firme, crítica e severa que o Partido do Trabalho da Albânia conduziu contra as pressões, as ingerências e a diversão dos dirigentes soviéticos, depois da reunião de Bucareste, contra o nosso país. Neste tomo são introduzidos o discurso histórico que o camarada Enver Hoxha pronunciou na reunião de Moscovo, os seus relatórios e discussões no Comité Central e no Bureau Político, relativos à posição e à luta do nosso Partido contra o revisionismo Krutchevista e a correspondência com as nossas delegações a Bucareste, à comissão preparatória da reunião de Moscovo, à ONU, etc.

O ano de 1960 é a altura em que, depois da traição do grupo dirigente soviético, com Krutchev à cabeça, se propagava uma contra-corrente revisionista. O movimento comunista e operário internacional encontrava-se face a um feroz ataque contra-revolucionário. Concertada com os krutchevistas, toda a reacção tinha tirado a espada contra a estratégia e a táctica do movimento comunista, contra a teoria e a prática da revolução.

Os comunistas e os revolucionários encontravam-se perante uma grande prova e uma grande responsabilidade. A questão era grave. Que partido tomariam neste momento, tão crítico para o movimento comunista internacional e para o comunismo? O do marxismo-leninismo e da revolução ou, então, o do revisionismo e da contra-revolução, o da direcção soviética, que traía o socialismo, ou contra ela?

Actualmente, que a União Soviética se converteu numa superpotência imperialista, que os partidos revisionistas degeneraram numa força contra-revolucionária, a escolha pode parecer simples.

Mas, na época, não era tão simples. A União Soviética era ainda considerada pela maioria dos comunistas e pelas largas camadas da classe operária internacional e pela opinião pública, que ignoravam os factos, como o centro da revolução mundial. Havia muitas pessoas que identificavam a direcção soviética com o passado

heróico da União Soviética da época de Lenine e Staline. Por outro lado, os problemas não se apresentavam explícitos como agora, numerosos fenómenos se apresentavam deformados devido à propaganda revisionista que especulava com o nome de Marx e Lenine, o desenvolvimento de outros fenómenos estavam ainda na fase embrionária, os desvios ideológicos eram confundidos, frequentemente, com erros de carácter prático, etc.

É por isso que, para sair abertamente e denunciar publicamente a plataforma ideológica da linha política Krutchevista, eram necessários, como ponto capital, sólidas convicções marxistas-leninistas, um profundo conhecimento do desenvolvimento da situação, grandes capacidades ideológicas e teóricas para fazer uma análise científica dos acontecimentos e dos fenómenos da época, e para considerar claramente a perspectiva. Era necessário igualmente ter uma coragem e uma grande determinação política e ideológica, visto que, levantar-se contra os Krutchevistas, significava ir contracorrente, significava insurgir-se contra as «autoridades» e os que «promulgavam as leis» do marxismo, aceitar uma batalha que comportava perigos enormes. Ser-se-ia o objecto da «maldição» dos revisionistas e sofrer-se-ia as consequências da vingança Krutchevista, dos cercos e da diversão, e talvez mesmo duma intervenção militar.

Os escritos do tomo 19 explicam e dão a possibilidade de compreender porque é que foi precisamente o Partido do Trabalho da Albânia, o Partido dum país pequeno e um partido relativamente jovem, que se insurgiu contra a linha revisionista da direcção Krutchevista, porque é que ele chegou a tomar uma tal posição de princípio e revolucionária e a assumir uma tão grande responsabilidade perante o seu povo e o comunismo internacional.

O Partido do Trabalho da Albânia nasceu na violenta luta de libertação nacional, edificou-se na revolução pela libertação do país, na luta pela instauração da ditadura do proletariado e pela edificação do socialismo. Não foi nos livros nem nas conferências que apreendeu o marxismo, mas no fogo duma luta de classes encarniçada, nos confrontos e nos combates contra os inimigos de todos os tipos. Os comunistas albaneses tinham conduzido uma luta longa, consequente e de princípio contra o revisionismo jugoslavo, contra as suas teorias e práticas anti-marxistas.

No fogo da guerra e da revolução, tinham-se temperado a unidade de aço das fileiras do Partido em torno da sua direcção com o camarada Enver Hoxha à cabeça, assim como a unidade invencível do povo à volta do Partido. Era uma unidade marxista-leninista baseada na linha justa, provada na prática quotidiana revolucionária.

No que toca às posições de princípio inflexíveis marxistas-leninistas observadas pelo nosso Partido contra o revisionismo, deve-se um mérito particular ao seu fundador e ao seu dirigente, o camarada Enver Hoxha. Ele é o artesão da justa linha do nosso Partido em todas as etapas do desenvolvimento da revolução, da unidade de aço marxista-leninista nas suas fileiras, da unidade de pensamento e de acção, da audácia revolucionária e da determinação dos comunistas albaneses.

Os documentos do tomo 19 são um brilhante exemplo da fidelidade e da defesa inabalável do marxismo-leninismo e dos princípios do internacionalismo proletário. Testemunham a atitude ponderada, de princípio e firme, observada pelo camarada Enver Hoxha nos momentos mais complexos e delicados, da táctica subtil que adoptava para fazer face ao ataque revisionista, a via correcta que tinha escolhido para combater os inimigos e para conduzir o Partido à vitória.

Os documentos do tomo 19 reflectem o cuidado particular que o camarada Enxer Hoxha tinha em consultar sempre e sobre todas as questões os camaradas do Bureau Político e do Comité Central, a grande força que ele extrai do pensamento e das posições do Partido, a confiança que ele tem nos camaradas e nos companheiros de armas, a grande coragem com que ele os arma.

«Vocês não podem imaginar, disse o camarada Enver Hoxha dirigindo-se aos camaradas do XVII Plenário do Comité Central, em Julho de 1960, que grande força nós conseguimos aqui, no plenário do Comité Central, que grandes ensinamentos tirámos de vocês no que toca a coragem de que devemos dar provas no futuro... pela forma como o Comité Central nos armou, se no passado fomos corajosos, sê-lo-emos mil vezes mais no futuro» (tomo 19, página 67).

No momento mais crítico para a causa do comunismo, o Partido do Trabalho da Albânia optou pela única via justa: pela via da luta frontal contra o revisionismo krutchevista. Esta recolha traduzia o pensamento, a vontade e o desejo de todos os comunistas e de todo o povo albanês. O Comité Central do Partido fez um trabalho colossal e intensivo para afrontar a situação, para elaborar as posições a tomar e para preparar o Partido para a nova batalha contra o revisionismo soviético. Reuniram-se cinco plenários do Comité Central, de Julho a Dezembro de 1960.

A denúncia que o Partido do Trabalho da Albânia e o Partido Comunista Chinês fizeram da direcção soviética em Moscovo, representa o ponto de partida duma viragem decisiva na luta entre o marxismo-leninismo e o revisionismo. Na reunião de Moscovo foi traçada uma linha nítida de demarcação entre o marxismo-leninismo e o pseudo-marxismo krutchevista. Foi lá que a via dos combatentes do socialismo se

demarcou da via dos lacaios da burguesia e a via dos marxistas-leninistas da dos revisionistas.

A reunião de Moscovo transformou-se numa arena dum duro combate ideológico entre a linha revolucionária proletária, representada pelo Partido Comunista da China e pelo Partido do Trabalho da Albânia, e a linha oportunista, representada pela direcção soviética, que tinha abandonado os princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, e caminhava para a traição aberta.

A direcção soviética procurava impor a todo o movimento comunista a linha do XX Congresso. Esta linha, dissimulada por detrás de slogans demagógicos do «marxismo criador», encerrava uma vasta conspiração tramada pelos krutchevistas para liquidar a ditadura do proletariado na União Soviética, para desviar os partidos comunistas da via do marxismo-leninismo, para substituir a luta de classes pela reconciliação de classes e a revolução pelas reformas burguesas, para submeter todos os partidos às ordens de Moscovo.

Para atingir estes objectivos, os dirigentes revisionistas soviéticos fizeram uma grande publicidade à coexistência pacífica krutchevista, ao mundo sem armas e sem guerras, à via pacífica e parlamentar; pregaram que o imperialismo e os seus chefes de fila se tornaram razoáveis e mudaram de natureza, que já não são agressivos, etc. Puseram Staline, a sua obra e os seus ensinamentos em causa, ligaram-se aos revisionistas jugoslavos, intensificaram a diversão e os ataques contra as forças revolucionárias que defendiam o marxismo-leninismo.

O Partido do Trabalho da Albânia e o camarada Enver Hoxha insurgiram-se com determinação e abriram o fogo contra a linha traidora e contra este plano extremamente perigoso dos revisionistas krutchevistas.

O nosso Partido nunca se conciliou com a essência das teses do XX Congresso nem com os actos de

Nikita Krutchev. De Partido para Partido, o Partido do Trabalho da Albânia deu a conhecer aos dirigentes soviéticos as suas próprias opiniões sobre estas contestações. Apesar disso, fiel aos seus pontos de vista na propaganda e na acção concreta, pontos de vista e propaganda que aliás são incompatíveis com as teses krutchevistas, partindo de razões tácticas e do facto dos próprios dirigentes soviéticos, sobretudo Krutchev, mudarem de opinião todos os dias, o nosso Partido, até 1960, ainda não se tinha empenhado na polémica aberta.

Mas a reunião de Bucareste estava ali. Krutchev atacou abertamente o Partido Comunista da China, e todos os que defendiam o marxismo-leninismo, e colocavam obstáculos à realização dos planos diabólicos dos revisionistas. O nosso Partido e o camarada Enver Hoxha consideraram que Krutchev e os seus adeptos tinham feito extravasar o copo. Era preciso golpear a arrogância e a brutalidade de Krutchev, a sua atitude de patrão e de chefe de orquestra, era preciso destruir a máscara de oportunismo dos dirigentes soviéticos.

Em Bucareste, o nosso Partido, com um espírito internacionalista elevado, tomou a defesa do Partido Comunista da China. Sem temer as consequências, opôs-se firmemente à conspiração krutchevista. No tomo 19, sobretudo nos radiogramas enviados ao camarada Hysni Kapo em Bucareste, há materiais muito interessantes que testemunham a grande importância que o Partido e o camarada Enver Hoxha deram à denúncia da campanha anti-chinesa dos krutchevistas e à defesa do Partido Comunista Chinês com o camarada Mao Tsé-tung à cabeça, e da táctica hábil e das atitudes claras adoptadas pelo Partido.

A reunião de Bucareste representa o primeiro confronto aberto com o revisionismo krutchevista. Mas o nosso Partido tinha decidido travar a batalha decisiva em Moscovo, perante a grande assembleia dos 81

partidos. O seu objectivo era desmascarar ideológica e politicamente o revisionismo krutchevista, lançar um apelo à união das forças revolucionárias, para levantar bem alto a bandeira do leninismo, que os revisionistas tinham arrastado na lama.

O camarada Enver Hoxha sublinhava bem que nós não estávamos mal de declarações, «que a nossa tarefa não consiste em aumentar a colecção de declarações», que a reunião de Moscovo não devia ser uma reunião conciliadora, pacifista, para cobrir de lustro os erros graves. Nós, dissera ele, «não toleraremos que a reunião de Moscovo seja uma reunião de revisionistas e de pacifistas de direita, lutaremos para que esta reunião seja uma reunião marxista, militante e construtiva. Não existe outra alternativa» (tomo 19, pág. 290, edição albanesa).

O discurso do camarada Enver Hoxha na reunião dos 81 partidos, que se reveste sempre dum grande valor actual, reflecte a linha de luta do nosso partido contra o revisionismo krutchevista. Neste discurso, faz-se uma crítica esmagadora aos pontos de vista oportunistas dos dirigentes soviéticos sob todos os aspectos fundamentais, e é apresentada a posição do Partido do Trabalho da Albânia relativamente às questões mais importantes do desenvolvimento mundial, da estratégia e da táctica, e das relações entre os partidos comunistas e os países socialistas.

Em Moscovo, o camarada Enver Hoxha atingiu o alvo. Demonstrou que a origem do mal que se tinha apoderado do movimento comunista devia ser procurada no XX Congresso e nas suas decisões. Era aí que tinha origem a contra-revolução na Hungria e os acontecimentos na Polónia, os grandes abalos nalguns partidos, assim como o aumento da histeria anticomunista. O camarada Enver Hoxha, apoiando-se em argumentos irrefutáveis, rejeitou, uma a uma, as teses revisionistas e as acções antimarxistas dos dirigentes

soviéticos, pondo a claro os seus objectivos reaccionários.

Ele demorou muito tempo na análise do imperialismo, e dos problemas da guerra e da paz, e em oposição ao ponto de vista krutchevista, destacou a opinião do nosso partido segundo a qual «o imperialismo, e em primeiro lugar o imperialismo americano, não mudou nem de pele, nem de natureza», que «o imperialismo é agressivo, e será agressivo, enquanto lhe restar um dente».

O camarada Enver Hoxha denunciou e atacou violentamente a pretensa coexistência pacífica krutchevista. A coexistência krutchevista reflectia o plano estratégico dirigido pelos dirigentes soviéticos para chegar a uma aproximação e a uma cooperação estreita com o imperialismo, a fim de ambos liquidarem a revolução, sufocarem as lutas de libertação nacional e conservarem e aumentarem as suas zonas de influência. Era uma grande diversão que visava desarmar ideológica e politicamente as massas, e deixá-las sem defesa frente aos futuros ataques do imperialismo e do social-imperialismo.

A vida confirmou inteiramente a justeza dos pontos de vista do nosso Partido. Ainda hoje, depois de 15 anos, o imperialismo e o novo imperialismo soviético constituem o pior perigo para os povos, para a sua liberdade e para a revolução. A experiência histórica, a longa luta multiforme das forças revolucionárias para defender a linha anti-imperialista e a mobilização das massas em seu redor, ensina os povos a não terem ilusões sobre o imperialismo antigo e novo e a não os substimarem.

O camarada Enver Hoxha, no seu discurso à reunião de Moscovo, denunciou vivamente a tese oportunista da via pacífica, como revisão das questões fundamentais do marxismo, como um esforço para convencer os operários a abandonar a luta revolucionária, de

classes. Sublinhou que «nenhum povo, nenhum proletariado e nenhum partido comunista ou operário chegou ao poder sem verter o seu sangue e sem recorrer à violência». O tempo confirmou, de novo, completamente, os pontos de vista do nosso partido. A via pacífica dos revisionistas para passar ao socialismo foi a causa da tragédia indonésia e da tragédia chilena.

No seu discurso frente aos representantes dos 81 partidos, o camarada Enver Hoxha denunciou os objectivos hostis da campanha revisionista anti-stalinista e defendeu com força o nome e a obra de Staline. Os krutchevistas atacaram e difamaram Staline porque, sem se desembaraçarem dele, não podiam abrir as portas ao revisionismo e à ideologia burguesa, às transformações contra-revolucionárias na União Soviética, não teriam podido renegar a experiência histórica da ditadura do proletariado e «destronar» o leninismo. Inventaram a chamada luta contra o «culto da personalidade» e contra «o stalinismo», a fim de intervir brutalmente nos assuntos internos dos outros partidos, de fazer mudar esses partidos de direcção e de trazer ao poder, onde fosse possível, elementos oportunistas e revisionistas.

Defendendo Staline, o nosso Partido defendia o leninismo, as vitórias socialistas conseguidas na União Soviética, defendia a linha revolucionária do movimento comunista, no qual Staline tinha desempenhado um papel histórico e fornecido um grande contributo que permanecerá imortal. «O Partido do Trabalho da Albânia, declarou o camarada Enver Hoxha, considera que não é justo, nem natural, nem marxista, que de toda esta época sejam apagados o nome e a grande obra de Staline, como está a ser feito. A obra fecunda e imortal de Staline, compete-nos a nós defendê-la e quem a não defender é um oportunista e um cobarde» (tomo 19, pág. 457).

Quanto ao revisionismo jugoslavo, o camarada Enver Hoxha, condenando violentamente a atitude adoptada pela direcção soviética em relação àquele, fez uma análise e uma crítica profunda do conteúdo ideológico oportunista e da actividade hostil do revisionismo jugoslavo. Sublinhou que a luta contra o revisionismo moderno não tinha acabado, como diziam os soviéticos, visto que ele era sempre o inimigo principal do movimento comunista internacional. O revisionismo devia ser combatido por toda a parte onde se manifestasse, onde se praticasse, sob qualquer forma e aspecto que se apresentasse. Se o revisionismo é concebido e tratado como um fenómeno passageiro, localizado, então não será combatido na prática e as vias da sua proliferação não serão cortadas.

A posição do Partido do Trabalho da Albânia em Bucareste e em Moscovo tinha origem numa preocupação profunda pelos destinos da revolução e do socialismo, pela unidade marxista-leninista do movimento comunista internacional. Os dirigentes revisionistas soviéticos, a fim de estabelecer a sua hegemonia e o seu domínio nas suas relações com os partidos comunistas e os países socialistas, violavam brutalmente todas as normas e princípios. Contra estes métodos e estas actividades antimarxistas, por detrás das quais se situava o chauvinismo de grande Estado, se insurgiram com força o nosso Partido e o camarada Enver Hoxha.

Criticando com coragem a conspiração krutchevista contra o Partido Comunista da China, em Bucareste assim como as tentativas de Krutchev para submeter e dirigir a seu bel-prazer todos os partidos comunistas, o camarada Enver Hoxha defendeu os princípios leninistas de independência e de igualdade que devem existir nas relações entre os partidos comunistas e os Estados socialistas.

Na reunião de Moscovo, o camarada Enver Hoxha, exprimindo a vontade do Partido e de todo o povo, denunciou a linha e os actos chauvinistas dos krutchevistas em relação à Albânia, sobretudo as suas actividades hóstis depois da reunião de Bucareste, rejeitou as acusações e as calúnias revisionistas, defendeu firmemente o Partido e o nosso país.

Quinze anos decorreram desde a reunião de Moscovo. Nessa altura, denunciando a linha revisionista da direcção soviética, o nosso Partido, inquieto com o futuro da União Soviética, fez um apelo ao Partido Comunista da União Soviética para que mudasse de linha, antes que fosse demasiado tarde e voltasse à via leninista. Mas a direcção krutchevista permaneceu nas suas posições antimarxistas e empenhou-se rapidamente na via da traição. Actualmente, todos vêm as consequências desta linha catastrófica.

A traição krutchevista liquidou a ditadura do proletariado, saída da revolução de Outubro. O seu lugar foi ocupado pela ditadura burguesa revisionista, representada pelas camadas de burocratas, de tecnocratas, pela alta hierarquia do exército e da intelligentsia.

As novas reformas económicas destruíram todas as estruturas socialistas. A ideologia, a cultura, a moral, o modo de vida tomaram um conteúdo e uma forma burguesas, e conduziram à degenerescência da vida espiritual. A União Soviética transformou-se num sabotador da revolução e numa superpotência social-imperialista.

A instauração do revisionismo conduziu a consequências lamentáveis nos ex-países socialistas que seguiram a linha de Krutchev. Eles estão debaixo duma dupla opressão, por parte das cliques revisionistas internas e do social-imperialismo soviético. A integração política, económica e militar destes países no sistema central do estado soviético suprime gradualmente a independência que lhes resta. O Tratado de Varsóvia, o Conselho de Entreajuda Económica (COMECON) e as outras

organizações comuns, como mostrou o camarada Enver Hoxha em Moscovo, transformaram-se em instrumentos da dominação soviética.

Os partidos comunistas que seguiram as passadas da direcção soviética, degeneraram completamente. Actualmente, não têm nada de leninista. Suprimiram todas as fronteiras de classe com a burguesia. A sua nova orientação para chegar a uma aliança e a uma colaboração estreita com os grandes partidos da burguesia, como fazem os togliattistas, revela também aos olhos do mundo a capitulação dos partidos revisionistas frente à burguesia.

Todo o campo revisionista se caracteriza pelas contradições, pela degenerescência e a divisão em correntes e grupos diversos. Os dirigentes revisionistas soviéticos não conseguem organizar a nova reunião dos revisionistas, prevista já há muito tempo. Eles não conseguem conter os diversos destacamentos do revisionismo moderno, os quais obedecem cada vez menos aos desejos de Moscovo.

Pelo contrário, a Albânia socialista caracteriza-se por uma situação excelente. Se se tiver isso em linha de conta, compreende-se ainda melhor o quão salvadora e feliz foi a posição de princípio e firme do nosso Partido, o quão justa e revolucionária foi a sua linha, incompatível e inconciliável com o revisionismo krutchevista.

Quando o nosso Partido começou a luta aberta contra os revisionistas soviéticos, quando desmascarou a sua actividade antimarxista, os krutchevistas enraiveceram-se e tentaram tudo contra a Albânia socialista. Mas o Partido não se demoveu e não se intimidou. Tinha decidido desde há muito: «Nós, os albaneses, não violamos os princípios, não traímos o marxismo-leninismo» — declarava o camarada Enver Hoxha na reunião do Bureau Político, na véspera da reunião de Moscovo —, «mesmo que o pão nos venha a faltar. Que

isto fique claro para todos, amigos ou inimigos.» (tomo 19, p. 338).

Os inimigos esperavam que a Albânia capitulasse. Ora eles cometeram um engano grosseiro. A Albânia não capitula, não se deixou minar e não foi vencida, nem pelos blocos, nem pelas pressões ferozes dos revisionistas. A Albânia socialista apoia-se sempre fielmente no marxismo-leninismo e progride triunfalmente na via da edificação socialista. Ignora as recessões, as perturbações e as crises, que fustigam actualmente os países revisionistas, e todo o mundo capitalista.

A Albânia socialista está ligada por uma amizade sincera e fraterna à grande China de Mao Tsé-tung. Esta amizade e esta cooperação fraternas baseiam-se na fidelidade aos princípios, na aplicação, de forma consequente e justa, do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, na determinação em defender e servir até ao fim a causa da revolução e da libertação dos povos. A luta que o Partido Comunista da China, com o camarada Mao Tsé-tung à cabeça, conduz contra o revisionismo krutchevista, a contribuição que ele traz à defesa do marxismo-leninismo, o seu apoio às forças revolucionárias e de libertação serão sempre tidos em grande consideração, e respeitados, como um notável exemplo de determinação revolucionária e de devotação à causa do comunismo. A criação de novas organizações e partidos marxistas-leninistas constitui um grande sucesso do marxismo-leninismo sobre o revisionismo. Estes partidos resolvem, actualmente, duma forma justa, uma série de problemas importantes, ideológicos, políticos e organizativos, que a vida e a luta revolucionárias lhes colocam, consolidam cada vez mais a sua unidade marxista-leninista, multiplicam os seus laços com as massas e tomam uma parte activa nas grandes batalhas de classe contra o capitalismo e o imperialismo.

A luta e a polémica abertas, em que o Partido do Trabalho da Albânia, o Partido Comunista da China

e as outras forças marxistas-leninistas se empenharam, em 1960, contra o revisionismo krutchevista, ainda não acabaram. Devem continuar e desenvolverem-se sem tréguas. Isso é indispensável, visto que a actual direcção soviética, com Brejnev à cabeça, que é o herdeiro e o sucessor directo de Krutchev, aprofundou mais a linha antimarxista, contra-revolucionária do revisionismo e içou a bandeira do hegemonismo e da expansão imperialista. Os outros partidos revisionistas, em diversos países, conduzem uma actividade venenosa e de desorientação da classe operária e das massas trabalhadoras, e unidos aos sociais-democratas e à burguesia, combatem contra as forças sãs, revolucionárias e travam a revolução e as lutas de libertação dos povos.

Conduzindo uma dura luta, em todos os domínios, contra o revisionismo krutchevista, o Partido do Trabalho da Albânia soube aprender com esta luta e tirar lições úteis da experiência negativa da degenerescência revisionista na União Soviética e nos outros países.

O Partido do Trabalho da Albânia, na luta histórica contra o revisionismo krutchevista, ao denunciar, sem nenhuma concessão, a linha do programa revisionista da degenerescência burguesa e da restauração do capitalismo, traçou simultaneamente uma linha e um programa revolucionário marxista-leninista, mostrando como era necessário fazer avançar, sem interrupção, a revolução e a edificação do socialismo, como era necessário barrar a via ao perigo do revisionismo e do retorno ao capitalismo. Este programa, que constitui uma nova contribuição para a teoria e para a prática do socialismo científico, foi aplicado e continua a ser aplicado todos os dias na Albânia. Demonstrou que a propagação do revisionismo nos países socialistas está longe de ser uma fatalidade, como pretendem os ideólogos burgueses, que a marcha do socialismo é ininterrupta, se se seguir, de forma consequente, uma linha revolucionária marxista-leninista.

O nosso país desenvolveu, segundo uma linha correcta, a luta de classes, reforçou e melhorou constantemente o papel dirigente do Partido em todos os domínios, consolidou continuamente o Estado da ditadura do proletariado, aprofundando a luta contra o burocratismo e o liberalismo, aplicou a linha de massas e o controlo directo da classe operária e o princípio marxista-leninista do apoio sobre as próprias forças na edificação do socialismo. O nosso Partido e o nosso poder popular reforçaram a defesa do país pelo armamento e a preparação militar de toda a população, lutaram corajosamente contra a agressão ideológica estrangeira, e fizeram frente com sucesso aos blocos e ao cerco imperialista e revisionista.

A experiência ensinou, ao nosso Partido e ao nosso povo, a estarem sempre vigilantes, em relação aos inimigos internos e externos. Esta experiência mostrou-lhes que, no longo processo de edificação socialista, em particular nos momentos em que a luta de classes se torna mais dura, ou então quando a pressão do cerco imperialista e revisionista se torna maior, os inimigos dissimulados internos levantam a cabeça e, em colaboração com o revisionismo e a reacção internacional, esforçam-se por minar a ditadura do proletariado, por criar as premissas e as situações susceptíveis de derrubar o socialismo e restaurar o capitalismo. Os novos materiais publicados no tomo 19, a propósito dos inimigos do Partido, Koco Tashko, Liri Belishova, etc., assim como toda a experiência passada e actual da luta do partido e das massas contra os inimigos e traidores, demonstram que existe um laço directo entre os inimigos internos e externos, sobretudo com os inimigos revisionistas, uma coordenação das acções a fim de atacar o Partido, o poder popular, a unidade e a segurança da nossa pátria.

Tais elementos degenerados que se colocaram ao serviço dos inimigos, nunca encontrarão brechas nas

fileiras do nosso Partido nem na unidade Partido-povo, nunca encontrarão terreno onde o seu trabalho diabólico e de sapa se possa implantar. «A luta de classes — disse o camarada Enver Hoxha —, a que o nosso Partido e o nosso povo se entregam com tanto sucesso, firmeza e vigilância, descobre e destrói sem piedade esses cancros da nossa sociedade».

Este discurso histórico do camarada Enver Hoxha na reunião de Moscovo assim como todos os escritos do tomo 19 das suas obras, suscitaram junto dos comunistas albaneses e junto das massas trabalhadoras, um orgulho legítimo pelo seu Partido heróico, pela sua linha revolucionária, pela sua fidelidade inquebrantável ao marxismo-leninismo e ao internacionalismo proletário. Eles ganham entusiasmo pela sua luta infatigável e ganham coragem e forças novas para permanecerem sempre de cabeça erguida e para saírem sempre vencedores das batalhas, guiados pelo Partido. Dos documentos do tomo 19, compreendem ainda melhor que a única política justa é a política de princípio, e que a base de todas as vitórias é a linha justa do Partido.

É dever de todos os comunistas e de todos os albaneses lançarem-se ainda mais obstinadamente ao estudo do marxismo-leninismo, dos documentos do nosso Partido e das obras do camarada Enver Hoxha. Deve ser consagrada uma atenção especial à assimilação de todos os documentos que o tomo 19 contém. Fornecem uma base teórica importante e uma rica experiência para lutar e vencer no combate contra o revisionismo moderno e contra os inimigos do socialismo, para compreender as diferentes situações que se criam no mundo, para defender sempre com coragem e em todas as situações a linha justa do Partido, os ensinamentos do marxismo-leninismo. Estes documentos educam e inspiram no sentido de se caminhar sempre em frente, na causa do Partido e do socialismo.

A luta heróica do nosso Partido inspira uma grande confiança e uma convicção inabaláveis de que não existe força no mundo que possa vencer um Partido comunista autêntico e um povo revolucionário e patriota, como o nosso Partido e o nosso povo são, que não há força no mundo que possa vencer o marxismo-leninismo. Não nos encontramos sozinhos no nosso caminho e na nossa luta. Centenas de milhões de homens, em todos os continentes, pensam e lutam como nós, os albaneses. A revolução avança. O futuro pertence ao marxismo-leninismo, ao socialismo, à liberdade e à independência dos povos.

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

Enver Hoxha

PRIMEIRA PARTE

Extractos do tomo 19 das Obras do camarada Enver Hoxha, aparecidos no **Boletim da Agência Telegráfica Albanesa,** de 20 a 25 de Novembro de 1975, relativos ao período de **Junho a Julho de 1960.**

COMUNICADO DA AGÊNCIA ATA: «A ATA publicará, no seu boletim, materiais do tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha, respeitantes à luta do Partido do Trabalho da Albânia contra o revisionismo krutchevista.»

Tirana, 20 de Nov. de 1975: «Como foi anteriormente anunciado, apareceu recentemente o tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha, primeiro secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia. Este tomo compreende **relatórios, discursos, radiogramas, conversações e outros escritos,** relativos ao período de **Junho a Dezembro de 1960.**

Os materiais deste tomo têm uma importância especial. Reproduzem, sem deixar dúvida alguma, a luta de princípios, corajosa e sagaz, que o Partido do Trabalho da Albânia conduziu, na reunião de Bucareste e na reunião de Moscovo, em defesa do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário, contra a actividade cisionista e antimarxista da direcção revisionista soviética, com Krutchev à cabeça.

A maior parte dos documentos deste tomo são inéditos.»

PREFÁCIO AO TOMO 19 DAS OBRAS DO CAMARADA ENVER HOXHA

Tirana, 20 de Nov. (ATA): «Reproduzimos extractos do prefácio do tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha:

Na sequência das obras do camarada Enver Hoxha, os documentos deste volume ocupam um lugar especial. Estes documentos, cuja maioria são inéditos, pertencem ao período de Junho a Dezembro de 1960. Era uma época muito tormentosa, em que, no movimento comunista internacional e nas relações entre certos períodos tinham surgido profundos desacordos ideológicos e políticos. Neste período, o nosso Partido teve de tomar decisões de particular importância e de se levantar, abertamente, perante todo o movimento comunista internacional, para defender o marxismo-leninismo contra a nova e perigosa corrente revisionista que se cristalizava no seu seio: o revisionismo krutchevista.

Neste volume, o lugar de destaque pertence aos documentos que elaboram a linha estratégica e táctica do Partido do Trabalho da Albânia contra a propagação do revisionismo moderno e sobretudo contra a actividade cisionista antimarxista da direcção soviética, com Krutchev à cabeça. Até essa altura, o Partido do

Trabalho da Albânia tinha dado a conhecer à direcção soviética as suas oposições e reservas sobre uma série de teses e actos injustos da direcção soviética. Mas os factos provavam que o grupo de Krutchev continuava a seguir com obstinação uma via turtuosa e cheia de perigo para o movimento comunista internacional, o que foi claramente demonstrado pelas manobras de bastidores que tramou na reunião de Bucareste. Nestas circunstâncias, tornava-se necessário que a linha e as posições antimarxistas da direcção soviética fossem submetidas a uma crítica aberta e corajosa frente a todos os partidos comunistas e operários.

O tomo 19 oferece um quadro claro da luta consequente, conduzida pelo Partido do Trabalho da Albânia, na reunião de Bucareste e na reunião de Moscovo. Em Bucareste, o Partido do Trabalho da Albânia recusou que fossem julgados os pretensos erros do Partido Comunista Chinês; recusou que o Partido Comunista Chinês fosse denunciado com base em materiais cheios de acusações caluniosas, habilmente montados pela direcção soviética, sem ter dado tempo nem possibilidade ao Partido Comunista Chinês para ler esses materiais e exprimir a sua opinião. Na reunião de Moscovo, o nosso Partido interveio com uma audácia revolucionária, e, perante o movimento comunista internacional, criticou abertamente a linha errada da direcção soviética sobre uma série de importantes questões de princípio. O Partido do Trabalho da Albânia nunca fez concessões de princípio e não aceitou seguir a linha revisionista do grupo de Krutchev. A série de documentos que este volume contém — relatórios, discursos, discussões e entrevistas — são disso um testemunho vivo.

Publicaram-se nele, igualmente, radiogramas e cartas enviadas de Tirana para Bucareste, para Moscovo, para Pequim e para Nova York, que transmitiam as directrizes do Partido do Trabalho da Albânia e a sua linha

revolucionária. A assinatura «Shpati» (um dos nomes de guerra que o camarada Enver Hoxha utilizou durante a luta de libertação), no fim de certos radiogramas, evoca os tempos tempestuosos da luta de Libertação Nacional.

A luta ideológica entre o Partido do Trabalho da Albânia e a direcção soviética torna-se mais áspera depois da reunião de Bucareste, quando o grupo de Krutchev lançou uma severa campanha contra o Partido do Trabalho da Albânia, a fim de o fazer ajoelhar-se e de o obrigar a seguir a linha revisionista. A ameaça e a demagogia foram os dois principais métodos a que o grupo Krutchev recorreu, no início. Por outro lado, não deixou de agir por intermédio da embaixada soviética em Tirana, que paralelamente fazia um trabalho hostil e cisionista contra o Partido do Trabalho da Albânia e a sua direcção. A direcção soviética krutchevista tentou «tomar a cidadela por dentro». Com este objectivo, manipulou e colocou ao seu serviço Liri Belishova (antigo membro do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, agente do revisionismo soviético excluído do Partido «NDLR») e Koko Tashko (antigo presidente da Comissão de Fiscalização e de Revisão do Partido do Trabalho da Albânia, agente do revisionismo soviético excluído do Partido «NDLR»). Os pontos de vista e as posições destes inimigos estavam em oposição aberta à justa linha seguida pelo nosso Partido contra a direcção soviética, com Krutchev à cabeça. Mas os seus esforços para rever a linha do nosso Partido fracassaram. Os materiais deste volume colocam em evidência, não só a actividade dos inimigos externos, como também a dos internos, evidenciam a luta de classe conduzida pelo Partido do Trabalho da Albânia a fim de defender a sua unidade de aço, a sua linha justa e a pureza do marxismo-leninismo.

Os escritos deste volume reflectem a luta do Partido do Trabalho da Albânia para se temperar ideologicamente e para se reforçar do ponto de vista de organização. Este volume é composto por relatórios, discursos e discussões do camarada Enver Hoxha, tidos nos quatro plenários do Comité Central, que tiveram lugar na segunda metade do ano de 1960, assim como cartas dirigidas às organizações de base do Partido. Contém igualmente várias discussões no Bureau Político e no Secretariado do Comité Central. Estes materiais tratam dos problemas respeitantes ao incremento do papel dirigente do Partido, ao reforço da ditadura do proletariado, ao reforço da unidade do povo em torno do Partido, à educação revolucionária, à vigilância política e ideológica, à determinação combatente para defender a Pátria, etc. A época exigia o desenvolvimento do trabalho do Partido, a sua revolucionarização contínua.

Os escritos deste volume colocam explicitamente em evidência o elevado espírito patriótico do nosso povo para realizar com sucesso o segundo plano quinquenal, para fazer face às pressões económicas que o grupo de Krutchev tinha começado e que no futuro iam ser ainda maiores. Sob a direcção do Partido, nos sectores económico, cultural e social, foram obtidos sucessos importantes.

Os ensinamentos que provêm dos documentos deste volume são importantes. Os escritos do tomo 19 constituem um fundamento rico da teoria e da prática revolucionária do nosso Partido, um grande contributo ao tesouro do marxismo-leninismo.

SIGAMOS COMO SEMPRE UMA LINHA CORRECTA

Intervenção do camarada Enver Hoxha na reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, tida em 22 de Junho de 1960.

Tirana, 20 de Novembro de 1975 (ATA): «O ano de 1960 é a altura em que, em consequência da traição do grupo dirigente revisionista soviético, com Krutchev à cabeça, uma contracorrente revisionista se propaga com rapidez. O movimento comunista e operário internacional confrontava-se com um feroz ataque contra-revolucionário.

Em Junho de 1960, na reunião dos Partidos Comunistas e Operários, em Bucareste, Krutchev lançou abertamente o ataque contra o Partido Comunista Chinês e contra todos os que defendiam o marxismo-leninismo e entravavam a realização dos planos diabólicos do revisionismo. Nesta época crítica para a causa do comunismo, o Partido do Trabalho da Albânia escolheu a única via justa, a da luta frontal ao revisionismo krutchevista.

Transcrevemos a intervenção do camarada Enver

Hoxha na reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, tida em 22 de Junho de 1960: «Sigamos como sempre uma linha correcta».

«A questão de que falaremos hoje» — disse o camarada Enver Hoxha —, «diz respeito à reunião de Bucareste. Como decidimos, enviámos à Roménia uma delegação do Partido, conduzida pelo camarada Hysni Kapo (membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia — nota da redacção), para participar nos trabalhos do 3.° Congresso do Partido Comunista da Roménia. Além da sua participação nos trabalhos do Congresso do Partido Operário da Roménia, a nossa delegação foi igualmente autorizada a participar na reunião dos representantes dos Partidos Comunistas e Operários do campo socialista, para fixar, segundo o acordo concluído, o lugar e a data duma reunião de todos os partidos, onde se discutirá, entre outras coisas, desacordos que existem entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China.

Não restam dúvidas de que estes desacordos devem ser resolvidos o mais depressa possível e na via marxista-leninista, em primeiro lugar entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês e, depois, no caso destes desacordos não serem resolvidos entre eles, então será necessário apresentar as teses para uma discussão entre os partidos, em que os representantes dos Partidos comunistas e operários darão a sua opinião, para que os desacordos sejam resolvidos numa via justa. Mas os dirigentes soviéticos, em Bucareste, fazem esforços para que se fale desde já desses desacordos. No radiograma que nos envia, o camarada Hysni diz que, já que a reunião dos representantes dos Partidos comunistas e operários foi adiada, os Soviéticos propõem organizar um encontro com os representantes de todos os partidos presentes,

encontro em que serão apresentados os desacordos que existem entre a União Soviética e a China, segundo a versão da União Soviética, evidentemente. Segundo Krutchev, no decurso deste encontro, podem-se tomar decisões e todos os partidos podem exprimir as suas opiniões, solidarizarem-se com a União Soviética e a Declaração da Reunião de Moscovo do ano de 1957, que, como disse Krutchev, «não é cumprida pelos camaradas chineses». Tudo isto se faz discutindo com as delegações e manipulando-as uma após outra, a fim de dizer, seguidamente, à delegação do Partido Comunista Chinês, se deve permanecer ou não no campo socialista. Diz-se que esta reunião não tem por objectivo isolar a China, mas sim que ela teve lugar para que «nós fôssemos informados, para que nós adoptássemos uma atitude comum».

Eu sou de opinião que a decisão que nós tomámos é justa. Não devemos escutar apenas o que dizem os soviéticos, mas também o que dizem os chineses, seguidamente devemos discutir e dizer qual é a nossa opinião. É por isso que se põe a questão: «que posição a nossa delegação adoptará nesta reunião, maquinada pelos soviéticos, com Krutchev à cabeça?». Nela sofremos muitas provocações, a que Hysni resistiu firmemente, mas tem necessidade da nossa ajuda e das nossas recomendações, porque se encontra frente a um monte de dificuldades, de pressões e das mais diversas provocações.

Como sempre, devemos seguir uma via justa, porque temos uma grande responsabilidade frente ao nosso povo. Somos um Partido marxista-leninista, e devemos adoptar em todas as ocasiões uma posição marxista-leninista. A vida mostrou que, se nós nunca fomos abalados, foi porque, mesmo actualmente, não há força que nos possa desviar da via justa que o nosso Partido segue. Nos nossos pensamentos e posições em relação aos revisionistas jugoslavos, a vida mostrou que não

nos enganámos, que elas foram justas. Se Krutchev e companhia adoptaram uma outra posição, não combatendo os revisionistas jugoslavos, é assunto deles, decidiram assim, mas nós também temos o direito de dizer a nossa opinião. Nós temos apoiado a Declaração da Reunião de Moscovo do ano de 1957, não só sobre a questão jugoslava, como também sobre outras questões, tais como: a unidade do campo socialista, a coexistência pacífica, etc... Mas por outro lado, sobre numerosas questões que a Declaração engloba, nós emitimos reservas que expusemos aos soviéticos, ou então manifestámos a nossa posição na imprensa e na propaganda do Partido. Nós somos pela coexistência pacífica, mas tal como ela foi concebida por Lenine, não para a estender ao domínio da ideologia, porque isso é demasiado perigoso.

Quanto ao desarmamento, a experiência demonstrou que o imperialismo não se desarma, pelo contrário, arma-se cada vez mais. Então como podemos nós desarmar-nos? Pelo contrário, devemos estar vigilantes. E nós estamo-lo e temos feito bem. Com base na linha que o nosso Partido seguiu, o povo e todos os comunistas estão prontos a levantar-se em luta contra qualquer perigo de agressão. Há questões pelas quais podemos dizer aos soviéticos que eles não estão em regra, podemos dizer-lhes por exemplo, «nós não estamos de acordo que vocês não denunciem até ao fim os revisionistas jugoslavos». Da mesma maneira, se tivermos qualquer coisa a dizer de outros, di-lo-emos abertamente, num espírito de camaradagem, segundo a via marxista-leninista. Assim, devemos preparar-nos para todas estas coisas e devemos ir à reunião dos representantes dos Partidos comunistas e operários para dizer a nossa opinião. Sobre todas estas questões, cada um deve adoptar uma atitude marxista-leninista clara e firme, e não se deve permitir que haja provocações da parte duns ou de outros. Uma vez chegado

a Moscovo, o camarada Gogo Nushi (membro do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia — nota da redacção) foi chamado por Brejnev. Depois de lhe perguntar como se encontrava, apresentou-lhe as teses sobre os chineses. Da mesma maneira, quando o camarada Mehmet Shehu (membro do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia e Presidente do Conselho de Ministros da República Popular da Albânia — nota da redacção), se dirigiu a Moscovo, Kossyguine devolveu-lhe a visita e falou com ele, durante hora e meia, sobre estas questões. O camarada Mehmet Shehu respondeu-lhe dizendo: «se as coisas se apresentam dessa maneira, porque é que se deixou que elas atingissem este ponto crítico, quando existia a possibilidade de as resolver duma forma marxista-leninista, primeiro entre os dois partidos, e seguidamente, se fosse necessário, numa reunião de todos os partidos». Mehmet disse-lhe que «o nosso Partido adoptará uma posição justa, de princípio, marxista-leninista e não resvalará para posições sentimentais e oportunistas».

Na carta que envia, o camarada Hysni diz que Teodor Jivkov lhe fez uma provocação. Disse-lhe: «Que faz a Albânia? Só a Albânia é que não está de acordo.» O camarada Hysni respondeu-lhe: «o que é que quer dizer com isso?» e então Jivkov disse-lhe: «eu gracejava». Hysni respondeu-lhe que é preciso ter alguma coisa em mente para dizer «só a Albânia não está de acordo». Ele respondeu outra vez: «eu gracejava».

Os búlgaros publicaram, numa brochura ilustrada, uma carta da península balcânica na qual a Albânia é apresentada como uma parte da Jugoslávia. A este propósito, eu disse a Behar Shtylla (nessa época Ministro dos Negócios Estrangeiros da República Popular da Albânia — nota da redacção), para chamar o embaixador búlgaro, para lhe dizer «o que significa isto,

e exigir que se retire imediatamente da circulação essa brochura».

Penso que convém esclarecer o camarada Hysni sobre as questões que acabamos de discutir aqui.

Quero sublinhar que a nossa força reside na unidade de pensamento e de acção da nossa direcção e de todo o Partido, o que é de uma importância extraordinária. A nossa unidade baseia-se nos ensinamentos do marxismo-leninismo, e é por isso que é necessário temperá-la cada vez mais. Marchámos e continuamos a marchar nessa via lutando pela aplicação correcta e até ao fim das decisões que tomámos em comum. Aqui, no Bureau Político, e quando é necessário, consultamo-nos de novo. Mas nos casos em que um de nós se encontrar em dificuldades e fique só, e que não haja a possibilidade de consultar os outros, deve agir, tal como agíamos na época da guerra, em que, mesmo sem camarada, era necessário decidir lançar ou não todas as nossas forças ao ataque, era necessário defender e aplicar a linha do Partido.»

CARTA DIRIGIDA A 22 DE JUNHO DE 1960 AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

Tirana, 21 de Novembro de 1975 (ATA): A reunião de Bucareste era para os comunistas e para os revolucionários do mundo uma prova de grande responsabilidade para com a causa do marxismo-leninismo e do movimento comunista e operário. A posição de princípio do Partido do Trabalho da Albânia sobressai claramente das instruções e das directrizes que o camarada Enver Hoxha enviou ao camarada Hysni Kapo, chefe da delegação do Partido do Trabalho da Albânia à reunião de Bucareste. Nós publicamos a carta dirigida ao camarada Hysni Kapo em Bucareste, a 22 de Junho de 1960, incluída no tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha.

O camarada Enver Hoxha escreve: «Nós recebemos os vossos telegramas e a vossa carta e estudámo-los no Bureau Político. Pensamos unanimemente que a situação se apresenta duma forma muito crítica e que se desenvolve de forma muito incorrecta, do ponto de vista do Partido. O nosso Bureau Político considera que o desenrolar dos acontecimentos, a maneira como é fomentado e estendido o conflito entre a União Soviética e a China são muito erradas, nocivas e

perigosas e é por isso que o nosso Bureau Político não se pode conciliar de nenhuma maneira com os métodos e as formas utilizadas para resolver este conflito que custa caro ao nosso campo socialista e ao comunismo internacional. O nosso Bureau Político apoia-se firmemente, como sempre, na linha marxista-leninista, segundo a qual não se deve de maneira nenhuma deixar agravar os desacordos entre a União Soviética e a China, que é preciso não deixar o conflito aprofundar-se, mas antes é necessário resolvê-lo na via e pelos métodos marxistas-leninistas.

O Bureau Político pensa que os desacordos existentes entre a União Soviética e a China foram levados ao conhecimento dos partidos comunistas e operários duma maneira não conforme às regras leninistas, mas episodicamente, através de polémicas abertas ou camufladas na imprensa e verbalmente. Não é o método justo para resolver um tal conflito se se desejasse como exige o marxismo-leninismo, que os outros Partidos também interviessem e contribuíssem para esta solução, pela sua experiência e pelo seu peso. Esta ajuda, até há pouco tempo ainda não foi solicitada, e mesmo agora, segundo os telegramas que tu nos enviaste, do lado soviético, procura-se evitar esta forma justa de resolver a questão. Nós chegamos portanto à conclusão de que não se fizeram todos os esforços para aclarar estas questões entre os dois maiores Partidos do campo socialista, de forma correcta e objectiva, na via marxista-leninista. Por outro lado, parece-nos que o regulamento da questão por uma reunião onde participarão também os Partidos comunistas e operários do nosso campo, não foi tomada muito a sério, na medida em que os dois partidos em desacordo não apresentaram oficialmente aos outros Partidos irmãos as suas teses e os seus pontos de vista sobre estes desacordos. O Bureau Político considera que o nosso Partido assume uma responsabilidade tão

grande como a de todos os outros Partidos, tanto pelo reforço da unidade do campo socialista na via marxista-leninista como pela salvaguarda da pureza do Partido e do marxismo-leninismo. A União Soviética é cara ao nosso Partido, mas a China é-o igualmente. É por isso que não nos é permitido cometer erros, não nos é permitido comprometer o Partido no impasse e na confusão ideológica e política. Nós não fizemos nem nunca faremos isso.

Quando se trata da defesa dos princípios, não temos em consideração que isso possa desagradar a quem quer que seja. As justas posições marxistas-leninistas dirigiram e dirigirão sempre o nosso Partido e este sempre se caracterizará pela coragem de princípio marxista-leninista. Agora, que atitude é preciso tomar face aos acontecimentos que se desenrolam em Bucareste? No que respeita à linha do nosso Partido, tudo é claro, e não merece a pena falar mais dela. Mas já que as paixões se desencadearam sob uma forma incorrecta dum ponto de vista de Partido, deves prestar muita atenção. A resposta deve ser bem reflectida e bem ponderada tendo constantemente em mente o interesse do Partido e do marxismo-leninismo. Mas isso não quer dizer que não seja necessário dar a resposta pronta merecida e taco a taco a quem quer que seja. Assim, por exemplo, não é ridículo e inaceitável que um tal Mogjorosh (Mogjorosh nessa época era membro do Bureau Político do Partido Operário da Roménia — NDLR —), se esforce por nos convencer, a nós albaneses, da justeza da linha da União Soviética e dos «erros» da China? Que Mogjorosh vá vender a sua banha da cobra para outro sítio, e não junto de nós. Nós não temos necessidade que Mogjorosh nos venha «esclarecer» sobre os princípios e as verdades pelas quais o nosso Partido sempre combateu e está pronto a combater a todo o momento. Ou então, por exemplo, faz compreender bem a Andropov (mem-

bro da delegação soviética na reunião de Bucareste — NDLR —), que nós não estamos de acordo que os soviéticos se dirijam aos nossos camaradas, membros da delegação ao Congresso do Partido Operário da Roménia, e lhes digam com um ar de surpresa: «Como? A vossa direcção não vos pôs ao corrente destas questões?». Lembra a Andropov que Mikoyan quis dar parte destas questões só ao camarada Enver e que foi este (Enver) que, pela sua própria iniciativa, levou consigo o camarada Mehmet Shehu. Mikoyan pediu ao camarada Enver para guardar segredo de tudo o que lhe acabava de dizer, e quando pedem isso à nossa direcção, ela cumpre a palavra, visto que não tem o hábito de fazer mexericos. Mas nós vemos, disse o camarada Andropov, junto dos camaradas soviéticos que discutiram com os camaradas da nossa delegação, duas tendências perigosas: a primeira, para sub-estimar o perigo do revisionismo, coisa com a qual nós nunca poderemos estar de acordo, e a segunda: tornar culpada aos olhos dos nossos camaradas, a direcção do nosso Partido, que, parece, não os pôs ao corrente. Diz a Andropov para parar imediatamente com estas tácticas antimarxistas, e que devem saber que a unidade da nossa direcção é de aço, como o é também a sua unidade com todo o Partido do Trabalho, e que aquele que se dedicar, sob uma forma ou outra, a fazer tais tentativas contra ela, pode estar certo de que receberá luta da nossa parte. Diz igualmente a Andropov que não é correcto nem necessário que os camaradas soviéticos ponham ao corrente os nossos camaradas, porque a nossa direcção, que sabe defender o marxismo-leninismo, sabe também colocar os seus membros ao corrente quando é preciso fazê-lo e sobre o que é preciso fazê-lo.

Diz isso a Andropov com sangue-frio, mas tu compreendes bem porque é que é preciso dizê-lo. Eles agem de forma incorrecta e não numa via de Partido,

e é altura de barrar o caminho a estes actos. Diz também a Andropov que «tu ficaste muito desgostoso por ele ter introduzido Mogjorosh, não na qualidade de dono da casa, mas sim para te tentar convencer da justiça da linha da União Soviética e da falsidade da via «errada» da China. Diz-lhe que foi só por cortesia, por te encontrares na casa dele, que não te mostraste justamente «grosseiro».

Ou então, se a ocasião se apresentar de novo, como aquela em que Andropov te disse: «O Partido Comunista Chinês, ao pensar que vocês estavam determinados contra os jugoslavos, esperou juntar-vos a ele, mas enganou-se...», etc., respondendo: «Já passou o tempo em que o nosso Partido do Trabalho e a sua direcção podiam ser enganados por alguns, e tornarem-se partidários de linhas erradas. O nosso Partido forjou-se nas lutas e não avança sobre tábuas podres. Ele apoiou-se e apoiar-se-á sempre na via dos princípios marxistas-leninistas».

Tu deves igualmente tomar em consideração algumas questões que possam ajudar-te antes de chegarmos ao fundo do problema. A situação evolui numa via errada, tramam-se lá manobras de bastidores e provocações. Portanto, mostra-te firme e mostra que na nossa direcção reinam a unidade, a determinação e a coragem.

Conforme às decisões do Bureau Político, tu agirás da seguinte maneira:

Primeiro — chama Andropov e diz-lhe em nome da direcção do Partido (sempre em nome do Partido, em nome da direcção): «Eu comuniquei à minha direcção o que vocês me disseram. A nossa direcção estava, duma forma geral, ao corrente destes desacordos e considerou-os muito graves, nocivos à nossa causa comum, e manifesta de novo a sua opinião de que eles devem ser resolvidos, mas resolvidos na via justa,

segundo as regras organizativas marxistas-leninistas. A nossa direcção manifestou a opinião de que estes desacordos ideológicos e políticos entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista da China, devem ser resolvidos duma forma marxista-leninista, por meio de conversações entre os dois Partidos. Se não o pudessem ser desta maneira, então seria necessário convocar representantes dos Partidos comunistas e operários do campo socialista para discutirem e darem os seus pontos de vista. As posições adoptadas nesta reunião poderiam ser submetidas a uma reunião alargada dos Partidos comunistas e operários, como a de Moscovo do ano de 1957.

Agora, a sessão desta conferência foi decidida. A direcção do nosso Partido considerou esta decisão justa; deu o seu acordo; preparou-se para exprimir a sua opinião sobre as questões, e espera que a data seja fixada». Diz-lhes: «Estou autorizado (eu, Hysni) a discutir a fixação da data. A nossa direcção decidiu e comunicou igualmente que a nossa delegação à próxima reunião será conduzida pelo camarada Enver Hoxha. A nossa direcção considera como prematura e muito prejudicial fazer a reunião sobre os desacordos entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês, como foi proposto fazê-la, agora, em Bucareste, com todos os representantes dos Partidos irmãos comunistas e operários, que vieram ao Congresso do Partido Operário da Roménia. O nosso Partido considera igualmente nociva uma campanha de imprensa mascarada ou aberta, sobre estas questões deliciadas. Quem tem ou não tem razão é a próxima reunião que o julgará. O nosso Partido comprometerá todas as suas forças e a sua modesta experiência para resolver, na via de princípio marxista-leninista, estes graves desacordos. O nosso Partido assume todas as suas responsabilidades, lutará como sempre com honestidade e coragem para defender

a sua justa linha marxista-leninista, para defender o marxismo-leninismo, para defender o campo socialista e a sua unidade. A União Soviética e o Partido bolchevique foram, são e permanecerão muito caros ao nosso Partido. Mas é inegável e indiscutível que a vocês como a nós, e a todo o nosso campo, a grande China é igualmente muito querida. É por isso que a nossa direcção pensa e sublinha de novo que os erros, onde quer que estejam, devem ser detectados realmente na reunião e que se devem fazer todos os esforços, tudo que seja possível, na via e pelos métodos marxistas-leninistas, a fim de os rectificar para bem do socialismo e do comunismo. Tal era a posição oficial da nossa direcção quando ela me enviou a Bucareste e esta posição permanece inalterável ainda neste momento, assim que lhe dei conhecimento de tudo o que você me comunicou».

Diz igualmente a Andropov: «Eu, (eu, Hysni) só estou autorizado a representar o Partido do Trabalho da Albânia no Congresso do Partido Operário da Roménia e a discutir com os representantes dos outros Partidos do campo socialista a marcação da data da próxima reunião. No caso da reunião proposta por vós e pelo Partido Operário da Roménia ter de se fazer imediatamente em Bucareste, como já anteriormente sublinhei, a nossa direcção considera-a antecipada, todavia estou autorizado a participar nela.

Estou autorizado oficialmente a comunicar-vos isso a fim de que o transmitam à vossa direcção. O nosso Partido disse sempre abertamente, sem hesitações, pela via leninista, tudo o que pensa.

Segundo — na reunião que pode ter lugar, conserva o teu sangue-frio. Mede as tuas palavras. Não deves pronunciar-te sobre os desacordos que existem entre a União Soviética e a China. A declaração deve ser curta e concisa.

Em essência, tu declararás isto em nome do Partido:

— O nosso Partido do Trabalho da Albânia aprovou e aplicou as decisões da reunião de Moscovo de 1957.

— Sublinha a política justa, consequente e de princípio do nosso Partido, a fidelidade sem limites ao marxismo-leninismo, o grande amor do nosso Partido e do nosso povo a todos os outros Partidos irmãos comunistas e operários do mundo inteiro, à unidade do nosso campo que não deve ser comprometida de maneira nenhuma, mas que deve reforçar-se e temperar-se na via marxista-leninista.

— Exprime o vivo pesar do nosso Partido a propósito dos desacordos que surgiram entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês, e exprime a convicção de que estes desacordos devem ser regulamentados na via marxista-leninista na próxima reunião dos Partidos comunistas e operários, que se fará mais tarde.

— Exprime a determinação do nosso Partido em lutar lado a lado com os países socialistas, permanecendo sempre vigilante e desmascarando até ao fim e sem perdão o imperialismo e os seus agentes: os revisionistas.

Que estes pontos constituam a essência da tua intervenção.

Nós pensamos que tudo se passará bem. Nós estamos na via justa; segue pois a situação com o sangue-frio e a coragem revolucionária que te caracterizam.

Conserva-nos ao corrente de tudo.

Uma boa notícia: choveu ontem com abundância por toda a parte.

Todos os camaradas te enviam as suas saudações,

Abraço-te, — Enver

P.S. — Responde pela negativa a qualquer tentativa ou sugestão da parte dos soviéticos no sentido da minha ida a Bucareste.

EXTRACTOS DA CARTA DIRIGIDA A 23 DE JUNHO DE 1960 A LIRI BELISHOVA SOBRE A POSIÇÃO QUE DEVIA MANTER EM PEQUIM EM RELAÇÃO AOS DESACORDOS ENTRE A UNIÃO SOVIÉTICA E A CHINA

Na reunião de Bucareste, em Junho de 1960, manifestaram-se abertamente as tácticas antimarxistas diabólicas de Krutchev e do seu grupo, para impor ao movimento comunista internacional a linha de traição revisionista e a condenação do Partido Comunista Chinês.

O Partido do Trabalho da Albânia defendeu o marxismo-leninismo e o Partido Comunista Chinês, duma forma internacionalista.

Isso é muito claro na carta que o camarada Enver Hoxha enviou a 23 de Junho de 1960 a Liri Belishova (ex-membro do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, agente do revisionismo soviético, excluído do Partido), que se encontrava nesta época de visita a Pequim. Nesta carta, o camarada Enver Hoxha criticava-a pela sua atitude errónea e chamava a sua atenção para a posição a

adoptar para com os desacordos criados entre a União Soviética e a China. Nesta carta ele diz:

«Depois de ter recebido a tua carta e a tua informação, o Bureau Político pensa que cometeste um grave erro informando a embaixada soviética em Pequim do que os camaradas chineses te tinham dito, porque, primeiro, tu ainda não tinhas informado a direcção do teu Partido sobre isso e não tinhas tido a sua aprovação; segundo, estas questões não diziam respeito ao nosso Partido e não te pertencia a ti informar os soviéticos, e terceiro, tu conhecias a nossa opinião segundo a qual este desacordo deveria ser resolvido pela via e pelos métodos marxistas-leninistas e não a falar em segredo. Sem ser nesta via marxista-leninista, o nosso Partido não participará em nenhuma discussão sobre estas questões.

É por isso que eu te envio esta breve carta, para que tu prestes atenção em não te pronunciares sobre os desacordos que existem entre a União Soviética e a China, porque o nosso Bureau Político considerou que a maneira como se desenvolve este conflito não é correcta. Todos os Partidos do nosso campo decidiram discutir estas questões numa reunião ulterior, cuja data será fixada mais tarde. É essa a via justa, é a favor dela que nós daremos a nossa opinião nesta reunião.

Diz a quem te perguntar, que «estes desacordos são nocivos e perigosos para a nossa causa, que eles foram negligenciados e se tornaram graves, que deveriam ser resolvidos pelos dois Partidos na via marxista-leninista, e, já que se decidiu convocar proximamente a reunião dos Partidos comunistas e operários, eles devem ser resolvidos lá duma vez para sempre. O nosso Partido, adoptará como sempre uma posição de princípio marxista-leninista.

Primeiro em Moscovo e agora em Bucareste, os soviéticos informaram todos os delegados que foram

ao Congresso do Partido Romeno, dos desacordos que existem entre os chineses e os soviéticos. Tu és igualmente mencionada nas suas informações, entre os que puseram os soviéticos ao corrente do que te tinham falado os chineses. As informações que tu lhes destes satisfizeram os soviéticos, e é por isso que eles fazem o teu elogio, considerando o teu acto como «heróico», «de princípio», e outras expressões semelhantes. Eles fazem e far-te-ão mil lisonjas. Naturalmente, tu não deves tornar-te orgulhosa por causa dessas lisonjas porque elas são feitas com um objectivo preciso.

EXTRACTOS DA CARTA DIRIGIDA A LIRI BELISHOVA SOBRE A EVOLUÇÃO DA REUNIÃO DE BUCARESTE E SOBRE A POSIÇÃO QUE ELA DEVIA MANTER EM MOSCOVO

Numa segunda carta enviada a Liri Belishova a Moscovo, em 28 de Junho de 1960, o camarada Enver Hoxha sublinhava:

O processo chegou ao ponto de Krutchev tratar os chineses de «trotskistas» e de lhes dizer: «Se vocês quiserem, retirem-se do campo socialista». Certamente, Krutchev não está contente com a posição ponderada e de princípio do nosso Comité Central, mas nós, ainda que um ou outro não esteja contente, defendemos os princípios. Diremos a nossa opinião sobre os desacordos soviético-chineses na próxima reunião de Novembro em Moscovo.

RADIOGRAMA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

Nos materiais do volume que se referiam a estas jornadas da reunião de Bucareste, e sobretudo nos

radiogramas dirigidos ao camarada Hysni Kapo (chefe da delegação do Partido do Trabalho da Albânia a esta reunião), vê-se claramente a táctica flexível e as justas posições marxistas-leninistas que o nosso Partido e o camarada Enver Hoxha adoptaram. Nós publicamos o radiograma que o camarada Enver Hoxha enviou ao camarada Hysni Kapo a Bucareste, em 24 de Junho de 1960:

Na reunião da manhã, tu dirás: «Pelas cartas do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, a nossa direcção sabe que as nossas delegações não têm cimeira aqui em Bucareste, que fixarão apenas a data e o lugar da futura reunião dos Partidos comunistas e operários. Nas cartas diz-se que se podem modificar opiniões sobre a situação política externa criada pelo falhanço da conferência de Paris. Enquanto que aqui, vejo que se apresentam problemas extremamente sérios a respeito do Partido Comunista Chinês. A delegação soviética deu-nos um material volumoso apenas 10 horas antes da reunião, e não nos é dado o tempo para respirar. Isso espanta-nos».

Quando tu tomares a palavra na reunião, deves declarar:

«Eu não estou autorizado a pronunciar-me sobre estas questões, porque a nossa direcção sabe que esta questão será discutida na próxima reunião dos representantes dos Partidos, nós estivemos todos de acordo e vocês também». Se algum «grande» falar por alusão provocatória a propósito do facto de não nos pronunciarmos nesta reunião, então tu retomas a declaração oficial que nós te enviámos para que fosse comunicada à direcção soviética por Andropov e lê-la depois da tua intervenção. Se a alusão for feita depois de teres falado, então pede a palavra uma segunda

vez e lê a declaração do nosso Comité Central que transmitiste a Andropov.

Nós compreendemos a dificuldade da situação, mas não te inquietes porque nós estamos na via justa. Passa bem de saúde e tem calma.

RADIOGRAMA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

— Sempre a 24 de Junho de 1960, o camarada Enver Hoxha enviou este outro radiograma ao camarada Hysni Kapo:

Se apresentarem um comunicado ou uma resolução como conclusão da reunião, ou se fizerem mesmo a mínima alusão contra a China e fora do conteúdo da declaração de Moscovo (1957) tu não deves assinar. Sem perderes tempo, perguntas oficialmente se haverá um comunicado, e se houver, exige que ele te seja remetido. Informa-nos do seu conteúdo e espera o nosso ponto de vista sobre a aprovação ou não desse comunicado.

NÃO CEDER A NENHUMA PRESSÃO

— Extractos da intervenção do camarada Enver Hoxha na reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia (24 de Junho de 1960).

Na reunião de Bucareste, os revisionistas soviéticos, pelas pressões, chantagens e demagogia, procuravam abalar a posição resoluta do Partido do Trabalho da Albânia. O nosso Partido e o camarada Enver Hoxha consideraram o vaso cheio. Para com Krutchev e os seus adeptos, era preciso adoptar uma posição firme e decidida. Era preciso atacar a arrogância e a brutalidade de Krutchev, o seu comportamento de patrão e de chefe de orquestra. Na reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, que se realizou a 24 de Junho de 1960, o camarada Enver Hoxha fez uma intervenção, na qual disse:

«Nós recebemos do camarada Hysni uma série de radiogramas sobre a reunião de Bucareste. Estes radiogramas chegaram-nos durante a noite, tarde, às 3 horas. Eu pensei que não havia necessidade de reunir o Bureau durante a noite, mas tendo por base as suas directrizes, enviei a resposta necessária ao camarada Hysni Kapo.

É evidente que Hysni se encontra numa situação muito difícil em Bucareste. Segundo o acordo, as delegações dos partidos comunistas e operários que participem no Congresso do Partido Operário da Roménia deviam voltar a encontrar-se em Bucareste só para decidir a data e o lugar onde se realizaria a reunião dos partidos comunistas e operários do mundo inteiro. Mas o camarada Hysni encontra-se de facto frente a uma reunião internacional-surpresa, montada pelo grupo de Krutchev.

Considero que, se como resultado da reunião fosse publicado um comunicado que não estivesse em oposição à Declaração da reunião dos partidos comunistas e operários em Moscovo de 1957, então Hysni devia aceitá-la. Mas é possível que o comunicado tenha outras nuances, porque é o resultado duma reunião não correcta, onde os representantes dos partidos comunistas e operários receberam um relatório de 65 páginas da parte da direcção soviética, relatório esse que denuncia o Partido Comunista Chinês. Nós não podemos admitir um comunicado que faça a menor alusão contra a China. Isso é importante, porque as situações são tais, que na presente reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários em Bucareste, as questões que se colocam são extremamente sérias. O relatório da delegação soviética contra o Partido Comunista Chinês terá grandes repercussões no mundo, tal como teve o relatório secreto de Krutchev ao 20.° Congresso do Partido Comunista da União Soviética sobre o pretenso culto de Staline.

Mesmo se aceitarmos um comunicado sem alusões, devemos considerá-lo como incorrecto, porque é o resultado duma reunião-surpresa, não-conforme às normas organizativas marxistas-leninistas. É por isso que a posição do nosso Partido, que se opõe a esta reunião, é justa.

Aí estão algumas ideias preliminares. A propósito do comunicado, Hysni foi informado para não se pronunciar enquanto não tiver recebido novas instruções.

Se lhe derem um comunicado com alusões contra a China, ele deve dizer categoricamente: «Eu não assino este comunicado sem o ter dado a conhecer à direcção do Partido que represento». Pelo contrário, se ele não tiver nenhuma alusão, então Hysni deve levantar-se na reunião e dizer: eu estou autorizado pelo Partido do Trabalho da Albânia a declarar que estou de acordo com este comunicado, mas acrescento que este comunicado é o resultado dos trabalhos duma reunião não-correcta. Porque não viemos preparados para uma tal reunião, e não nos podemos pronunciar sobre as questões postas a propósito do Partido Comunista Chinês».

Os camaradas chineses pediram que a reunião fosse adiada, mas os representantes dos outros partidos comunistas e operários não estão de acordo. Isso não é justo, e coloca os camaradas chineses numa situação difícil. Um país socialista pede tempo para se preparar para a reunião, mas não se lhe dá tempo. É evidente que isso é propositado.

Hysni deve dizer que o nosso Partido do Trabalho não está de acordo com o procedimento proposto na reunião dos partidos comunistas e operários em Bucareste, que está de acordo em não se decidir nada agora para além da data e do local da próxima reunião dos partidos comunistas e operários sobre a qual chegámos a acordo em princípio, e só depois de termos recebido materiais de esclarecimento igualmente da outra parte, do Partido Comunista Chinês, nos prepararmos e darmos a nossa opinião na próxima reunião.

Muitas coisas podem acontecer, mas não nos submetemos a nenhuma pressão, e aplicamos sempre a nossa justa linha marxista-leninista.»

CARTA DIRIGIDA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

— Depois da reunião do Bureau Político de 24 de Junho de 1960, o camarada Enver Hoxha enviou na manhã de 25 de Junho esta carta ao camarada Hysni Kapo:

«Nós recebemos os radiogramas da tarde e escrevo-te esta manhã esta pequena carta, para te dizer quão justa foi a réplica ao «amigo» (trata-se de Nikita Krutchev). Não te perturbes se alguém te provocar, mas responde, e até mesmo violentamente, mas com sangue-frio. As infâmias existem, mas o direito triunfa sempre. Se eles continuarem a fazer provocações, nada é deitado para as nossas costas mas sim para as deles.»

RADIOGRAMA AO CAMARADA HYSNI KAPO EM BUCARESTE

— Na tarde de 25 de Junho de 1960, o camarada Enver Hoxha enviou ao camarada Hysni Kapo este radiograma:

«Tu deves falar amanhã segundo as instruções do Bureau Político que recebeste na carta. No fim do teu discurso, aproveita uma ocasião propícia para declarar: «Quanto a mim, em nome do nosso Partido, declaro que o Partido do Trabalho da Albânia não está mesmo nada de acordo com o espírito e os métodos utilizados nesta reunião para resolver este problema, tão importante para o movimento comunista internacional. A opinião do nosso Partido, é de que estas questões devem ser tratadas com cuidado, com sangue-frio e no espírito

de camaradagem conforme às normas leninistas». E se depois desta declaração, te dirigirem questões ou observações provocatórias, levanta-te e diz: «Além do que acabo de dizer, nada mais tenho a declarar a esta reunião». Se já tomaste a palavra, pede para tomá-la mais uma vez e faz esta declaração. Se te recusarem a palavra, então remete o discurso que vais pronunciar à presidência da reunião, pedindo que ele seja registado no processo-verbal.

Esperamos-te. Até à volta.

NOTA VERBAL QUE O CAMARADA ENVER HOXHA ENVIOU AO EMBAIXADOR SOVIÉTICO EM TIRANA SOBRE A POSIÇÃO ANTIMARXISTA DO EMBAIXADOR SOVIÉTICO E DO ADIDO MILITAR EM BELGRADO A PROPÓSITO DO «MEETING» DE SREMSKA MITROVICA

Imediatamente após a reunião de Bucareste, a direcção revisionista soviética desencadeou uma campanha de pressões, de ingerências e de diversão contra o nosso Partido do Trabalho da Albânia e a República Popular da Albânia. Nesta campanha anti-albanesa, eles apoiaram abertamente as posições e os actos hostis dos revisionistas jugoslavos. A nota verbal que o camarada Enver Hoxha enviou ao embaixador soviético em Tirana sobre a posição antimarxista do embaixador soviético e do adido militar em Belgrado a propósito do «meeting» de Sremska Mitrovica, a 9 de Julho de 1960, aclara esta campanha anti-albanesa. Nós publicamos extractos desta nota:

«Como é sabido, nas suas relações com o Partido Comunista da União Soviética e todos os outros par-

tidos comunistas e operários, o Partido do Trabalho da Albânia apoiou-se e apoia-se nos princípios imortais do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário. Na base destes princípios, queremos exprimir aberta e francamente a nossa tristeza por um acontecimento que se produziu recentemente.

A 4 de Julho de 1960, em Sremska Mitrovica, na Sérvia, Alexandre Rankovic, vil agente da burguesia capitalista, um dos maiores revisionistas da clique de Belgrado, inimigo mortal do povo albanês e carrasco sanguinário da população albanesa de Kossovo, num «meeting solene», atacou abertamente a política dos países socialistas, e em particular, atacou severamente o Partido do Trabalho da Albânia, o povo albanês e a nossa República Popular.

Alexandre Rankovic, esse agente do imperialismo, qualificando o nosso país socialista «de inferno onde reinam os arames farpados», etc., até chegou a dizer que o regime neofascista italiano seria mais democrático do que o nosso regime de democracia popular.

Para nós, comunistas albaneses, para o povo albanês, nada há de espantoso nem de imprevisto nestas declarações dum inimigo do nosso povo e do campo socialista, ao serviço do imperialismo, como Alexandre Rankovic. Se o inimigo te atacar, isso quer dizer que tu estás na via justa. E, para dar a resposta merecida aos inimigos do marxismo-leninismo, da nossa Pátria e do campo socialista, conservámos e conservaremos sempre o pau na mão. Mas a essência da questão, pela qual nós exprimimos a nossa inquietude nesta nota, não reside aí. Os ataques ignóbeis de Rankovic, feitos com um objectivo preciso contra o socialismo em geral e a República Popular da Albânia em particular, tomam um novo significado, quando que se vê que ao «meeting» «solene» de Sremska Mitrovica, como anunciou a Agência Soviética Tass, assistiam o embaixador da União Soviética em Belgrado, I. K. Zamtchevski, e o adido

militar soviético em Belgrado, o coronel V. K. Tarassevitch, e que eles escutaram até ao fim as calúnias lançadas contra nós por Alexandre Rankovic neste «meeting».

Nesta ocasião, o Comité Central do nosso Partido exprime ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética o seu espanto e o seu desgosto face à atitude do embaixador e do adido militar soviético. Nós pensamos que esta atitude está em oposição aos princípios do internacionalismo proletário sobre os quais se estabeleceram as relações entre os nossos dois Partidos e os nossos dois Estados, consideramos que não é uma atitude amistosa para com o Partido do Trabalho da Albânia e o povo albanês, amigos verdadeiros, fiéis, consequentes e sem zig-zagues dos povos soviéticos e do Partido Comunista da União Soviética.

Naturalmente, a questão de saber se o embaixador e o adido militar da União Soviética devem ou não devem assistir a este ou àquele «meeting», é uma questão que não nos pertence a nós decidir, é uma questão que compete apenas à União Soviética e a ideia de intervir nos assuntos internos de outrem nunca nos passou pela cabeça. Mas pela nossa parte, não permitimos e nunca permitiremos, em nenhuma ocasião, que o embaixador da República Popular da Albânia possa continuar a assistir a um «meeting» semelhante ao de Sremska Mitrovica, no decurso do qual os inimigos do comunismo e os agentes do imperialismo ataquem vilmente um outro Partido irmão ou um outro país socialista. Nós nunca o admitimos e nunca o admitiremos, porque consideramos isso como um dever internacionalista, conforme aos princípios de base das relações entre os Partidos marxistas-leninistas e entre os países socialistas.

Ainda que toda a gente tenha compreendido o que foi dito em Sremska Mitrovica e quem assistiu a esse

«meeting» revisionista, nós consideramos como um dever internacionalista e amistoso, tratar apenas entre os nossos dois Partidos na base das normas marxistas-leninistas, sem publicidade, a atitude de facto antimarxista do embaixador e do adido militar soviéticos. Quanto aos ataques, às calúnias, aos desígnios tendenciosos de Rankovic, como sempre, nós mais uma vez respondemos da maneira que se impõe.

Nós não podemos imaginar que o embaixador Zamtchevski e o coronel Tarassevitch não saibam o que são os revisionistas titistas, o quanto eles são perigosos para o movimento comunista internacional e para a unidade do campo socialista, o que eles fizeram e quais são as suas intenções contra a República Popular da Albânia e o nosso Partido do Trabalho da Albânia. Hoje, toda a gente sabe que os revisionistas de Belgrado são inimigos perigosos do movimento comunista internacional, conspiradores perigosos contra a independência do povo albanês e dos outros países socialistas. Os revisionistas jugoslavos foram tão longe nas suas conspirações contra a República Popular da Albânia, que em 1948 tentaram pela força das armas subjugar a Albânia. Os 19 anos de história do nosso Partido testemunham toda esta actividade criminosa dos trotskistas de Belgrado contra o nosso país.

Tal como os povos da União Soviética se revoltaram, com justa razão, contra a ignóbil agressão americana, quando o avião espião americano U-2, por ordem do Presidente Eisenhower, violou a soberania da União Soviética, também o povo albanês, desde há mais de 15 anos, continua a estar revoltado pela actividade hostil dos revisionistas de Belgrado contra a independência da nossa Pátria. Nós, todo o povo albanês sem excepção, aprovámos e aprovamos de todo o coração a atitude do governo soviético para com o imperialismo

americano, em resposta à agressão do avião espião U-2. Nós apoiamos de todo o coração qualquer atitude resoluta contra o inimigo número um da humanidade, o imperialismo americano, mas simultaneamente combatemos estes fiéis servidores do imperialismo americano que são os revisionistas de Belgrado.»

NA REUNIÃO DE BUCARESTE NÓS NÃO ACEITÁMOS QUE FOSSEM VIOLADAS AS NORMAS LENINISTAS NAS RELAÇÕES ENTRE PARTIDOS

Extractos da intervenção do camarada Enver Hoxha no XVII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia.

A 11 e 12 de Julho de 1960, realizou-se o XVII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia. O plenário escutou, discutiu e aprovou o relatório sobre o desenrolar dos trabalhos da reunião de Bucareste entre os representantes dos partidos comunistas e operários e sobre a posição adoptada pela delegação do nosso Partido a esta reunião. Este relatório foi apresentado pelo camarada Hysni Kapo, membro do Bureau Político e Secretário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia.

No XIX volume das obras do camarada Enver Hoxha está inserido o discurso que ele pronunciou neste plenário efectuado a 11 de Julho de 1960.

Neste discurso ele disse entre outras coisas:

«A questão coloca-se assim: entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês

surgiram grandes desacordos, o que criou uma situação muito grave para o campo socialista e para todo o comunismo internacional. É por se ter criado esta situação difícil e grave por causa dos desacordos entre os dois partidos, que é indispensável que todos os partidos comunistas e operários do campo socialista e do mundo inteiro trabalhem com todas as suas forças para fazer com que estes desacordos ideológicos e políticos sejam submetidos a uma discussão de princípio, que sejam resolvidos o mais depressa, o melhor e o mais justamente possível, como exige o interesse do comunismo internacional, do campo socialista, e o nosso futuro.

O Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia considera que estes desacordos não dizem respeito a pequenas coisas, mas sim que tocam questões que não podem ser resolvidas apressadamente. Tais problemas não podem de maneira nenhuma ser resolvidos facilmente, porque eles são graves e trazem consequências para a vida e o futuro da humanidade. Isso dizêmo-lo com plena consciência e independentemente do facto de sermos os representantes dum pequeno povo de um milhão e meio de habitantes: nós consideramos as questões como marxistas que defendem os interesses do seu povo, do seu Partido e do campo socialista, não só para o presente como também para o futuro. E, como marxistas, temos o direito de manifestar o nosso ponto de vista.

Os pontos de vista que cada partido exprimirá são de uma grande importância. É por isso que, sobretudo neste caso, devem ser bem debatidos pela direcção de cada partido. As origens do conflito e os desacordos devem ser estudados minuciosamente, sem ideias preconcebidas, sem juízos antecipados, e deve-se chegar a uma justa conclusão marxista-leninista. Seguidamente, na via marxista-leninista, devem ser analisados numa

reunião correcta, que descobrirá quem é culpado e porque é culpado, e que tudo fará para que o culpado seja regenerado na boa via. Finalmente, quando todos os esforços tiverem sido efectuados com grande paciência, pode-se mesmo ser chamado a tomar uma medida decisiva segundo o tipo e o grau do erro. Tal é a prática marxista-leninista dos nossos partidos. Uma tal prática, como ensina o marxismo-leninismo, é necessária não só para estes grandes problemas de carácter internacional, como também quando se tomam medidas frente a um militante de base dum partido. Neste caso também, é necessário fazer todos os esforços para voltar a pôr o culpado (se ele é verdadeiramente culpado) na boa via. Tal é a prática leninista. O nosso Partido aplicou esta prática e aplicá-la-á sempre, tanto para as pequenas como para as grandes questões. É por isso que ninguém tem o direito de criticar o nosso Partido sobre estas questões de princípio, sobre as quais ele permanece firme como um rochedo.

Quanto à forma como os dirigentes soviéticos se esforçam por apresentar na reunião de Bucareste os diferendos que os opõem ao Partido Comunista Chinês, como se estivessem em oposição ao conjunto dos países comunistas e a forma como foram colocadas estas questões tão importantes para o campo socialista e para todo o movimento comunista internacional, a direcção do nosso partido considera que ela não é nada ponderada, que ela é indigna dos dirigentes soviéticos. Não é essa a justa forma marxista-leninista. Pôr a questão brutalmente tal como foi posta, e exigir dos representantes dos partidos, que se tinham dirigido a Bucareste com um outro objectivo, que tomem posição em algumas horas contra o Partido Comunista Chinês, isso equivale a aceitar a tese precipitada de Nikita Krutchev: «Se tu, China, não estás connosco, separa-te de nós, sai do campo socialista, já não és a nossa camarada». Se a nossa delegação tivesse acei-

tado isso, teria cometido um grave erro, inaceitável, que teria manchado o nosso Partido. Agora não falo dos outros partidos; aqui, no Comité Central, nós ajuizamos sobre a posição adoptada pelo Bureau Político. Pensamos que não lhe era possível adoptar uma posição diferente sem julgar bem e minuciosamente a questão, sem ter dados concretos dos dois partidos. O Bureau Político não podia de maneira nenhuma permitir que as gerações de hoje e as de amanhã pudessem dizer: «Como é que o nosso Partido, neste momento histórico, cometeu um erro tão grande?».

Entendamo-nos bem, camaradas, não falo do conflito entre nós e o Partido Comunista da União Soviética. O problema reside na questão: como agiram os dirigentes soviéticos para resolver uma questão tão importante e tão grave, que diz respeito à própria existência do campo socialista. Nós dizemos ao Comité Central para nos julgar: agimos bem ou não?

Nós, camaradas, somos marxistas. O nosso Partido não tem apenas um ou dois anos de existência. É um partido que no próximo ano terá 20 anos. Não passou todo este período num leito de penas, mas na luta sangrenta contra o fascismo italiano, o nazismo alemão, os Ballistas, os ingleses, os americanos, os revisionistas jugoslavos, os monarco-fascistas gregos e contra todos os inimigos, internos ou externos. Assim, nós aprendemos o marxismo nos livros, na luta e na vida. Portanto, hoje, nós não somos jovens sem experiência. O nosso Partido não é um partido de garotos para não estar em estado de compreender o marxismo na teoria e na prática. O nosso Partido esforçou-se sempre por seguir uma via justa e é por isso que no seu caminho não se verificaram erros de princípio, porque em cada circunstância aplicou correctamente o marxismo.

Portanto, enquanto marxistas, não podemos acreditar que estes desacordos tão graves entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês

tenham nascido em um ou dois meses. A dialéctica marxista não aceita isso; eles têm raízes profundas. Existem tantos factos que mostram como se desenrolou este processo e como os erros, ao acumularem-se, se avolumaram, e se chegou ao ponto de dizer que «a China quer a guerra», que ela não é pelo «desarmamento» nem pela «coexistência pacífica».

Que nós critiquemos na via marxista-leninista e que tomemos as medidas adequadas para corrigir aquele que viole o marxismo-leninismo, é a única posição justa, e interessa a todos os Partidos do mundo inteiro, sobretudo ao nosso Partido e ao nosso povo que defendem consequentemente o marxismo-leninismo. Gomulka (ex-primeiro secretário do Comité Central do Partido Operário Unificado da Polónia — NDLR) e os seus adeptos, que se fazem passar por amigos da União Soviética, colocaram o acento tónico na amizade com a União Soviética. Sabe-se que na Polónia se permitiu à Igreja e à reacção levantar-se em luta contra o exército soviético. A Igreja e a reacção expulsaram os marechais soviéticos que dirigiam o Exército Vermelho que libertou a Polónia e a Europa do fascismo, e, presentemente, querem-nos dar lições a nós, albaneses. O representante do Partido Operário da Roménia, Mogjorosh, afadigou-se para convencer a direcção do nosso Partido da justeza da linha do Partido Comunista da União Soviética.

Por intermédio do representante do nosso Partido, nós dissemos a Nikita Krutchev: nós, camaradas que combatíamos nas montanhas, levávamos sobre o nosso seio «A História do Partido Comunista (Bolchevique) da União Soviética», enquanto as legiões romenas dessa época martirizavam o povo soviético. Nós não aceitamos nem avalizamos os esforços de Mogjorosh e do representante do Partido Comunista da União Soviética para convencer o representante do Partido do Trabalho da Albânia da «justeza» da linha do Partido Comunista

da União Soviética. Se nós amamos a União Soviética, não é pelos lindos olhos de Mogjorosh, ou de Andropov. Nós amámos e amaremos sempre a União Soviética e o Partido Comunista Bolchevique de Lenine e de Staline. Mas quando nós vemos agir como se age agora, seria um grave erro não adoptar uma justa posição, porque um erro arrasta sempre outro. O marxismo-leninismo e a dialéctica ensinam-nos que se tu te enganas uma vez, e não queres compreender que te enganastes uma vez, esse erro vai tornar-se cada vez maior. Mas nós nunca aceitaremos permitir que isso aconteça.

Como teríamos podido participar nesta actividade incorrecta? Até estes últimos tempos, os camaradas chineses não nos tinham informado destas questões. Só Mikoyan nos pôs ao corrente delas em Fevereiro deste ano. Quando o nosso avião aterrou em Moscovo, um dos funcionários do Comité Central veio imediatamente ter connosco e disse-nos que no dia seguinte de manhã Mikoyan queria voltar a encontrar-me para discutir algumas questões importantes. «De acordo, respondi eu, mas o camarada Mehmet Shehu irá comigo». Ele respondeu-me: «Só me falaram em si», mas eu disse-lhe: «Mehemet Shehu irá também».

Nós fomos a casa de Mikoyan e ele não nos demorou menos de cinco horas, e isso na véspera da reunião dos representantes dos Partidos comunistas e operários, no mês de Fevereiro, sobre os problemas da agricultura.

Mikoyan disse-nos: «Camaradas albaneses, devo pôr-vos ao corrente de numerosos desacordos que nós temos com o Partido Comunista Chinês, digo bem, com o Partido Comunista Chinês. Decidimos falar só aos primeiros secretários, e é por isso que eu peço ao camarada Mehmet Shehu para não se ofender, não é que não tenhamos confiança nele, mas decidimo-lo assim». Não faz mal, disse-lhe o camarada Mehmet Shehu, eu vou-me embora, além do mais, cometi um

grande erro vindo aqui». Mas o próprio Mikoyan não lhe permitiu ir-se embora. Seguidamente, falou-nos de tudo o que acabais de ouvir no relatório do camarada Hysni Kapo.

Nós dissemos a Mikoyan que não são pequenas coisas, mas sim questões muito importantes, as que existem entre os dois Partidos, e que não compreendemos porque é que se permitiu que elas se desenvolvessem: pensamos que deveriam ter sido resolvidas imediatamente porque são muito perigosas para o nosso campo.

Mikoyan disse-nos que comunicaria o que nós dissemos ao Presidente do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética. Nós repetimos-lhe em nome do nosso Partido: «É uma questão muito importante, é por isso que deve ser resolvida entre os vossos Partidos». Finalmente, Mikoyan sublinhou-nos: «É uma questão muito secreta, não convém informar o Bureau Político». E nós não falámos disso, mesmo no Bureau Político, excepto a alguns camaradas. Vocês compreendem, que adoptámos esta posição porque a questão nos pareceu muito delicada e esperávamos que através de discussões e de debates internos, poderiam ser resolvidos os desacordos.

Mas, na reunião de Bucareste, Nikita Krutchev espantou-se com a posição do nosso Partido, que não enfileirou ao lado de todos os outros Partidos, para denunciar a China segundo as formas e pelas razões que ele apresentou, sem ter reflectido profundamente sobre estas questões. Ele reflectiu talvez sobre estas questões, mas nós também temos o direito de dizer que não reflectimos sobre todos os materiais volumosos que foram dados a Hysni Kapo, materiais que ele não teve tempo de ler, e ainda menos de meditar. Nós não estamos a tratar dum assunto insignificante. Em relação a muitas outras coisas doutra natureza, respondemos imediatamente ao Comité Central do Partido

Comunista da União Soviética que estávamos de acordo, mas relativamente a uma questão tão importante, que atinge o ponto de se dizer à China: «retira-te do campo socialista», parece-nos que não é justo. O Bureau Político pensou que deveríamos fazer isso. Foi por isso que nos disseram: «Nós lamentamos que o Partido do Trabalho da Albânia não tenha enfileirado do lado do Partido Comunista da União Soviética, porque as questões que foram apresentadas em Bucareste são questões de todo o campo socialista». Mas não lamentamos nós, enquanto marxistas-leninistas, não ter o direito de perguntar a Nikita Krutchev se resolveu todas as questões que têm um carácter internacional importante, tal como quis resolver a questão da China? Nós também temos o direito de dizer isso.

Tomemos a questão dos revisionistas jugoslavos que tratarei também mais à frente. Nikita Krutchev, dois ou três dias antes da sua primeira viagem à Jugoslávia, onde se devia reconciliar com os revisionistas jugoslavos, enviou ao Comité Central do nosso Partido uma carta, dando-nos conhecimento desta questão. O nosso Bureau Político reuniu-se então e julgou a questão com sangue-frio. Todos sabem que a condenação e a denúncia dos revisionistas jugoslavos em 1948 tinham emanado duma instância internacional dos Partidos irmãos, do Bureau de Informação, porque não era um simples conflito que opõe meramente dois Partidos, mas uma questão que dizia respeito a todos os Partidos comunistas e operários do mundo inteiro. Por isso, para adoptar uma outra linha contra os revisionistas jugoslavos, era necessário que a mesma instância, que tinha tomado esta decisão, se reunisse de novo e que decidisse anular a decisão tomada, ou definisse a forma e o método de exame desta questão para determinar até que ponto se devia mudar de atitude em relação aos revisionistas. Era assim que, na nossa opinião,

teria sido necessário proceder para respeitar as normas leninistas.

O Bureau Político do nosso Partido fez saber por meio duma carta ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, que não tinha nada contra esta visita, que não nos pertencia dizer se Krutchev devia ir ou não a Belgrado. Contudo, sublinhámos, o Comité Central do nosso Partido pensa que uma nova decisão sobre esta questão deve ser tomada, que o Bureau de Informação se deve reunir de novo e decidir em sessão plenária a atitude que convém adoptar. Não sendo membros do Bureau de Informação, nós exprimimos o desejo de sermos convidados para esta reunião como observadores e aí exprimir a nossa opinião. Ora, não se procedeu assim, ainda que essa fosse uma questão que não dissesse apenas respeito aos dois Partidos mas a todos os Partidos comunistas e operários. O Comité Central do nosso Partido tomou posição face a esta atitude informando o Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, por meio duma nova carta, cujas cópias se encontram nos arquivos do Partido Comunista da União Soviética e do Comité Central no nosso Partido.

A contra-revolução teve lugar na Hungria. Foi uma questão suja. O imperialismo, de concerto com os revisionistas jugoslavos, Imre Nagy e toda a escória anticomunista, atacaram o socialismo. Que atitude foi adoptada antes e depois destes acontecimentos? Era também uma questão que dizia respeito a todo o movimento comunista internacional, e ao campo socialista em particular. Sabia-se que, pouco tempo antes, se tinha tentado desencadear uma contra-revolução análoga na Albânia. Assim era posta em perigo a existência dum membro do Pacto de Varsóvia, a Albânia, cuja liberdade e independência tinham sido constantemente ameaçadas e sobretudo naquela altura. Mas o nosso Partido soube abater os inimigos internos e proceder de

modo a que nada disso se produzisse no nosso país. Quanto ao que tinha acontecido na Hungria, nós não tínhamos sido informados disso, a Albânia tinha sido «esquecida». Os membros do Presidium do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética foram enviados em avião um pouco por toda a parte aos países socialistas para explicar a questão da contra-revolução húngara, mas ninguém veio à Albânia e nada nos foi dito. O nosso país era todavia um ponto nevrálgico do campo socialista, tinha sido atacado durante anos pelos revisionistas, com Tito à cabeça, e sabia-se muito bem que uma contra-revolução análoga tinha sido preparada contra ele.

Tínhamos alguma vez ouvido falar disso? Não, nunca. Nós não fizemos história dessas coisas, porque pensávamos que eram erros devidos a alguns indivíduos e que seriam corrigidos um dia. Nós nem sequer demos parte deles ao Comité Central do nosso Partido, ainda que o Comité Central seja a direcção do Partido do Trabalho. Mas, naqueles tempos difíceis nós não queríamos comunicar este desprezo pelo Bureau Político a todos os camaradas do Comité Central, nós não queríamos mesmo nada que estas críticas se transformassem, ainda que inconscientemente, em indiferença para com os camaradas soviéticos. Nós não o permitimos. Nós pensávamos, com efeito, que entre eles tal como entre nós, indivíduos isolados podiam cometer erros.

Depois deram-se os acontecimentos da Polónia. Nós também não fomos informados destes, não se realizou nenhuma reunião e é preciso ter em vista que não se tratava apenas de questões internas da Polónia, porque nós estamos ligados a este país por um tratado nos termos do qual seria pedido ao nosso povo, se fosse necessário, para verter o seu sangue pelas fronteiras de Oder-Neisse. Nestas condições, o povo albanês não tem o direito de perguntar o que vêm fazer todos esses padres do exército polaco. É com um exército como

esse que combateremos lado a lado? Estamos ligados por um tratado, e apesar disso nós nem sequer fomos consultados sobre estas questões. Krutchev disse-me, uma vez, abertamente: «Nós não compreendemos o que diz este Gomulka, só os fascistas falam como Gomulka». Tratava-se pois de questões que só diziam respeito aos dois Partidos? Nós só levantamos estas questões hoje, porque hoje, Krutchev e os outros dirigentes soviéticos, quando nós afirmamos que estas questões dizem respeito ao Partido Comunista da União Soviética e ao Partido Comunista Chinês, exprimem o desgosto de, supostamente, nos verem interpretar mal as suas acções erradas de Bucareste. A atitude deles não é lógica.

Dois ou três dias antes do encontro de Bucareste, Kossyguine foi ver Mehmet, que se encontrava então em Moscovo, e disse-lhe entre outras coisas: «Nós não podemos consentir no menor compromisso, fazer a menor concessão aos chineses» e ele repetiu esta frase quatro vezes. Isso quer dizer que os soviéticos tinham tudo de antemão decidido. Se se decidiu não ter em conta a opinião de ninguém, porque é que me pedem para ir aí? Para fazer número? Para levantar a mão? Não. Considero que, se fui convidado, foi para exprimir, eu também, a minha opinião. Nós somos pela declaração de Moscovo (1957) e lutamos para que ela seja posta em prática no nosso país. Mas, camaradas, na aplicação prática das questões, nós também temos a nossa palavra a dizer, tal como os soviéticos têm a sua, os camaradas chineses e checoslovacos têm coisas a dizer sobre nós, assim como nós temos a dizer sobre eles. Tais questões podem surgir na vida. Bem entendido, pode acontecer na prática a qualquer Partido ter fraquezas ou cometer erros. E porque estamos nós aqui? Para nos entreajudarmos e para nos corrigirmos na via justa.

Nós constatamos todavia que certas coisas não coincidem na prática com a aplicação da linha pelo Comité

Central do Partido Comunista da União Soviética e por um certo número de outros Partidos. Trata-se de questões que respeitam à luta a travar contra o revisionismo jugoslavo nos termos da Declaração de Moscovo, e antes da Declaração de Moscovo.

Não vos quero repetir aqui o que são os revisionistas jugoslavos e como é preciso lutar contra eles. Mas quanto à maneira como convém combatê-los, nem todos estão de acordo connosco. Contudo, o Bureau Político do Comité Central do nosso Partido não pode admitir de maneira nenhuma que se critique o nosso Partido pelo seu heróico comportamento marxista-leninista contra os revisionistas jugoslavos, que procuram dividir os Partidos e os países socialistas e que procuram liquidar a Albânia. O nosso Comité Central, o nosso Partido e o nosso povo aprovaram a justa atitude que nós adoptámos para com os revisionistas jugoslavos. Muitos Partidos e comunistas no mundo prestam homenagem à nossa atitude.

O nosso Bureau também não espalhou aos quatro ventos as divergências que existem entre todos os Partidos irmãos, sem excepção, a propósito da aplicação prática da linha marxista-leninista contra os revisionistas jugoslavos, mas soube manobrar com sabedoria, sangue-frio, e sem arrebatamentos, contrariamente ao que afirma Krutchev. Se o Bureau Político agiu desta maneira, foi para não revelar, não só ao nosso povo e à opinião pública internacional, como em muitos casos, nem mesmo ao Comité Central, que existem divergências entre nós na aplicação prática desta questão.

As provas foram tão esclarecedoras que não se pode de maneira nenhuma duvidar que os revisionistas jugoslavos são inimigos jurados do campo socialista. São agentes do imperialismo, e isso o Ministro do Interior da União Soviética declarou-o ele próprio à Conferência dos Ministros do Interior dos Países Socialistas

da Europa, há duas semanas, em Praga, e aprovaram todos esta conclusão.

Krutchev criticou a nossa atitude em relação aos revisionistas jugoslavos. Quando nos dirigimos com a delegação do nosso Partido e do nosso governo a Moscovo, em 1957, e definimos, entre outras coisas, a nossa atitude para com os revisionistas jugoslavos, Krutchev revoltou-se a tal ponto que se levantou e declarou: «Não se pode discutir convosco, ponhamos termo a estes assuntos».

Nós indignámo-nos com esta atitude, mas conservámos o sangue-frio, porque estávamos na via justa e queríamos defender o nosso povo e o nosso Partido, defender a nossa amizade com a União Soviética. Nós não nos inclinámos frente à pressão exercida sobre nós e, pela nossa atitude, constrangemos Krutchev a tornar a sentar-se e a prosseguir a conversação. Mehmet e eu estavamos muito inquietos quando, depois do que se tinha produzido, fomos ao meeting, mas, nem a nossa mão nem o nosso coração tremeram. Comportar-se desta forma para com o nosso Partido porque ele observa uma atitude revolucionária contra os revisionistas jugoslavos não é de maneira nenhuma justo. Apesar de tudo, nós nunca nos deixámos abater. Pelo contrário nós resistimos, considerámos que estávamos na razão e que o tempo demonstraria a justeza da linha do nosso Partido. Não se passou muito tempo sem que os revisionistas jugoslavos mostrassem de novo a sua verdadeira natureza, com as conspirações que tramaram no seu congresso. Então, o Partido Comunista da União Soviética tomou, ele-próprio, posição, e Krutchev em pessoa desmascarou-se tratando-os de «bandidos», de «cavalo de Tróia», etc.

Isso não foi tudo. Quinze dias antes do desencadear da contra-revolução na Húngria, no decurso dum encontro que Mehmet e eu tivemos com Suslov em Moscovo, ao discutirmos questões internacionais, nós tinha-

mos-lhe dado parte das nossas impressões sobre a Húngria, chamámos a atenção sobre o que se passava lá, e sobre o facto de que era preciso tomar medidas e dar prova de vigilância. Ele perguntou-nos qual era a nossa opinião sobre Imre Nagy. Nós respondemos-lhe que ele era um elemento infame, um anti-marxista, mas Suslov replicou-nos logo que nós estávamos em erro, que Nagy não era mau homem. Nós declarámos-lhe que essa era a nossa opinião e ele afirmou-nos que o Partido deste país tinha cometido um erro ao excluir Nagy das suas fileiras. O tempo mostrou quem era Imre Nagy e toda a justiça e precisão do nosso julgamento sobre o seu comportamento.

Nikita Krutchev tinha recebido uma longa carta do traidor Panajot Plaku, onde este lhe falava do seu «patriotismo», do seu «ardente amor» pela União Soviética e pelo Partido do Trabalho da Albânia, e pedia que Krutchev usasse da sua autoridade para intervir a fim de liquidar a direcção do nosso Partido, com Enver Hoxha à cabeça, sob pretexto de que nós éramos «antimarxistas», «stalinistas». Ele escrevia que tinha fugido da Jugoslávia porque parecia que tinha sido organizada uma conspiração para o matar. Assim que Krutchev recebeu esta carta, disse-nos: «e se este Plaku voltasse para a Albânia ou se o acolhessemos na União Soviética?» Nós respondemos-lhe: «se ele entrar de novo na Albânia, nós enforcá-lo-emos vinte vezes, enquanto que, acolhendo-o na União Soviética, vocês cometerão um acto fatal à nossa amizade». Ele então recuou.

Mas as coisas foram ainda mais longe, Krutchev declarou-nos que não tinhamos feito bem em matar Dali Ndreu (agente do revisionismo jugoslavo, inimigo do nosso Partido e do nosso povo), e Liri Gega (agente do revisionismo jugoslavo, inimigo do nosso Partido e do nosso povo), que estava grávida. «O próprio czar não teria feito uma coisa dessas», disse ele. Nós respondemos-lhe, com calma, que não matamos pessoas por nada, que não passamos pelas armas senão os que traiem a pátria e o povo, e depois dos seus actos hóstis terem sido provados e de terem ultrapassado todos os limites. Eram traidores e agentes dos revisionistas jugoslavos, e só depois deles tentarem fugir é que os nossos órgãos competentes os capturaram, e o tribunal do povo, baseado em factos bem provados, lhes infligiu o castigo merecido. Quanto à alegação segundo a qual Liri Gega estava grávida, é uma pura invenção.

Nós nunca tínhamos revelado estas coisas, e vocês mesmo ouvem-nas pela primeira vez. Teria sido inadmissível não criticar estes erros tal como o nosso Bureau Político fez. Mesmo vocês não o teriam permitido: porque essas coisas não reforçam a amizade. Como reagimos frente a todos estes acontecimentos e todas estas intrigas dirigidas contra nós, tanto a nível internacional como nas questões internas? Vocês notaram algum indício na imprensa ou suspeitaram da menor atitude hostil em relação à União Soviética ou à direcção do Partido Comunista da União Soviética? Não.

Nós não demos parte a ninguém destas atitudes que foram tomadas contra nós, mas somos marxistas e agora é altura de as revelar. Espalhou-se o boato de que os albaneses têm o sangue quente. Em que é que nós temos o sangue quente? É ter sangue quente defender a Pátria e o nosso povo contra os revisionistas jugoslavos, os monarco-fascistas gregos e os neo-fascistas italianos, que nos atacam e nos provocam nas nossas fronteiras desde há mais de 16 anos? Nós não poderíamos aceitar sermos tratados de coléricos porque defendemos os interesses vitais do nosso povo. Nós recusaríamos o leite que as nossas mães nos deram e o pão que nos dão o Partido e o povo, se não defendessemos os interesses do nosso povo.

Agindo assim, defendemos ao mesmo tempo os interesses da União Soviética e de todo o campo socialista.

Citarei ainda um pequeno exemplo que data de anteontem à tarde. O embaixador da União Soviética, Ivanov, veio ver-me e trouxe-me uma informação de Krutchev relativa a um encontro que ele teve com Sophocle Venizelos (então Ministro dos Negócios Estrangeiros da Grécia — NDLR). Este falou-lhe, entre outras coisas, da Albânia. Ele ter-lhe-ia dito: «Nós entender-nos-emos com a Albânia, mas falemos também da questão do Epiro do Norte, que deveria ser resolvido no sentido da autonomia desta região». Krutchev declarou então: «Vocês devem resolver esta questão pela via pacífica e participarei este ponto de vista aos camaradas albaneses».

Eu disse logo ao embaixador soviético que a resposta de Krutchev não tinha sido correcta, que ele não deveria ter respondido desta maneira, mas sim declarar a Venizelos que as fronteiras da Albânia são intransponíveis. O embaixador soviético disse-me: «Mas vocês conhecem a posição da União Soviética». «Conheço-a, disse eu ao embaixador Ivanov, mas concretamente a resposta dada a Venizelos não é correcta. Nós não conhecemos este Venizelos, mas conhecemos o país dele. Se Moscovo não o conhece, o que seria de espantar, nós podemos dizer-lhe que incendiou toda a Albânia do Sul, que massacrou milhares de Albaneses, que também quis pôr fogo a Gjirokaster, que organizou bandos e que foi ele que lançou há muito tempo a ideia da autonomia do Epiro do Norte». Assim a ideia do jovem Venizelos é uma velha ideia, é a ideia de todo o movimento chauvinista grego. Contra esta ideia, o povo albanês verteu o seu sangue no passado e vertê-lo-á ainda, se for necessário, para defender a integridade do seu país. Nós somos pela paz nos Balcãs, somos pelas relações

normais entre Estados, pelas relações comerciais, mas não aceitamos tais condições nas relações com a Grécia. Nós normalizaremos as nossas relações com a Grécia quando ela declarar que já não está em estado de guerra com a Albânia, sem o que nós não podemos concluir qualquer acordo. Nós devemos cooperar com ela na base da igualdade. Nós demos a nossa resposta de acordo com a forma como se agiu até agora. Amanhã um outro dirigente soviético poderia declarar que o camarada Enver acusa a União Soviética de não defender a Albânia. Isso não é exacto, devendo as coisas ser narradas claramente, tal como foram ditas.

Nós falamos baseando-nos em factos e não nos excedemos, porque vimos antes de tudo o interesse superior, o interesse geral, e esta questão é duma grande importância. O Bureau Político, definindo a posição que nós tivemos em Bucareste, agiu muito correctamente e com calma, porque é inadmissível que todas estas importantes questões políticas e ideológicas entre estes dois grandes Partidos sejam resolvidas com tanta facilidade e de forma irresponsável.

Finalmente colocamos a questão: o que é que foi feito em Bucareste? Nada foi estabelecido a não ser o alinhamento das forças para uma luta encarniçada, como se nos tivessemos de haver com os Estados Unidos e não com a nossa grande irmã, a China. Nós aceitámos as propostas da direcção Soviética de nos dirigirmos à conferência de Moscovo a fim de regular estas questões, mas sob a condição de nos ser também remetido o documento dos camaradas chineses. A União Soviética apresentou o problema em Bucareste, é preciso portanto que a China também tenha o direito de tomar a palavra e de apresentar o seu ponto de vista, e ajuizaremos seguidamente.

Desde que decidimos realizar a conferência de Moscovo com um programa determinado é preciso que também tenhamos tempo de estudar cuidadosamente

as questões. Os soviéticos aceitaram isso, porque é que agiram assim? Isso não é correcto. É o que pensa o Bureau Político do Comité Central do nosso Partido.

O Bureau Político considerou que o nosso Partido não deve de maneira nenhuma manchar-se com tais actos contrários ao marxismo-leninismo em matéria de organização. Então, a que fins se renderam os outros Partidos? Cada Partido é responsável perante o seu Comité Central e perante o seu povo, assim como perante o movimento comunista internacional. Que o Comité Central do nosso Partido julgue a nossa acção, porque somos responsáveis perante ele pela nossa posição, perante o nosso Partido, perante o nosso povo e o movimento comunista internacional.

Mas porque é que os primeiros secretários dos Partidos dos países socialistas se dirigiram a Bucareste e eu não? Fiz muito bem em não ir lá, apliquei a decisão do Bureau Político, a fim de não comprometer o nosso Partido em questões não-marxistas-leninistas. Teria exprimido lá os juízes do Bureau Político, ora Hysni exprimiu-os muito bem. A minha ausência despeitou os dirigentes soviéticos, porque todos foram lá menos Enver, que não foi lá porque as coisas que lá se faziam cheiravam mal. O Partido enviar-me-á em Novembro a Moscovo para que eu transmita lá a sua palavra. O nosso Partido exprimirá o seu ponto de vista quando esse ponto de vista for aprovado pelo Comité Central, porque não se trata duma questão simples.

Em Bucareste, foi fixada também a data da reunião duma comissão, composta pelos representantes de 26 Partidos, que estudarão bem estas questões, que as colocarão no papel, de forma a que o documento focado seja enviado aos Comités Centrais de todos os Partidos, a fim de que os estudem e discutam. Depois do que será necessário dizer ao Comité Central:

Camaradas, eis o documento duma das partes, eis o documento da outra parte e eis a opinião do Bureau Político. É esta posição que, a nosso ver, convém manter. Nós pensamos portanto debater esta questão no Comité Central e só depois nos dirigirmos à reunião. Eis a maneira de proceder mais conforme às regras. Recusar conceder um ou dois meses de prazo a um Partido irmão para reflectir, cometer um tal acto que não dá nenhum fruto, não é correcto. Considero que, nesta altura, o Bureau Político teve uma posição marxista-leninista, de defesa dos interesses do campo socialista. A nossa atitude não foi do gosto dos dirigentes soviéticos, porque não nos aliámos a eles sobre estas questões como fizeram Gomulka, Kadar e Jivkov. Mas a verdade é que na defesa da União Soviética e do Partido Comunista da União Soviética, só o Partido do Trabalho da Albânia agiu bem e que devemos sempre ser fiéis aos princípios. Erros e mal-entendidos podem produzir-se, mas devem ser resolvidos pela via justa, de acordo com os princípios e as normas leninistas.

O Comité Central do Partido Comunista Búlgaro tomou a decisão de não atacar os revisionistas jugoslavos, nem na imprensa, nem nos discursos dos seus dirigentes. Théodor Jivkov, ao estender a mão ao camarada Hysni, que acabava de chegar a Bucareste, disse-lhe da forma mais descarada: «Que faz a Albânia? Só a Albânia não está de acordo». «Que quereis dizer com isso?», perguntou-lhe Hysni. «Nada, nada, brincava» respondeu Jivkov. Se não se prosseguir com perseverança a luta contra os revisionistas jugoslavos, acontecer-nos-á o que aconteceu na Bulgária. As editoras búlgaras publicaram há dois meses com grandes erros, uma brochura ilustrada com uma carta dos Balcãs, na qual a Albânia estava representada como uma parte da República Federativa e Popular da Jugoslávia.

Naturalmente, o Comité Central do nosso Partido protestou e ainda que os dirigentes búlgaros tenham expresso os seus arrependimentos pelo que se tinha produzido e tenham prometido tomar medidas para recolher todas estas brochuras, estas foram difundidas pelo mundo inteiro. Eles apresentam isso como um simples erro técnico. Mas porque é que não houve erro que atribuisse por exemplo, uma parte da Bulgária à Turquia?

Na Polónia, há seis meses, na celebração da nossa festa de 29 de Novembro, pessoas recomendadas pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros da República Popular da Polónia tentaram roubar documentos do Estado e incendiar a embaixada albanesa, e depois de terem sido apanhados com a boca na botija, estes bandidos, a fim de enganar, apossaram-se do filme «Skanderbeg». O criminoso foi capturado e nós protestámos contra este acto. Mas o que é que aconteceu? O procurador pediu na sua queixa uma pena de 12 anos de prisão para o culpado e o tribunal condenou-o apenas a dois meses de pena suspensa.

Há uma semana, um antigo empregado da embaixada polaca em Tirana, actualmente empregado no Ministério dos Negócios Estrangeiros em Varsóvia, foi à nossa embaixada e tirou o seu revólver para tentar matar o nosso embaixador, mas os nossos homens apanharam-no e entregaram-no à polícia.

Mas o que é que isto significa? O que é este terror branco contra o nosso país? Nós enviámos uma nota de protesto ao governo polaco, chamámos o nosso embaixador e notificámos o governo polaco de que se ele não der segurança ao governo albanês de que tais actos não se repetirão mais contra o pessoal da nossa embaixada em Varsóvia, nós não voltaremos a enviar para lá embaixador. Nós também pusemos todos os embaixadores dos países socialistas ao corrente deste incidente e estes ficaram muito indignados.

Então que significam essas coisas? Porque é que elas sucedem? Devemos julgá-las e é preciso que nos digam se nós fomos enganados ou não, se agimos com sabedoria ou sob o domínio da cólera. Vocês compreendem bem que estas questões são duma grande importância para nós todos, e que devem ser reguladas o mais depressa possível numa via justa, num espírito de camaradagem. Não há outra via para a solução destas questões. Estas normas foram definidas por Lenine, devemos portanto aplicá-las. Porque é que se deveriam admitir duas normas, dois pesos, duas medidas? Só devia existir uma norma, um peso e uma medida. Devia ressaltar claramente do exame destas questões que nós temos razão, que temos a consciência clara e que não mudámos nada nas nossas posições inabaláveis.

Devemos ter uma visão clara destas questões, porque isso evitar-nos-á cometer erros, porque não devemos cometê-los, nunca devemos perder o norte nem permitir deformações seja de quem for.

É preciso ter presente no espírito que este é o início duma acção muito complexa, mas com a nossa confiança e as nossas modestas possibilidades utilizaremos tudo para que estas questões sejam resolvidas correctamente, na via marxita-leninista. Agora é preciso uma unidade de aço do Comité Central do nosso Partido, do Comité Central com o conjunto do Partido e do Partido com o nosso povo.

Devemos sair deste Plenário fortes como o aço, como fomos sempre, e inclusivamente sê-lo hoje ainda mais, porque defendemos o marxismo-leninismo. Defendemos com firmeza a nossa Pátria e o nosso Partido, porque defendemos assim o nosso povo e o seu futuro. Reside aí a única via justa.»

NÓS FALAREMOS EM MOSCOVO COMO NOS ENSINA O MARXISMO-LENINISMO, NÃO EXISTE PARA NÓS OUTRA LINGUAGEM

— Extractos do discurso de encerramento do camarada Enver Hoxha no XVII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, em 12 de Julho de 1960.

A luta que o Partido do Trabalho da Albânia travou no encontro dos Partidos comunistas e operários de Bucareste foi o primeiro confronto aberto com o revisionismo krutchevista. Mas o Partido do Trabalho da Albânia decidiu lançar a batalha decisiva em Moscovo, frente à tribuna alargada dos 81 partidos. O seu objectivo era desmascarar ideológica e politicamente o revisionismo krutchevista. A este respeito, publicamos extractos do discurso de encerramento do camarada Enver Hoxha no XVII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, em 12 de Julho de 1960. Este discurso é publicado no tomo 19 das suas obras sob o título **«Nós falaremos em Moscovo como nos ensina o marxismo-leninismo, não existe para nós outra linguagem»**.

«Nós iremos a Moscovo e falaremos lá como nos ensina o marxismo-leninismo. Nós só nos exprimiremos no sentido que nos recomenda o Comité Central, porque para nós não existe outra linguagem. Sem dúvida que alguns não encontrarão as nossas posições a seu gosto, mas pensamos que as nossas declarações justas, baseadas no marxismo-leninismo e nos factos, não ficarão entre as quatro paredes da sala da reunião, que serão seguramente ouvidas por todos os outros partidos e os outros povos. A verdade não pode ser encoberta, não pode ser sufocada por ameaças ou por chantagens. O nosso Partido, que saiu do seio do povo, nunca se deixa assustar nem com ameaças nem com chantagens, e será sempre firme.

É indispensável tomar estas posições firmes, porque uma tal atitude reveste para nós, enquanto comunistas, marxistas e patriotas, uma importância vital. Porque é que os dirigentes soviéticos chegaram ao ponto de tratar destes assuntos como numa feira, e procuram com uma ligeireza surpreendente, discutir com uma embrulhada de fórmulas, agarrar-se, argumentando e manipulando certos termos e certas fórmulas, que não só não são admissíveis, mas são além disso bastante suspeitas? Na Conferência de Moscovo, discutiremos de acordo com os princípios do marxismo-leninismo, e baseando-nos na nossa experiência revolucionária, sobre os acontecimentos quotidianos.

Nestes momentos em que o imperialismo se arma até aos dentes e se entrega a tantas provocações, nestes momentos em que a situação revolucionária na Ásia e noutros lugares, em que no Japão, por exemplo, milhões de pessoas atacam Kishi e o seu governo, em que se inspiram no heróico Partido Comunista Chinês e no pensamento de Mao Tsé-tung, pode-se permitir que os dirigentes soviéticos e Krutchev, ao agarrarem-se a fórmulas, caminhem para a divisão do campo socialista? É precisamente neste momento que os dirigentes soviéticos dividem o nosso campo e desacreditam esta grande força revolucionária que inspira toda a Ásia.

Precisamente hoje que se joga o destino da humanidade, dizer à China para deixar o nosso campo constitui um grande crime contra a humanidade e o movimento comunista internacional. Numa altura em que a Liga para a Defesa Alemã recebe armas e foguetões, e ameaça a Europa e o mundo, Krutchev ataca o Partido Comunista Chinês e acusa-o de ser um factor de guerra porque este declara com razão que as palavras de ordem de desarmamento são apenas ilusões. Só Nikita Krutchev é pela paz.

Os factos e a posição dos marxistas-leninistas desmascararão, infalivelmente, esta actividade não-marxista, e constrangerão Krutchev a modificar a sua forma de agir. Ele viu-se constrangido a declarar ao Kremlin, numa reunião de jovens oficiais diplomados: «Nós retirámo-nos da Comissão dos dez de Genebra, porque o desarmamento tornou-se uma ilusão, uma cortina que serve para enganar os povos».

Vejam portanto os métodos empregues. O que se diz hoje, já não se diz amanhã, diz-se uma palavra a favor duma tese e cinco contra ela, por outras palavras, é a desordem completa, e quando se procura pôr os pontos nos is, fazem uma reviravolta, e escrevem num número da «Pravda» que eles trataram disto e daquilo. Eles trataram disso, mas o que é que resulta daí? Deixou-se a comissão dos dez, mas consultou-se alguém antes de o fazer? Desde quando estais ao corrente, vós, camaradas, desta questão? Àcerca de uns dez dias. Mas somos um Estado membro do Pacto de Varsóvia, ou não? Acabo de receber, apenas hoje, um telegrama do governo soviético anunciando-nos a sua partida de Genebra e o reenvio da questão à ONU. Mas o que é que isto significa? E destas atitudes, camaradas, existem muitas.

Os camaradas do Comité Central puseram o dedo sobre todas estas questões, e isso mostra a grande maturidade não apenas do Bureau Político, como também do Comité Central do nosso Partido. Cada um de nós pode cometer erros, mas nós não cometemos, porque estamos estreitamente ligados entre nós, porque trocamos as nossas opiniões, porque as passamos cuidadosamente na peneira, e porque assim não nos afastamos da via justa. É esse o método marxista-leninista, o método mais justo para evitar os erros e não os evitámos, de maneira nenhuma graças aos méritos de uma ou de duas pessoas, mas graças à nossa unidade de pensamento, às discussões francas conduzidas com um espírito fraterno e camarada, porque nós combatemos todos por uma grande e única causa, o triunfo do comunismo, o bem-estar do nosso povo e a edificação do socialismo na Albânia, para conduzir para a luz este povo que tanto tem sofrido.

É esta unidade que faz a nossa força invencível, e a nossa confiança nela aumentou para lutar contra as dificuldades, para enfrentar todas as tempestades, para alcançar a vitória, e alcançá-la-emos de certeza. Mas o caminho que nos espera não está semeado de flores, teremos que nos bater. Porquê? Porque os dirigentes soviéticos não agem numa lógica sã marxista-leninista. Posso dizer-vos, e isso é um julgamento de todo o Bureau Político, que há na sua acção erros graves e profundos, violações das normas leninistas, subjectivismo, antimarxismo, e finalmente um chauvinismo terrível. Eles podem citar tantas fórmulas e normas quantas quiserem, nós conservamos os olhos abertos e dizemos: analisemos um pouco os actos deles, porque visto que eles nos dizem: «ou como nós queremos, ou nada». Mas o que é que isso significa? Nessas condições, que não se venha mais falar de leninismo... Tenho as minhas próprias opiniões e quero dizê-las, justas ou falsas. Ora tu tomas medidas antileninistas

com a intenção de me pôr de joelhos se eu me amedrontar. Mas os verdadeiros comunistas não são assim, só certas pessoas o podem ser.

Aí está uma questão muito importante. O Partido ensinou-nos e educou-nos a não engolir as podridões que os revisionistas nos servem, a não nos enganarmos redondamente.

Nós estamos preparados há já muito tempo para a luta. Pode acontecer que vocês nos critiquem por se nos apresentarem, se posso dizer, poucos segredos a vosso respeito sobre estas questões. E teriam razão. Vocês não podem imaginar que grandes forças nós conseguimos aqui, no Plenário do Comité Central, que grandes lições tirámos do vosso exemplo quanto à coragem de que deveremos dar prova no futuro, porque, a avaliar pelo alinhamento de forças em Bucareste, será muito difícil derrotar imediatamente as fileiras do inimigo. Na Conferência de Moscovo vai dar-se uma batalha terrível. Mas agora que as questões foram postas aqui desta maneira, e que o Comité Central nos armou como fez, e se já fomos destemidos anteriormente, agora ainda seremos mil vezes mais seguros de nós.

É por isso que, apesar de todos os cumprimentos que vocês nos fizeram, esta reunião do Plenário foi para nós, membros do Bureau Político, uma grande lição. Nós anteriormente não participámos estas questões ao Comité Central porque não queríamos propagar esta inquietação a toda a direcção do Partido. Nós pensamos que algum resultado será obtido na Conferência de Novembro. Mas isso não será fácil — fácil porque vemos também a pressa com que Krutchev organizou o encontro de Bucareste, e as conversas que o delegado oficial do Comité Central do Partido Comunista da União Soviética manteve com o camarada Hysni. Em violação de tudo o que tinha sido ajustado, ele disse a Hysni que nesta conferência se tomariam também decisões,

por outras palavras, que a China seria excluída. E se isto não foi feito em Bucareste, foi porque Krutchev teve medo e recuou. Todavia ele tinha projectado fazer tomar ali decisões. Ainda que ele não tenha tido êxito, não preparou menos o terreno com vista a uma outra conferência, que se realizará em Novembro, em que se propõe dizer à China: «Vejam a que ponto nós estamos todos unidos, reflictam portanto bem, porque ou vocês se submetem à maioria, ou então ir-vos-eis embora...» mas a China não se deixa apanhar nestas manobras. Em resultado do encontro de Bucareste, o Comité Central do Partido Comunista Chinês distribuiu a todas as delegações uma carta baseada no marxismo-leninismo, e na qual acusava directamente Krutchev, denunciava os métodos antimarxistas empregues por ele e pelos outros, e afirmava que estas questões seriam examinadas na futura Conferência.

Krutchev acusa a China de querer a guerra, e deforma duma maneira flagrante e com fins desonestos as declarações de Mao Tsé-tung. Nós próprios ouvimos o camarada Mao Tsé-tung falar, na Conferência dos Partidos Comunistas e Operários, que se realizou em Moscovo, em 1957. O camarada Mao Tsé-tung alongou-se sobre a grande força do campo socialista, evocando em particular como esta força se tinha manifestado na altura da Segunda Guerra Mundial, da guerra da Coreia, da guerra da Indochina, etc... Em seguida, depois de ter sublinhado a grande força do nosso campo, fez realçar a possibilidade de nós sermos atacados pelos imperialistas. Se a guerra rebentar, o imperialismo utilizará eventualmente a bomba atómica, e talvez sejam mortos centenas de milhões de homens — apesar disso, venceremos. Os dirigentes soviéticos também não interpretam correctamente a expressão dos camaradas chineses «o imperialismo é um tigre de papel». Eles agarram-se a uma fórmula, e exploram-na para os seus fins, deformando-a. Com esta fórmula, os chineses quiseram

ilustrar o apodrecimento do imperialismo. Quando o próprio Mao Tsé-tung afirmou que, frente à grande força do campo socialista, o imperialismo é um tigre de papel, pôs em evidência a força do campo socialista.

Nós somos pela coexistência, mas não por uma coexistência como a que preconiza Krutchev, que trata Nero por irmão (ex-primeiro-ministro da Índia — NDLR), enquanto este reprime no sangue as revoltas do povo indiano esfomeado.

Sempre que estive no Kremlin, vi sobre a secretária de Krutchev o busto de Gandhi. Vocês sabem quem é Ghandi. Porque é que então o primeiro secretário do Partido Comunista da União Soviética deve expor sobre a sua secretária o busto de Gandhi?

O desarmamento de que Nikita Krutchev fala não passa de ilusão, é uma farsa. Mas se, nestas questões que dizem respeito ao destino das revoluções e à sorte da humanidade, nós próprios, que somos pequenos, assumimos uma responsabilidade, com maior razão têm os dirigentes soviéticos uma responsabilidade excepcional. Devemos pois banir qualquer posição hesitante. Se Nikita Krutchev e companhia conduzem a questão a um impasse, nós teremos também a nossa palavra a dizer, e o nosso Partido não se pronunciou e não se pronuncia senão na via justa, marxista-leninista.

Os métodos empregues pelos dirigentes soviéticos são antimarxistas. Isso declarou-o o camarada Hysni em nome do Bureau Político em Bucareste, onde sugeriu que se ponha fim imediato a tais práticas. Os inimigos visam com isso levantar os homens do nosso Partido contra a direcção, mas o nosso Partido reduzirá a nada estas intrigas.

Por um lado, Mikoyan disse-nos, a Mehmet e a mim: «Nós pedimos-lhes, camaradas albaneses, para guardarem segredo sobre estas questões», e nós nem mesmo demos parte delas ao Bureau Político; e por

outro lado, Andropov pergunta aos membros da nossa delegação ao III Congresso do Partido Operário Romeno, em Bucareste: «O vosso Bureau Político não vos disse nada a respeito destas questões?» Nós demos a saber a Krutchev, por intermédio do camarada Hysni, que o nosso Partido sabe ele próprio o que deve ser dito aos seus membros e em que altura deve ser dito.

É claro, agora, que os soviéticos receberam seguramente instruções para agir como fazem. É assim por exemplo que aqui também, sem mesmo o conhecer, eles se dirigiram a um permanente do aparelho do Comité Central, e depois de lhe terem perguntado como ia, fizeram-lhe compreender que desejariam ter com ele uma entrevista para discutir estas questões. Ele respondeu-lhes que estas questões se discutem em lugar apropriado e não com ele.

Que significam estas práticas? Não são de maneira nenhuma práticas marxistas. Foi por isso que enviámos esta carta aos comités de Partido.

É preciso, por outro lado, manter constantemente a nossa vigilância à altura requerida. Estejamos armados e saibamos prever como os numerosos inimigos que nos rodeiam explorarão esta situação. Por intermédio dos seus agentes no nosso país, procuram mostrar desgosto para aumentar e atiçar esta luta contra o nosso Partido e contra a edificação do socialismo na Albânia. Assim devemos estimular ao máximo a nossa vigilância.

Outro problema que o camarada Mehmet tratou também é a acção que devemos levar a cabo para a realização dos nossos planos. Devemos considerar as questões económicas com seriedade, reflectir nelas atentamente, porque nos arriscamos a ver criar-se uma situação difícil. Estejamos preparados para todas as eventualidades. Que eventualidades? Ora bem, acontece que os nossos inimigos nos atacam. Estejamos, pois, vigilantes, como sempre estivemos, em relação

aos nossos inimigos, oponhamos-lhes uma luta encarniçada e implacável, e batamos-lhes sem piedade.

Bem entendido, os nossos inimigos organizarão conspirações contra nós. Conhecemos os planos dos revisionistas jugoslavos contra o nosso país. Foi por isso que não deixámos de estar vigilantes. Mas devemos agora elevar a nossa vigilância a um grau superior nas fileiras do nosso Partido e em todos os sectores, incluindo a disciplina na produção, a fim de que nada escape à acção do Partido.

Que o Partido tome bem em mãos os problemas económicos. Não nos justifiquemos com as condições atmosféricas desfavoráveis ou outras desculpas e não deixemos as coisas ir à deriva. Nós temos a possibilidade de trabalhar bem, de recolher mais trigo, mais milho, algodão e outros produtos, quaisquer que sejam as condições atmosféricas. Devemos utilizar estas grandes possibilidades, mobilizarmo-nos totalmente neste sentido, porque os imperialistas podem reservar-nos más surpresas.

É preciso para este fim que o nosso exército esteja bem equipado, em pé de guerra e vigilante, e que esta chama revolucionária que queima o coração dos comunistas o anime completamente. Que o Partido esteja constantemente de pé, que mantenha firmemente as suas armas na mão, que seja disciplinado e politicamente bem armado. Se mostrarmos esta disposição e esta preparação, de certeza que os nossos problemas marcharão bem.

Que os órgãos do Ministério do Interior dêem prova duma grande vigilância revolucionária, que estejam, como sempre estiveram, na ofensiva contra os inimigos do interior e do exterior, pela defesa das nossas fronteiras contra as inúmeras tentativas de violação de que serão objecto por parte dos nossos inimigos. Que o Partido mobilize nisso todas as suas forças, que se mantenha firme e que assente sobre os inimigos ata-

ques sem piedade. A nossa linha não deixou de ser justa e a nossa vigilância nunca abrandou. Permaneçamos, pois, igualmente vigilantes no futuro e não adormeçamos. Isso é de uma extrema importância.

A verdade é que os comunistas albaneses são valentes, não são impulsivos como pretende Krutchev, têm sangue-frio, como têm os verdadeiros valentes. Posso afirmá-lo, porque não se notou nenhum pânico na nossa actividade. Nós conhecemos outros momentos, também muito difíceis, mas sempre nos conservámos firmes e nunca perdemos a cabeça. Mobilizemos as massas na via do Partido pela realização dos planos pelo reforço da vigilância revolucionária, e todos, sem nos alarmarmos, porque é isso precisamente o que o inimigo deseja, cumpramos o melhor possível as tarefas que a hora nos dita. O inimigo usa métodos múltiplos para semear o pânico, mas o Partido deve dar o exemplo.

Que os comunistas sejam, pois, firmes, heróicos e não se deixem desarmar. Se se adoptar uma tal atitude, o nosso próprio povo será entusiasmado e galvanizado pela firme resistência do Partido. Também é necessário pôr todas estas qualidades do nosso Partido em evidência, levá-las à base, mobilizar os homens e forjar neles estas virtudes do Partido.

Este plenário foi uma grande escola para todos nós, armemo-nos pois com as suas lições e lancemo-nos à obra. Propomos agora que seja publicado o projecto de comunicado, a fim de que o nosso povo e os nossos amigos sejam informados do desenrolar da reunião do nosso Comité Central.»

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

Enver Hoxha

SEGUNDA PARTE

Extractos do tomo 19 das Obras do camarada Enver Hoxha, aparecidos no boletim da Agência A. T. A. de 26 a 30 de Novembro de 1975.

O COMITÉ CENTRAL É A DIRECÇÃO DO PARTIDO QUE JULGA SEMPRE CORRECTA E SABIAMENTE, COM PONDERAÇÃO, MAS TAMBÉM, QUANDO É NECESSÁRIO, COM RIGOR

Entrevista com Koco Tashko

Quando o grupo de Krutchev, depois da reunião de Bucareste, lançou severamente o seu ataque contra o Partido do Trabalho da Albânia para o obrigar a ajoelhar-se e a seguir a linha revisionista, activou igualmente os seus agentes na Albânia, para «tomar a cidadela por dentro». Com este objectivo, a direcção revisionista soviética preparou e pôs em acção os seus agentes: Liri Belishova e Koco Tashko. Os pontos de vista, as posições e a actividade antipartido de Koco Tashko, enquanto agente dos revisionistas soviéticos, manifestaram-se na entrevista que ele teve com o camarada Enver Hoxha em 3 de Agosto de 1960, publicada no tomo 19 sob o título: «O Comité Central é a direcção do Partido que julga sempre correcta e sabiamente, com ponderação, mas também com rigor, quando é necessário». Nós publicamos extractos desta entrevista:

O camarada Enver Hoxha, dirigindo-se a Koco Tashko:

«Eu recebi a carta em que tu me pedias para me ver — autorizei o camarada Hysni Kapo a falar contigo, mas tu tiveste modos ridículos, porque puseste na tua cabeça falar comigo. Certamente, até as pessoas simples podem pedir para falar com o primeiro secretário do Comité Central, mas pode acontecer que o primeiro secretário esteja muito ocupado, ou então que não se encontre em Tirana. Nesse caso, designa uma outra pessoa, e foi o que eu fiz.

Assim que recebi a tua carta à noite, fi-la imediatamente enviar a Hysni por um oficial. O oficial foi encarregado de te prevenir que podias encontrar o camarada do Comité Central. Isso não foi do teu agrado, e tu disseste mal dos nossos oficiais. Quando se é convocado por um secretário do Comité Central, é necessário ir lá à hora que ele fixou, e não quando nos apetece: senão, como se pode ser comunista, se não se é correcto e disciplinado quando se é chamado por um camarada que o Partido elegeu para a direcção? Por outro lado, tu sabes que os nossos oficiais são os nossos camaradas, que eles são comunistas, que não são «polícias» como tu disseste. Tu não tens razão para falar assim, porque tu és membro do Partido. O Partido encarregou-os de tarefas importantes.

Hoje chamámos-te para discutir questões tratadas na tua carta e de que falaste com Hysni. É por isso que tu deves falar aberta e claramente, em detalhe, enquanto membro do Partido. Nós temos à nossa disposição o tempo e a paciência de te escutar até ao fim. Fala-nos sucessivamente das questões que te preocupam. Em que consistem as tuas divergências com o Comité Central e qual é a sua origem? Fala-nos das conversas que tiveste com os funcionários da embaixada soviética. Que te disseram eles? Que lhes disseste?

(Koco Tashko pôs-se então a manter conversas inconsequentes e de um orgulho vincado. Ao intervir a ao pôr-lhe questões de tempos a tempos, o camarada Enver Hoxha esforçou-se por ajudá-lo com paciência.)

O camarada Enver Hoxha: Tu procuraste esquivar-te contando-nos aquilo de que se falou no plenário do Comité Central do nosso Partido, como se eu não tivesse assistido à reunião. Porque não falas das questões que te pomos? Tu não nos falaste de tudo o que disseste a Hysni. Eu digo que devias pensar melhor. Muitas das questões que tu levantas são o produto da tua imaginação.

Tu não és correcto quando dizes que as críticas que nós fizemos a Krutchev não eram justas. Na tua opinião, quais são os erros de Krutchev? Ou ele não se enganou de maneira nenhuma? Como tu próprio disseste, a tua opinião é que «Krutchev foi injustamente atacado por aqueles que intervieram no Plenário e que não foi tomada posição para com eles». É espantoso. Em vez de denunciares as posições de Krutchev, procuras denunciar os camaradas do Plenário que falaram com razão contra ele.

Tu acabas de dizer: «Talvez Krutchev, viajando por tantos países capitalistas, tenha podido trazer novas ideias. Eu quero dizer que pode acontecer que se tenha sofrido a influência de algumas circunstâncias. Mas se Krutchev se engana, Staline também se enganou». Não, Koco Tshako, não mistures Krutchev com Staline. Não nos fales em geral, mas diz-nos concretamente se Krutchev se enganou ou não.

Koco Tashko: Digo que ele não se enganou.

O camarada Enver: Mas tu acabas de dizer que Krutchev pode enganar-se, tal como Staline?

Koco Tashko: Mesmo se ele cometer erros, estou convencido de que os corrigirá.

O camarada Enver: Tu disseste que não estavas de acordo com o facto de eu não ter ido à reunião de Bucareste, que recusei assim o convite dos soviéticos.

As coisas não são como tu as apresentas. Não tinha nenhum convite desse tipo. Tu inventas.

As normas dos partidos marxistas-leninistas são conhecidas por todos. Se as não conheces, então eu digo-tas: nunca aconteceu e não acontece que o Comité Central do nosso Partido diga ao seu primeiro secretário: não vás lá, quando é convidado para uma reunião dos partidos comunistas e operários do campo socialista ou do mundo inteiro. No decurso do último plenário, decidiu-se que o primeiro secretário do Comité Central participará, à cabeça da delegação do nosso Partido, na futura reunião que se realizará, em Novembro, em Moscovo. Em Bucareste, só o Partido Operário da Roménia nos convidou a participar no seu Congresso, e nós enviámos lá a nossa delegação. Quanto à reunião dos representantes dos partidos comunistas e operários que se realizou em Bucareste, segundo o acordo concluído anteriormente, tinha apenas por objectivo fixar a data e o local da próxima reunião dos partidos comunistas e operários do mundo inteiro, foi por isso que o nosso Comité Central não julgou necessário enviar-me a esta reunião. Neste momento, não compreendemos onde foste buscar essas coisas, em oposição à realidade, e nas quais te baseias, por isso explica-o tu próprio.

Tu és membro do Partido, como consegues pensar que todas as questões que foram discutidas no Plenário do Comité Central do Partido não foram apresentadas correctamente e que não estão fundamentadas? Mas que questões estão nesse caso fundamentadas, então? As que tu nos contas?

Koco Tashko: É preciso ter mais confiança em Krutchev.

O camarada Enver: Quando, na base das normas organizativas marxistas-leninistas e das regras do internacionalismo proletário, um partido critica um outro partido ou, então, um dirigente critica um dirigente dum

outro partido porque cometeu erros, isso é uma atitude justa.

Tu és de opinião que a reunião de Moscovo não deve realizar-se em Novembro, mas o mais depressa possível. Aí está uma proposta feita por ti. O essencial é que iremos à reunião de Moscovo e que diremos lá o nosso ponto de vista. Que tens tu a dizer-nos a este respeito?

Koco Tashko: Eu não estou de acordo em que lá se fale de detalhes.

O camarada Enver: Mas diz-nos sobre o que é que tu estás de acordo.

Koco Tashko: Eu já falei, não é necessário continuar, sou um homem doente.

O camarada Enver: Não, Koco Tashko, o teu corpo não é tão doente como tu pretendes, é a tua cabeça que é doente. Mas o Partido, esse, é são. E o Partido cura todos aqueles que têm um espírito doente, pelo menos se o quizerem. Tem por dever ajudar os homens a dizer a sua palavra, a corrigir-se, a marchar pelo caminho correcto, mas para receber a sua ajuda, devem apresentar-se de coração aberto frente ao Partido. Tu conheces estes princípios?

Koco Tashko: Eu conheço-os, foi por isso que eu pedi para vos falar, porque no plenário não podia falar como faço aqui, não nos deixam falar livremente. Ter-se-iam lançado sobre mim.

O camarada Enver Hoxha: Que dizes tu? Explica-te um pouco, quem te impede de falar no Plenário do Comité Central? Na tua opinião, se tu não podes falar no Plenário, é porque reina lá uma situação doentia. Tu disseste-nos, tu próprio, que tens uma grande confiança no Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, então porque é que não tens também confiança no nosso Partido, de que tu próprio és membro?

Koco Tashko: Eu disse-o, porque se me interrompessem quando eu falasse, eu sou dum temperamento nervoso e... depois, basta uma interrupção, uma observação, para me pôr fora de mim.

O camarada Enver Hoxha: Eu não sei o que tu sentes. Pela minha parte, só conheço as normas leninistas do nosso Partido. O Comité Central é a direcção do nosso Partido que julga sempre correcta e sabiamente, com ponderação mas também, quando é necessário, com rigor. Então como podes tu falar assim do Comité Central, da direcção do Partido? Os membros do Comité Central não são garotos para, como tu dizes, julgarem mal, para se lançarem sobre ti. Que queres tu dizer pretendendo que és de temperamento nervoso?

Koco Tashko: Que eu não posso falar lá em baixo, é uma questão física.

O camarada Enver: Mas uma tal atitude frente ao Comité Central do nosso Partido pode ser qualificada de marxista? Tu disseste ontem à tarde a Hysni que se tivesses falado frente ao Plenário terias provocado a divisão, ao mesmo tempo que me dizes a mim que se tivesses falado, ter-se-iam lançado sobre ti». A qual destas duas justificações te agarras tu? Se queres explicar-nos a tua atitude por meio de «razões de saúde», não nos convences. Tu tens por dever dar ao Comité Central as explicações que ele te pede, porque és membro do Partido. Por isso diz-nos o que te faz pensar que os membros do Plenário não te julgarão com justiça?

Um comunista fala abertamente nas reuniões do Partido. Quando está convencido de defender uma ideia justa, sabe que é no interesse do Partido, por isso, como ensina Lenine, defende a sua opinião até ao fim, ainda que todos lhe sejam desfavoráveis. É necessário considerar antes de tudo o interesse do Partido e não o interesse pessoal, um comunista pode até morrer, pode perder os sentidos numa reunião, mas o Partido deve conhecer o seu ponto de vista, hoje ou durante cinquenta anos, por isso deve exprimir o seu ponto de vista tal qual ele é. Eis como os membros do Partido vêm esta questão e não como tu, que tens medo de falar no plenário e vens dizer-nos aqui: «Arrisco-me a ter uma paragem do coração se falar». Peço-te de novo para nos explicares essa ideia de que deste parte a Hysni, segundo a qual a tua intervenção no Plenário provocaria a divisão.

Koco Tashko: Disse que não queria que os membros do Comité Central acreditassem que vos criticava.

O camarada Enver: Isso és tu que o pensas, não é o que pensam os camaradas do Plenário, que têm uma justa concepção da crítica. E depois, porque não me criticarias tu também? Diz-nos na tua opinião, o que é o Comité Central e o que sou eu. Eu sou membro do Partido, um soldado do Partido. Acima de mim, há o Bureau Político, acima do Bureau Político, há o Comité Central, acima do qual está o Congresso do Partido. Então porque preferes falar apenas comigo, e não com o Comité Central que é a instância dirigente do Partido, quando eu sou um membro do Comité Central? Tu voltarás amanhã em frente ao Comité Central para dares explicações sobre esta concepção.

Koco Tashko: Mas há todavia coisas de que se deve por vezes falar num círculo um pouco mais restrito.

O camarada Enver Hoxha: Aparentemente, tu não tens uma justa concepção do Comité Central. Que existe aqui a discutir em círculo restrito? Porque discutir coisas destas em família, por que razão? Como explicar que procures não falar destas questões frente ao Comité Central? Porque temes tanto que ao falar frente ao Plenário do Comité Central, possas provocar a divisão nas suas fileiras? Tu não no-lo explicaste.

Tu afirmaste aqui que se falasses frente ao Plenário,

se poderia pensar que para dizer estas coisas, Koco esperou uma reunião em que havia uma multidão». Como podes falar assim do Comité Central? Tens ou não tens a razão? O que é o Comité Central? Uma «multidão», um conjunto fortuito de pessoas? Tu terias podido muito bem expôr todas estas questões frente ao Plenário, não terias provocado nenhuma divisão, só teria sido rebaixada a autoridade que o Partido te concedeu. Reflecte pois, miserável, e fala como se deve falar frente ao Partido. O que é tudo isso? Há vinte dias que tu ruminas essas ideias sem nos dares parte delas. Disseste que aprovavas apenas que nos aliássemos com Moscovo e segundo a tua pessoa, «se temos juízos a fazer sobre Krutchev, é necessário dar-lhe parte deles a ele próprio». Mas tu sabes muito bem, porque estavas no Comité Central e ouviste-lo, que sempre temos dado parte a Krutchev dos nossos juízos. É por isso que o que podemos dizer a Krutchev não é novo para ele, já lho dissemos na sua presença, não o guardámos para nós. Ouviste-lo ou não no Plenário?

A julgar pelos factos, tu não aprovas as decisões do Plenário, com excepção dum ponto, que podemos ir a Moscovo.

Não se trata de questões de família, nem de questões de amizade. Tu avanças pontos de vista contrários aos do Comité Central. Porque é que, então, os levantas hoje em vez de o teres feito na altura devida, essas questões tão preocupantes, a propósito das quais o Comité Central decidiu a posição a tomar? Quando se trata de questões de Partido tão importantes, porquê esperar e pensar «descobrir o camarada Enver Hoxha quando ele estiver em férias»? Para esclarecer estas questões que te atormentavam e que estão em oposição ao nosso Partido, deverias ter vindo junto de nós no dia seguinte. Porque deixaste arrastar este assunto durante vinte dias? Não são atitudes de Partido. Como justificarás esta atitude frente à organização de base?

Koco Tashko: Não vim porque vos acreditava ocupado com Thorez (nesta época, secretário-geral do Partido Comunista Francês).

O camarada Enver Hoxha: Só passei duas horas com Thorez. Deverias ter pedido para ser recebido, tinhas por dever dizer tudo ao Partido, em vez de pensar que «o camarada Enver Hoxha está ocupado com Thorez», e que «irei vê-lo quando estiver em Férias em Korce, etc., e se não tivesse ido a Korce, como terias feito? Terias ainda guardado essas coisas sem as dizer? Tanto mais que não quiseste dar parte delas a nenhum outro secretário do Comité Central.

Koco Tashko: Esperava, como disse aos camaradas soviéticos, que vocês falassem destas questões com Thorez, e que ele intercedesse para lhes dar uma solução.

O camarada Enver Hoxha: Esse é o teu ponto de vista. E foi isso, parece, que te levou a não pedir imediatamente para me veres. Porque tens esperança em Thorez e em ti mesmo, e não em Enver que é o teu primeiro secretário? Mas o teu juízo segundo o qual, agora que Thorez veio, os assuntos se vão resolver, é justo? Que assuntos se vão resolver, podes dizer-nos? E o teu juízo, é justo ou não?

Pensaste que agora que Thorez veio seriam feitas tentativas com vista a melhorar as nossas relações com Krutchev. Quais são essas tentativas? Que intercessões solicitaríamos nós, segundo a tua opinião, de Thorez? Explica-te.

Koco Tashko: É muito simples, Thorez é secretário geral dum glorioso Partido e pensei que o camarada Enver Hoxha conversasse com ele e que a conferência de Moscovo se realizasse antes do mês de Novembro.

O camarada Enver Hoxha: Tu meteste na cabeça que a conferência se deve realizar em Novembro. Dis-

se-te que isso não depende de nós. Nós quisemos e queremos sempre que essa reunião tenha lugar, declarámo-lo frente aos representantes de mais de 50 partidos. Em Bucareste, foi decidido que a conferência teria lugar em Moscovo, por ocasião da festa da Grande Revolução Socialista de Outubro. Foi igualmente decidido que uma comissão, composta pelos representantes dos 12 partidos dos países socialistas e de 14 partidos de países capitalistas, exporia os seus trabalhos antes da conferência. Essas questões serão primeiro discutidas em comissão, depois os materiais serão enviados a todos os partidos, por conseguinte também ao nosso. Quando recebermos estes materiais, estudá-los-emos muito atentamente, e procederemos como foi decidido no Plenário do Comité Central e como tu próprio sabes. Não há portanto razões para que peças ao nosso Partido para a conferência se realizar o mais depressa possível. Se a conferência tiver lugar mais cedo, estamos prontos a ir lá.

Tu queres que a conferência tenha lugar muito depressa, mas não pensas em vir, de acordo com as regras do Partido, dizer ao primeiro secretário a preocupação que te atormenta. Então quais são as razões que te fazem pensar que «agora que Thorez veio», as coisas vão ser conduzidas na boa via e arranjarem-se? A que questões fazes tu alusão?

Koco Tashko: Às questões que sabemos, na verdade! Trata-se de todas as que foram levantadas no Plenário e de que falamos também aqui.

O camarada Enver Hoxha: Por outros termos, deveríamos ter dito tudo a Thorez para que ele o submetesse lá onde tu pensas. Mas que tinha sido decidido no Comité Central? Nós decidimos no Plenário levantar estas questões na Conferência de Moscovo. Se tivéssemos regulado estas questões por intermédio de Thorez, isso teria significado agir fora da decisão do Comité Central. Como podes chegar a pensar isso?

Koco Tashko: Penso que é justo recorrer a Thorez para resolver qualquer divergência que vocês tenham com Brejnev, Kozlov e outros.

O camarada Enver Hoxha: Quem é esse Brejnev, crês talvez atemorizar-nos com eles? Nós nada temos a arranjar com o Presidente do Soviete Supremo da União Soviética. Não nos faças aqui nenhuma provocação. Quanto a Kozlov, disse-lhe e dir-lhe-ei ainda, frente a frente, o que nós temos a dizer-lhe.

Fala-nos agora das entrevistas que tiveste com os soviéticos. O que vocês discutiram interessa-nos. Diz-nos os pontos importantes.

Koco Tashko: Em 29 de Julho, Bespalov (antigo secretário da embaixada soviética em Tirana) telefonou-me para me convidar a ter uma entrevista com ele. Encontrei-o no clube soviético, vimos um filme, depois saímos e fomos ao hotel «Djati». Bespalov disse-me que as relações entre nós se tinham esfriado.

O camarada Enver Hoxha: Não te disseram porquê?

Koco Tashko: Não e eu não o perguntei. Nós falámos de muitas coisas. Disse-lhe que o Plenário do Comité Central do nosso partido encarregou o camarada Enver de resolver estas questões. Disse-lhe que talvez qualquer coisa pudesse ser feita através das conversas que terão lugar com Thorez.

O camarada Enver Hoxha: Qual era a tua opinião?

Koco Tashko: Na minha opinião, as questões deviam ser reguladas na conferência de Novembro ou em qualquer outra reunião que poderia ter lugar. Eu não excluo a possibilidade duma outra reunião, sem contar com a de Novembro.

O camarada Enver Hoxha: Portanto tu não excluis a possibilidade duma outra reunião. Continua.

Koco Tashko: Disse a Bespalov que a vinda de Thorez ao nosso país teria alguns aspectos positivos, porque tinha lido nesse dia no «Zëri i Popullit» o discurso de Thorez em Korce, e tinha ficado espantado

pelo facto de ele ter falado em termos muito calorosos do nosso Partido, do nosso Comité Central e do camarada Enver.

O camarada Enver Hoxha: Por outras palavras, tu tinhas chegado à conclusão de que tínhamos falado com Thorez, que também tínhamos tratado destas questões e de que tínhamos ficado de acordo com ele. Assim, tu julgas do exterior, tu imaginas no teu espírito que Thorez não veio ao nosso país passar férias mas para ter conversações. E vais dizê-lo a Bespalov. Tu pensaste que os camaradas do Bureau teriam podido chegar a um acordo com Thorez e, partindo da apreciação que Thorez fez do nosso Partido no seu discurso em Korce, pensaste que a direcção do nosso Partido tinha também cedido. Assim, na tua opinião, ressaltava que tudo o que o Plenário tinha decidido, tinha sido rejeitado e que Enver se tinha aliado às ideias de Koco. E Novikov (nesta época conselheiro da embaixada soviética em Tirana), encontráste-lo?

Koco Tashko: Sim. Bespalov disse-me para ir jantar a casa de Novikov, onde se devia encontrar também Ivanov (nesta época embaixador da União Soviética em Tirana). Depois de jantar discutimos longamente. Para o fim, não me recordo como, chegámos a falar de Thorez.

O camarada Enver Hoxha: Procura lembrar-te como a conversa chegou até aí.

Koco Tashko: Aí está, falámos de Thorez.

O camarada Enver Hoxha: Tu só falaste de Thorez?

Koco Tashko: Sim, porque pensava que Thorez salvaria a situação.

O camarada Enver Hoxha: E Ivanov, o que é que ele disse?

Koco Tashko: Eu não me recordo exactamente, ele falou no geral.

O camarada Enver Hoxha: Nós conhecemos muito

bem Ivanov, não é um homem que fale de generalidades.

Koco Tashko: Ivanov nunca falou comigo dessas questões, e Zolotov (antigo empregado da embaixada soviética em Tirana) e Bespalov também não, são muito bons amigos meus.

O camarada Enver Hoxha: Estou surpreendido que eles não tenham falado contigo, embora sejam teus amigos íntimos, enquanto contactam quadros que não conhecem bem e lhes dizem «Venham falar connosco».

Koco Tashko: Eles nunca falaram comigo dessas coisas e não só agora, mas mesmo em 57 quando eu me encontrava na União Soviética. Mas compreendi de qualquer maneira alguma coisa de todas as suas atenções para comigo. Eles fizeram-me muitas honras; disseram-me: «Se tu quiseres, podes-te instalar na vivenda onde reside o camarada Enver e a delegação governamental», convidaram-me para a recepção que deram no Kremlin. Eles têm portanto respeito por mim e comportam-se muito bem a meu respeito. Mas nestes últimos tempos Ivanov retira a sua mão logo a seguir a ter-ma estendido, para não me comprometer frente a pessoas que não gostam de mim.

O camarada Enver Hoxha: Porque te comprometeria ele? Quais são as pessoas que não gostam de ti, isso é verdade?

Koco Tashko: Eu não sei, sou incapaz de me explicar.

O camarada Enver Hoxha: E mais tarde, porque é que Ivanov se aproximou de novo de ti?

Koco Tashko: É uma questão que eu tenho também na cabeça.

O camarada Enver Hoxha: Tu disseste que «toda a conversa com os soviéticos girou à volta de Thorez, que se tratava duma questão bastante importante». Mas já que julgas a questão de Thorez importante, porque a discutes tu com Novikov e Ivanov e não vens ter

comigo? Tu tiveste todas estas conversas com eles antes de me enviares esta carta.

Koco Tashko: Eu fui a casa deles por acaso.

O camarada Enver Hoxha: Os camaradas do Partido rir-se-ão de ti quando se discutir este assunto. Desde que tu admites que o camarada Enver tenha podido conversar com Thorez, porque discutes estas questões com os soviéticos?

Koco Tashko: Eu não vejo mal nenhum nisso.

O camarada Enver Hoxha: Nós estamos aqui nos gabinetes do Comité Central, fala pois como deve ser. Eu não sou procurador, mas primeiro secretário do Comité Central do Partido, é por isso que trato estas questões como elas são tratadas no seio do Partido. O que tu nos dizes não vai de maneira nenhuma. Por um lado, tu pretendes que não podes conversar senão com o camarada Enver, porque ele é o primeiro secretário do Comité Central, por outro lado, tu não lhe confias a opinião que tens do nosso Partido, mas vais dizê-la a Bespalov, que tu consideras, tal como acabas de confessar tu próprio, como teu amigo íntimo. O que é que tu nos vens contar? Bespalov no seu lugar, e o primeiro secretário do Comité Central do nosso Partido no seu.

Porque é que não respeitaste as regras organizativas do Partido e não me vieste falar? Se tens divergências com o Comité Central e se quisesses dar parte delas ao primeiro secretário, deverias tê-lo feito em tempo oportuno e mesmo logo depois do Plenário. E depois terias ido ou não junto dos soviéticos, isso é outro assunto. Na minha opinião, não havia razão para lá ires, mas tu não só foste lá falar com eles como também foste lá sem mesmo teres falado connosco e tiveste com eles três entrevistas.

Koco Tashko: Não, apenas duas.

O camarada Enver Hoxha: Foi o que tu escreveste na tua própria carta. E depois, mesmo que tu não os

tivesses encontrado, se apenas tu tinhas concebido a ideia de ir conversar com eles antes de vires ver o teu Partido, mesmo isso teria sido inadmissível e contrário às regras do nosso Partido.

Não posso reconhecer como verdadeiro que tu me tenhas escrito a tua carta antes de conversares com os soviéticos, o seu conteúdo contradiz mesmo uma tal afirmação.

Na tua opinião, Thorez teria vindo especialmente de Paris para falar destas questões connosco e dirigir-se em seguida a Moscovo. Quando Ivanov te disse que além de Thorez outros também se dirigiriam em 8 de Agosto a Moscovo, não foste suficientemente curioso para perguntar quem seriam os outros? E depois, quem te encarregou de dizer a Ivanov para convidar também o camarada Enver para esse encontro? Quem te autorizou a falar em nome do primeiro secretário do Comité Central? E vens agora dizer-me que na tua opinião a discussão destas questões não deve ser reenviada em Novembro porque elas correm o risco de «aumentar». Nós sabemo-lo, mas sabemos também que não é o nosso Partido que aumenta as questões, que são as tuas acções que as aumentam e que por consequência não deves acusar o nosso Partido.

Durante 4 ou 5 anos, não divulgámos uma única palavra sobre os actos incorrectos de certos dirigentes soviéticos. Certos dirigentes soviéticos atacam-nos, mas nós mostrámo-nos pacientes enquanto tu nos vens dizer agora que não devemos deixar essas coisas aumentar. Não é isso uma acusação? Disse-te, e repito-o, que não compete ao nosso Partido fixar a data da conferência. Porque é que meteste na cabeça que esta conferência deve ter lugar o mais depressa possível? Pedes a Ivanov para mandar convidar o camarada Enver Hoxha, depois vens dizer-me a mim próprio aqui para ir discutir esta questão com Ivanov. Reflectes um pouco sobre a via pela qual enveredaste? Porque ages tu assim? Que mal

te fez o nosso Partido? Ele elevou-te, ajudou-te, ajuda-te e ajudar-te-á, mas o que fizeste é muito grave.

Dizes que amas o Partido, mas então porque não confias ao Partido o que te preocupa tanto?

Koco Tashko: Disse-vos que sou um tipo fleumático, deveis ter em conta o lado humano e o temperamento das pessoas. Além disso, depois do meu encontro com os soviéticos, eles encostaram-me à parede.

O camarada Enver Hoxha: E como te encostaram eles à parede? Explica-te.

Koco Tashko: Eu tinha a intenção de vos vir ver mas adiava de dia para dia este encontro. Mas desde que falei com Bespalov, compreendi que isso não podia esperar mais.

O camarada Enver Hoxha: Mas explica-nos um pouco porque é que foste falar com ele, agora que tu próprio condenas essa entrevista.

Koco Tashko: Não, eu não a condeno, mas era bastante necessário que eu vos viesse também dizer alguma coisa.

O camarada Enver Hoxha: Com eles, tu desabafas tudo, enquanto dizes apenas «alguma coisa» ao primeiro secretário do Comité Central do teu Partido. Mas o que está errado no que tu fizeste? Se compreendeste o teu erro, então pratica um pouco a autocrítica. Os soviéticos que encontraste não te perguntaram o que se tinha passado no Plenário?

Koco Tashko (hesita), depois diz: Pode acontecer que eles mo tenham perguntado.

O camarada Enver Hoxha: Fala francamente, disseste alguma coisa sobre o Plenário? Ivanov não te perguntou como estas questões tinham sido lá tratadas? Colocou-te ele uma tal questão?

E depois, o que são essas conversas que mantiveste com Hysni Kapo quando, passando por aquele que conhece a história do Partido Comunista da União Soviética, situas a nossa direcção nas posições dos

mencheviques e trotskistas e dizes que acontece entre nós o que aconteceu na União Soviética na «época de Kronstadt»? Pensas essas coisas do teu Partido? Mas o que é que nós somos? Guardas brancos? Conheces a história do nosso Partido? O grande amor do nosso povo pelos povos da União Soviética não foste tu que os fosjaste, mas sim o nosso Partido, na luta, no sangue vertido e no suor, enquanto tu vens agora fazer tais acusações. O que tu dizes não vem de ti, é por isso que tu farias bem em reflectir e em reflectir apenas na via do Partido, senão tu não te corriges. Volta um pouco à terra. O Partido respeitou-te mais do que tu merecias. A tua imaginação está doente e essa imaginação não caiu doente agora, há muito tempo que sofres dessa doença.

Dir-te-ei francamente que nunca na minha vida ouvi alguém discutir dessa maneira, abordar assim uma questão, sem pés nem cabeça, sem lógica, como acabo de te ouvir fazer. Muitos camaradas vieram ver-me e abriram-me o seu coração quando tinham cometido algum erro, mas saíram da nossa entrevista revigorados. Enquanto tu me falas de «humanismo», de temperamento fleumático. Mostrei-me humano com as pessoas e com os camaradas. Então agora que me pedes tu quando me dizes para «ter em conta também o lado humano», não quererias que me abstivesse de defender a linha do Partido, os seus interesses? Fica a saber que coloco os interesses do Partido e do povo acima de tudo e defendê-los-ei enquanto tiver um sopro de vida. Se alguém dispuser de factos para me criticar ou criticar o Comité Central, acolheremos sem desdém as críticas justas e foi assim que sempre as acolhemos.

Mas se alguém nos critica pela nossa atitude para com os revisionistas jugoslavos, diremos «alto» a quem quer que seja, mesmo a Krutchev, porque chamamos a um gato um gato. Ele próprio disse, da direcção

jugoslava, que é uma agência do imperialismo. Então porque é que o nosso Partido devia ser atacado pelas suas justas atitudes contra os revisionistas jugoslavos? Por que razões? Como podemos calar-nos a esse respeito? Quando dizemos que o Partido Comunista da União Soviética é o Partido pai, isso não significa que nos calaremos frente a erros de qualquer membro da sua direcção.

Depois das entrevistas que tiveram lugar em Moscovo em 1957, por respeito para com o Partido Comunista da União Soviética, nada escrevemos, durante um certo tempo, contra o revisionismo jugoslavo, na nossa imprensa. Mas pouco tempo depois, os revisionistas jugoslavos realizaram o seu VII Congresso de triste memória, que fez aparecer de novo o bom fundamento da linha do nosso Partido. Conservando-nos em posições revolucionárias, defendemos simultaneamente a própria União Soviética e o seu Partido Comunista, enquanto criticarmos na via marxista-leninista quem quer que seja que viole, duma maneira ou doutra, os princípios do marxismo-leninismo. Não teríamos o direito de criticar ninguém quando fazem extravazar o vaso? Quando nós vemos cometer erros, não podemos calar-nos, criticá-los-emos na via marxista-leninista, porque defendemos assim a liberdade e a independência do nosso Partido e a da própria União Soviética, porque foi por isso que se verteu tanto sangue. É assim que se defende o marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário e não é como tu pensas, tu, Koco Tashko, que desnaturas todas estas coisas na tua imaginação. O Partido Comunista da União Soviética tem bem o direito de agir como bem lhe pareça, mas no que respeita às observações que são feitas ao nosso Partido, temos, nós também, o direito de dizer a nossa palavra. O nosso Partido luta até ao fim pela defesa dos interesses do povo e do marxismo-leninismo contra os inimigos, mas a tua imaginação mórbida julga

doutra maneira. A crítica é crítica, e quando tu te encontras frente aos erros é oportunismo não os criticar. Mas no que te diz respeito, sofreste um pouco dessa doença. Segui atentamente a vida do Partido desde o seu começo. Há casos em que é preciso falar pouco, mas há também outros em que é preciso apertar os dentes, e quando se trata de princípios, é preciso defendê-los, não podemos violá-los.

Leste os nossos escritos que criticam os revisionistas jugoslavos? Nós evocámos aí constantemente a experiência do Partido Comunista da União Soviética. Então porque é que tu vens enumerar-me os artigos que os soviéticos publicaram? Eu conheço-os, mas existem também diferenças de posição que não são apenas diferenças tácticas. Nós demos parte das nossas observações ao próprio Krutchev, não falámos às escondidas, fizemos as nossas observações frente a frente e foi assim que ele no-las fez igualmente. Mas isso não nos conduziu à divisão. Tu conheces o ponto de vista do nosso Partido segundo o qual as divergências que nasceram são divergências entre dois partidos, o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês, e declarámos na altura própria que o exame destas questões em Bucareste era prematuro, precoce, que elas devem ser resolvidas atentamente e dentro da aplicação rigorosa das regras organizativas leninistas que regem as relações entre Partidos. Então, o que é que te leva a adoptar esta atitude contra o Comité Central? É por isso que te digo, como camarada, para reflectires sobre estas questões. Tu podes, conformemente às regras do Partido, escrever nestes próximos dois ou três dias ao Comité Central sobre todas estas questões.

Koco Tashko: Nada mais tenho a dizer.

O camarada Enver Hoxha: Por outras palavras, recusas agir como deve fazer qualquer membro do Partido a quem o Partido estende a mão para lhe permitir

analisar profundamente os seus erros. Então não vás dizer amanhã «o camarada Hoxha não me deu a possibilidade de reflectir para compreender mais profundamente os meus erros».

Koco Tashko: Nada tenho a dizer. Disse aqui o que tinha a dizer.

O camarada Enver Hoxha: Resumidamente, é essa a tua posição. Não queres revê-la? Aconselho-te mais uma vez a reflectir hoje, amanhã e depois de amanhã, e a remeteres-nos as tuas reflexões por escrito, depois julgaremos o teu caso no Comité Central, porque se trata duma questão importante que deve ser deliberada pelo Plenário do Comité Central do Partido.

Koco Tashko: Nada tenho a dizer, disse o que tinha a dizer.

AQUELE QUE NÃO TEM CONFIANÇA NO PARTIDO CHEGA A CONCLUSÕES E A ACTOS ERRADOS

— Intervenção do camarada Enver Hoxha na reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia sobre a actividade de Koco Tashko, oposta à linha do Partido — 31 de Agosto de 1960.

Mesmo depois da conversa do camarada Enver Hoxha com Koco Tashko em 3 de Agosto de 1960, Koco Tashko persistiu nos seus pontos de vista e nas suas atitudes antimarxistas e antipartido, o que pôs a descoberto o seu rosto de agente do revisionismo soviético. A fim de examinar a atitude e os actos de Koco Tashko contrários à linha do Partido, em 31 de Agosto de 1960, o Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia reuniu-se. O camarada Enver Hoxha fez lá uma intervenção que no tomo 19 das suas obras aparece sob o título «Aquele que não tem confiança no Partido chega a conclusões e a actos errados». Publicamos extractos dessa intervenção.

«Na minha opinião, sublinhou o camarada Enver Hoxha, primeiro Koco Tashko cometeu graves erros antipartido que o colocam em oposição aberta com a direcção do Partido, segundo violou todas as regras organizativas do Partido, indo ao ponto de falar, no exterior do Partido, com o embaixador soviético, sobre as decisões do plenário do Comité Central.

Como foi decidido no plenário, apresentámos as nossas opiniões sobre os revisionistas jugoslavos e outros, e o plenário está ao corrente disso, portanto tu (Koco Tashko — NDLR) também. Apresentei também a nossa posição a Krutchev com quem te preocupas, mas ele não está de acordo com a luta que conduzimos contra o revisionismo jugoslavo. Já que a nossa posição é clara, porque é que tu estás tão atormentado?

As questões que levantamos a propósito da direcção da União Soviética, os erros pelos quais criticamos Krutchev, não nasceram hoje, nasceram há muito tempo; apesar de tudo, para ti Krutchev não cometeu erros.

Com efeito, tu não nos dizes nada ainda, Koco, ainda que digas que «falo do fundo da minha alma». É o que queremos também, e julgar-te-emos como falares, mas exigimos que respeites o Bureau Político. Se o Bureau Político fosse como tu pensas, a Albânia não teria tomado o curso que hoje segue. É por isso que deves ter mais respeito pelos camaradas do Bureau Político, e não te mostrares megalómano. Fala aberta, francamente, e com sangue-frio, diz o que escondes «no teu foro íntimo», porque até agora pareces-nos muito lúgubre. Porque não falaste comigo sobre «esses grandes planos» que tu pensavas realizar? No Plenário não os revelaste porque não tens respeito pelo plenário e porque estavas contra as suas conclusões; dizes que ias falar deles com Enver, enquanto de facto foste falar deles com os soviéticos. Agora, não é do teu gosto que digamos que não tens confiança no Plenário do

Comité Central do nosso Partido marxista-leninista; que o Plenário julgue sobre isso.

No dia em que discutiste comigo, o adido militar soviético, o coronel Rura, veio e anunciou que a mulher de Koco Tashko lhes tinha dito «eles prenderam o meu marido». Como explicas tu isso? Que vai fazer a tua mulher à embaixada soviética? Porque é que vocês estão em pânico? Dou-te a minha opinião e digo-te que se tu te alarmas é porque te sentes culpado, e parece que conversas também com a tua mulher. Pedes um encontro com Enver, ele envia-te um oficial para te anunciar o encontro e durante este tempo vocês alarmam-se. A tua mulher teria ido à embaixada sem tu saberes?

Na tua opinião, nós somos contra a União Soviética enquanto tu a «defendes». Tu não tens nenhuma noção de marxismo-leninismo. Quando um militar do Partido se engana, o Partido tem o direito de o criticar seja ele quem for. Foi o que Lenine escreveu com tanto entusiasmo. Se Krutchev teve o direito de criticar Staline depois da sua morte, então nós, porque não teríamos o direito de criticar Krutchev, que está vivo e de o criticar frente a frente? Na tua opinião não se deve criticar ninguém que se engane.

Estás de acordo com o que foi dito no plenário e com a nossa justa crítica a Krutchev, que quis, entre outras coisas, afastar-nos da luta ideológica contra os revisionistas jugoslavos? E que outra crítica fizemos nós a Krutchev para que tu te tenhas alarmado assim? No Plenário não se disse nada que te permitisse apresentar a questão como se tivéssemos falado contra a União Soviética. Aí está o resultado da tua imaginação.

Não te fica bem, a ti comunista, dizer ao Partido que não discutiste com Ivanov, no momento em que os seus camaradas e ele rodearam como vampiros os nossos homens, fazendo diversão. Fizeram e fazem tudo

para saber qualquer coisa, enquanto a ti, eles não te teriam perguntado nada, para não te «comprometer», como tu acabas de pretender. Mas porque estarias tu comprometido, quando nós todos estávamos de boas relações com os camaradas soviéticos e gracejávamos mesmo com eles? Não vale mais dizer que eles encontraram em ti um ponto fraco a que se agarrarem, do que dizer «eles não me perguntaram nada, porque não queriam comprometer-me».

Depois das discussões dos camaradas do Bureau Político, que denunciaram unanimemente a atitude e a actividade antipartido de Koco Taskho, o camarada Enver Hoxha tomou de novo a palavra:

«Estou de acordo com todas as intervenções dos camaradas do Bureau Político, e penso que devemos julgar correcta e severamente Koco Tashko. Ele continua a tomar posições antipartido e hostis ao Partido, ao Comité Central e ao Bureau Político. Como os camaradas acabam de dizer, pelas suas intervenções e hesitações em dizer a verdade, Koco Tashko persiste nos seus graves erros.

Estamos convencidos de que tu, Koco, revelaste tudo a Ivanov, violando assim as directrizes do Comité Central, o estatuto do Partido. O Plenário disse abertamente que as questões que discutimos não deviam sair do Comité Central, e, que se era preciso dar parte delas a Ivanov ou então ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, então o Comité Central tomaria essa decisão e nomearia quem devesse fazê-lo. Tu não foste nomeado por ninguém, mas agiste por tua conta. É um grave erro, imperdoável.

Sabemos que quando há desacordos entre dois partidos, eles se entendem entre eles, discutem, debatem, assim age-se de acordo com as normas organizativas conhecidas. Enquanto tu violaste todas essas normas.

Porque é que o fizeste? Estou completamente convencido de que, estando em oposição à linha do Partido e ao Comité Central, pensaste que tinha chegado a altura de destruir esses homens que estão à cabeça do Partido, é por isso que na tua opinião era necessário preparar uma nova direcção onde reinassem os oportunistas e os trotskistas, e que conduziria a Albânia à catástrofe. As tuas palavras não nos convencem. Os próprios factos indicam que estás em oposição cem por cento à linha do Partido, com a sua direcção e com as decisões do Comité Central, isso é tão certo como dois e dois serem quatro. As tuas próprias palavras testemunham isso o melhor possível.

Tu és por uma política de conciliação com os erros graves de Krutchev, e foste sempre assim face aos inimigos. O teu princípio, desde a época da luta de libertação nacional, era «o menor sangue possível ou nada de sangue». É por isso que, logo que ouviste as justas críticas feitas a Krutchev, que acusa a «China de ser belicista», tu, sem reflectires nada, pensaste que a «China seria pelas efusões de sangue», pensaste também «abandonemos a China», e pareceu-te que os camaradas do Plenário do Comité Central tinham enveredado por uma via errada. Consideras as críticas feitas pelo Plenário a Krutchev como se nós, agora, estivéssemos contra a União Soviética.

Os esforços do Bureau Político têm por objectivo afastar-te da tua via e dos teus pontos de vista anti-partido, mas tu próprio fizeste extravazar o copo. Tu não amaste o nosso Partido senão em palavras e não em actos. Nós amamos todos o Partido e fazemos sacrifícios para o defender sempre e não para o prejudicar. Tu não podes organizar fracção no seio do Comité Central, porque ninguém te segue.

No encontro que nós tivemos, aconselhei-te a compreender, tal como deve ser, as tuas faltas e a falar hoje sinceramente. Mas tu não o fizeste. O que tu disseste

que discutirias comigo está cosido com fio branco. Nem a carta que me enviaste, nem a sua data, nem o objectivo mostram que viesses ter comigo. Tu vinhas ver-me depois de te teres dirigido a Ivanov. Em vez de sugerires a Ivanov que Enver fosse a Moscovo, devias tê-lo sugerido a mim. Como não agiste assim, temos todo o direito de dizer que foi Ivanov quem to sugeriu; seja como for, para nós não importa saber se foste tu ou ele quem disse a Enver para ir a Moscovo. O importante é que todos os teus planos anti-partido, foram tramados por ti nas costas do Partido, por isso devem ser condenados.

Estou completamente de acordo com os camaradas do Bureau Político em que tais comunistas, oscilantes, anti-partido, que não têm respeito pela linha marxista-leninista do Partido, pelas suas atitudes revolucionárias e pelos seus sacrifícios, não merecem ser membros do Partido. Não esqueças que Ivanov e Bespalov também não souberam como defender-te.

E eles próprios compreenderam o que fizeram e fecharam a boca, porque os seus actos não são marxistas. Mas contra quem agiram eles assim? Contra um Partido que amou de todo o seu coração a União Soviética o seu glorioso povo, contra um Partido que sempre escutou as advertências, as críticas e os conselhos do Partido Comunista da União Soviética. Mas que os dirigentes soviéticos escutem uma vez também as nossas justas críticas.

Frente ao marxismo-leninismo não há grandes nem pequenos. O marxismo-leninismo é a bússola que indica a justa via dum Partido. Criticar de forma justa Krutchev não significa ser anti-soviético, como tu nos acusas de ser. Temos continuamente dado provas do nosso amor pela União Soviética. Dizemos sinceramente que tu és anti-marxista e contra a União Soviética. As tuas ideias erradas testemunham-no. É o Comité Central, de que tens medo, que julgará os teus

pontos de vista. Tu pediste que as coisas fossem solucionadas de forma social-democrata. Foi dessa maneira que as julgaste sempre, a teu ver é preciso discutir as questões de forma chamada «amistosa». Pensas saber quais são os direitos dos membros do Partido, mas se os tivesses em conta, então porque é que tu, presidente da Comissão Central de Controle, terias ido, a convite de Bespalov, à casa de Novikov para te encontrares com o embaixador soviético.

Eu não aceitaria que o embaixador me chamasse por intermédio dum outro para ir almoçar com ele na casa dum terceiro. E isso porque a tua visita organizada desta maneira é muito misteriosa, fora das regras do Partido e fora das relações de amizade, diplomáticas e marxistas-leninitas.

Os funcionários da embaixada soviética, também esses são culpados por isso. O embaixador soviético, Ivanov, pediu um encontro comigo e recebi-o como sempre. Mas quando ele pôs as suas perguntas sobre o Plenário, pu-lo no seu lugar. Tivemos com ele relações sinceras e amistosas, mas foi ele próprio que destruiu a situação. Depois da reunião de Bucareste, pôs-se a falar com arrogância. Então fomos obrigados a colocá-lo no seu lugar.

Mas porque é que Ivanov fez tudo isso, fora das relações amistosas e organizativas? É difícil de acreditar que faça tudo isso de moto próprio, ainda que o seu objectivo fosse dividir a direcção e criar contradições entre a direcção do nosso Partido e o próprio Partido.»

RELATÓRIO DO CAMARADA ENVER HOXHA AO XVIII PLENÁRIO DO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA SOBRE «A ACTIVIDADE ANTIPARTIDO DE KOCO TASHKO»

7 de Setembro de 1960

Depois da reunião do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia, em 31 de Agosto de 1960, que fez uma análise minuciosa dos actos de Koco Tashko opostos à linha do Partido, esta questão foi de novo analisada pelo XVIII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia que se realizou em Setembro de 1960. O relatório do Bureau Político do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia sobre «a actividade anti-partido do Koco Tashko» foi apresentada pelo camarada Enver Hoxha. Publicamos extractos desse relatório, apresentado em 7 de Setembro de 1960:

«Koco Tashko não estava de acordo com os trabalhos e as conclusões do Plenário de Julho, assim

como com a linha e posição que lá foram determinadas. Contaminado pelo espírito do carreirismo, tendo velhos descontentamentos em relação ao Partido e estando em oposição a ele há muito tempo, pensou que tinha chegado a altura de se apoderar da bandeira antipartido, porque, segundo ele, o Comité Central do nosso Partido tinha-se enganado gravemente, era anti-soviético e a sorte do socialismo na Albânia estava por um fio, etc. etc, e que Koco Tashko seria o salvador da situação. Nas costas do Comité Central e em seu detrimento, ele conversou três vezes seguidas com o embaixador soviético e com empregados da embaixada soviética em Tirana e no decurso dessas conversas falou-se contra a linha do nosso Partido. Aí está um acto francamente antipartido porque constitui uma conspiração, que um membro do nosso Partido, e pior ainda um quadro importante do Partido como é o presidente da Comissão de Controle, trama contra o Partido, em colaboração com representantes dum outro país.

É preciso sublinhar que quando Koco Tashko arranjava na sua cabeça toda a espécie de ideias, nunca fez o favor de discutir com o primeiro secretário do Comité Central ou com um outro camarada do Bureau Político sobre as questões, que, segundo ele, o preocupavam. Julgou mais necessário e mais razoável discutir coisas dessas com o embaixador e outros empregados soviéticos. E só depois destes encontros pediu para se encontrar comigo. Isso mostra que Koco Tashko não tinha confiança no nosso Partido nem na sua direcção e que as suas acções se baseavam em maus objectivos, em objectivos antipartido, e não como ele procura convencer-nos, em bons objectivos, enquanto «intermediário» entre o nosso Partido e o Partido Comunista da União Soviética. Em si, o conceito de «intermediário» é completamente estranho ao nosso Partido, que só conhece um único intermediário: o marxismo-leninismo, que mostra, como num espelho quem marcha na via justa e quem se engana.

A fonte dos erros de Koco Tashko, dos seus actos antipartido, é a falta de confiança no Partido e nos seus órgãos dirigentes, são as concepções erradas sobre o Partido, que ele não considera como um colectivo militante, mas como um círculo de amigos, são velhos descontentamentos para com o Partido e o seu carreirismo, é a sua hesitação profunda, o seu grande medo, que não se conciliam em nada com a determinação marxista-leninista que deve caracterizar, sobretudo nesta situação, qualquer comunista e em primeiro lugar os quadros dirigentes do Partido. Mas Koco Tashko não quer reconhecer esses erros, que o levaram a enganar-se tão gravemente que passou aos actos antipartido. O prejuízo que ele causou ao nosso Partido é muito grande. Fazendo conspiração em detrimento do Partido, deformando frente aos empregados da embaixada soviética as verdadeiras posições do nosso Partido, interpretando-as segundo as suas concepções e a sua fantasia, revelando os trabalhos do plenário do Comité Central, abriu o caminho aos ataques contra a linha do nosso Partido por pessoas que não são membros do nosso Partido.

O Bureau Político do Comité Central, submetendo à discussão a questão de Koco Tashko, propõe ao Plenário do Comité Central assim como à comissão de controle do Partido destituí-lo da função de presidente da comissão e exclui-lo do seio dessa comissão, devido à sua actividade antipartido, da violação da disciplina, do segredo e das normas organizativas do Partido, da deformação da linha do Partido, e porque há muito tempo esteve e permanece em oposição ao Partido.»

ESTAR VIGILANTE CONTRA AS PROVOCAÇÕES E DEFENDER O PARTIDO

Intervenção do camarada Enver Hoxha no XVIII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia sobre as posições hostis e antipartido de Koco Tashko.

No fim da reunião do XVIII Plenário do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia que analisou as posições e a actividade hostis e antipartido de Koco Tashko, o camarada Enver Hoxha aparece sob o título «Estar vigilante contra as provocações e defender o Partido». Damos extractos desta intervenção:

«É a justo título que o Plenário se exprimiu unanimemente pela exclusão de Koco Tashko do Partido.

Não há já dúvida de que temos que nos haver, não só com um elemento antipartido, mas também com um provocador, com um instrumento entre as mãos de outrem para dividir a unidade do nosso Partido.

Koco Tashko não agiu de moto próprio. Os factos testemunham-no; depois da nossa conversa aconselhei-o a reflectir e a apresentar por escrito os seus pen-

samentos, a fim de que o Bureau Político e o Comité Central conhecessem os seus pensamentos e que estivessem em condições de os julgar. Com este objectivo, demos-lhe 2 a 3 dias para reflectir e escrever. Mas ele recusou dizendo: «Nada tenho a escrever, disse tudo o que tinha a dizer».

Ele nada disse de novo ao Bureau Político, ao passo que ao Plenário, embora antes se tivesse recusado a escrever, Koco Tashko veio com uma intervenção escrita. Ao que parece «os amigos» não o abandonaram.

Vocês viram que a discussão estava preparada por outrem. (No decurso da sua leitura, no fim duma frase, Koco Tashko leu igualmente o sinal de pontuação: «ponto». Na sala, os risos estalaram e imeditamente depois, os participantes acrescentaram: «tocka», o que significa «ponto» em russo. Este acto ridículo de Koco Tashko era um testemunho suficiente para mostrar que o texto da sua intervenção tinha sido ditado pelos funcionários da embaixada soviética, e que no decurso da tradução, ele se tinha enganado não distinguindo o texto e os sinais de pontuação). Isso mostra claramente que não sabendo como atribuir as culpas ao nosso Partido, à sua justa linha e às suas justas posições, aos seus laços estreitos com o leninismo e o povo soviético, eles (os soviéticos) encontraram um provocador e puseram-no em acção. Mas devemos estar vigilantes contra as provocações, devemos dar a isso muita atenção.

Os dirigentes soviéticos procuram acusar-nos de anti-sovietismo e é por isso que todas as teses de Koco Tashko são em primeiro lugar as teses dos soviéticos. Vejam a vileza destes objectivos trotskistas. E eles procuram consegui-los por meio de provocação. É por isso que devemos conduzir uma luta muito cerrada contra os provocadores e reforçar a unidade.

Sabemos já quem é Koco Tashko, por isso não vale a pena falar mais disso. Mas Koco Tashko recebeu

gerantias e as suas posições testemunham-no. Quando o chamei para se encontrar comigo, tinha um pavor de ser preso; na reunião do Bureau, ele estava inquieto, enquanto aqui ele se apresenta com arrogância, lança injúrias e provocações. Eles disseram-lhe: «Vai ao Comité Central e lança estas 'altas' ideias porque pode haver pessoas que, mesmo que não estejam de acordo connosco hoje, devem conhecer a nossa verdadeira linha e reflectirão no futuro». Estão prontos a tomar o pulso deste ou daquele para nos dividir. Tentarão igualmente deixar-nos sem pão. Vejam portanto que sujos negócios estas pessoas tramam.

Camaradas, a nossa justa causa triunfará, mas temos e teremos dificuldades, elas são inevitáveis. Esforçar-nos-emos por salvar os homens, mas os homens como Koco Tashko, ainda que devamos fazer esforços para os salvar, devem ser excluídos imediatamente do Partido.

Não há dúvida de que Ivanov e Companhia não ajem de moto próprio, receberam ordens de cima, e de não importa quem mas do próprio Krutchev, porque mesmo para os cereais que devem entregar à Albânia, é o próprio Krutchev que ordena, ainda que paguemos a pronto.

Devemos conservar o nossa sangue-frio, sabendo que estas pessoas procuram causar prejuízo à nossa amizade com os povos da União Soviética.

Eu não quero dizer com isto não falar contra as posições revisionistas dos dirigentes soviéticos, porque chegará a altura de falar abertamente, mas cada coisa a seu tempo. Estejamos vigilantes contra as provocações e reforçemos o Partido.»

CARTA DO CAMARADA ENVER HOXHA DIRIGIDA AO COMITÉ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA, RELATIVA À INGERÊNCIA ABERTA DE VÁRIOS FUNCIONÁRIOS DA EMBAIXADA DA UNIÃO SOVIÉTICA EM TIRANA NOS ASSUNTOS INTERNOS DO PARTIDO DO TRABALHO DA ALBÂNIA

> No seguimento de pressões e de ameaças da direcção revisionista soviética com Krutchev à cabeça, a embaixada soviética em Tirana, que intervinha abertamente nos nossos assuntos internos, ostentava uma actividade particularmente hostil e de diversão contra o Partido do Trabalho da Albânia e a sua direcção. A carta do camarada Enver Hoxha dirigida em 6 de Agosto de 1960 ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética, trata da ingerência aberta de vários funcionários da embaixada da União Soviética em Tirana nos assuntos internos do Partido do Trabalho da Albânia e do Estado albanês.

O Partido do Trabalho da Albânia, sublinha a carta, nas suas relações com o Partido Comunista da União Soviética, ontem como hoje, guiou-se sempre pelos

grandes princípios do marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário...

Nós informamo-vos com o maior desgosto que nestes últimos tempos, depois do encontro dos representantes dos Partidos Comunistas e Operários em Bucareste, verificamos uma mudança radical na atitude de certos funcionários da embaixada soviética em Tirana, atitude que só pode trazer prejuízos às relações amistosas entre os nossos dois países e os nossos dois Partidos, porque se trata da intervenção aberta destas pessoas nos assuntos internos do nosso Partido e do nosso Estado, em oposição à atitude marxista-leninista que sempre foi observada pelos soviéticos em relação aos nossos assuntos internos.

Constatamos com vivo desgosto que o camarada Novikov, conselheiro da embaixada soviética em Tirana, em infracção com todas as regras e normas que regem as relações fraternas entre os nossos Partidos, procurou muitas vezes seguidas recolher informações junto dos quadros e dos funcionários do nosso Partido, em Tirana, em Elbasan, em Durrès e noutros lugares, sobre questões que dizem respeito ao nosso Partido e tão importantes como as questões que o plenário do Comité Central do Partido examina, e que dizem respeito à linha política geral do Partido do Trabalho da Albânia. Falando com quadros do nosso Partido, exprimiu-se abertamente contra a linha geral do Partido e dedicou-se a convencê-los a adoptar posições erradas, hostis ao Comité Central do nosso Partido.

O primeiro secretário da embaixada soviética, Bespalov, de combinação com o embaixador, o camarada Ivanov, e o conselheiro da embaixada, o camarada Novikov, conseguiram usando métodos inadmissíveis nas relações entre Partidos marxistas-leninistas, influenciar negativamente Koco Tashko, presidente da comissão de controle do nosso Partido, e levá-lo a

ter posições abertamente contrárias à linha geral do nosso Partido.

Tais actuações constituem, da parte destes funcionários da embaixada soviética, uma ingerência flagrante e inaceitável nos assuntos internos do nosso Partido marxista-leninista, uma actividade clara contra a unidade do nosso Partido e contra a sua linha geral.

Estamos sobretudo muito impressionados com a atitude adoptada nestes últimos tempos pelo embaixador soviético, o camarada Ivanov, que levou a sua actividade hostil para com o nosso Partido ao ponto de ousar pôr publicamente aos nossos generais e oficiais, no aeroporto de Tirana, esta questão estranha e suspeita: «A quem permanece o exército fiel ?» Os nossos generais deram-lhe imediatamente a resposta requerida, e vieram as lágrimas aos olhos ao Comité Central do Partido, revoltados com esta pergunta tendenciosa do camarada Ivanov, perguntando muito naturalmente: «Porque nos colocou ele uma tal pergunta? Porque põe ele em dúvida a fidelidade do nosso exército para com o Partido, a Pátria, o povo e o campo socialista?» Nós consideramos todos que esta atitude do embaixador da União Soviética, o camarada Ivanov, é absolutamente intolerável.

Estes factos (há muitos outros do mesmo género), fizeram-nos sofrer ao máximo. Até agora temos feito orelhas moucas e fechado os olhos frente às actuações destes funcionários da embaixada soviética, e isso unicamente em nome da grande amizade que existe entre os nossos dois países. Mas agora que as intrigas de certos funcionários da embaixada soviética contra a linha geral e a unidade do nosso Partido tomam proporções intoleráveis, consideramos nosso dever informar-vos delas amigavelmente com a esperança de que tomeis as medidas apropriadas. Estas actuações de certos funcionários da embaixada soviética não contribuem para o reforço da amizade que existe entre os

nossos dois países, prejudicam as relações internacionalistas que existem entre os nossos dois Partidos.

Consideramos nosso dever informar-vos destes factos, falar convosco de forma aberta e justa, como fizemos sempre, como nos ensina o próprio Partido do grande Lenine. Não compreendemos porque é que uma tal mudança pôde interferir no comportamento destes funcionários da embaixada soviética. Eles falam aos nossos quadros abertamente contra a posição tomada pelo nosso Partido no encontro de partidos comunistas e operários de Bucareste, e eles dedicam-se bastante a quebrar a unidade do nosso Partido e da sua direcção.

A posição do nosso Partido no encontro de Bucareste é clara como água da rocha. O nosso Partido nesta reunião exprimiu aberta e claramente os seus próprios pontos de vista e a ninguém é permitido deformar a realidade sobre as tomadas de posição do nosso Partido. Assim como nos exprimimos franca e claramente sobre as questões que foram levantadas no encontro de Bucareste, também falaremos franca e claramente na próxima conferência que se deve realisar em Moscovo, de acordo com a decisão tomada por todos os partidos que participaram no encontro de Bucareste. Não é permitido a ninguém, sob nenhum pretexto, ingerir-se nos nossos assuntos internos para modificar a justa posição marxista-leninista do nosso Partido, como se esforçam por fazer certos funcionários da embaixada soviética em Tirana.

O nosso Partido, como todos os outros partidos marxistas-leninistas, tem o direito de ter a sua própria opinião e de a exprimir livremente, tal como a concebe, como nos ensinou o grande Lenine. Este direito de exprimir as suas opiniões livremente, o nosso Partido tem-no do marxismo-leninismo e é absolutamente inadmissível que se esforcem por fazer crer que o nosso Partido se teria pretensamente comprometido nestes últimos tempos em vias erradas, o que certos funcionários da embaixada soviética se dedicam a «demonstrar». Quem quer que seja que se esforce por deformar a realidade sobre a posição do nosso Partido, engana-se. O Partido do Trabalho na Albânia foi, é e permanecerá toda a vida fiel ao marxismo-leninismo, e nada o testemunha melhor do que a longa via gloriosa que ele percorreu, depois da sua criação até hoje ...

O Comité Central do nosso Partido considera que as diferenças de posições entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido do Trabalho da Albânia no encontro de Bucareste não deve servir de pretexto para a ingerência de quem quer que seja nos assuntos internos de cada um, porque isso não, contribuiria para a nossa causa e prejudicaria os interesses comuns dos nossos dois Partidos.

A VERDADEIRA UNIDADE NÃO SE OBTÉM E NÃO SE REFORÇA SENÃO NA BASE DOS PRINCÍPIOS MARXISTAS-LENINISTAS

Carta dirigida ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e ao Comité Central do Partido Comunista da China, em 27 de Agosto de 1960.

Na reunião de Bucareste, Nikita Krutchev e o seu grupo, pelos seus ataques contra o marxismo-leninismo e o Partido Comunista Chinês, assentaram rudes golpes na unidade do movimento comunista e operário internacional. Assumindo uma grande responsabilidade, o Partido do Trabalho da Albânia lutou para que esta unidade se reforce na via leninista. A carta do camarada Enver Hoxha, enviada em nome do Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia em 27 de Agosto de 1960 ao Comité Central do Partido Comunista da União Soviética e ao Comité Central do Partido Comunista Chinês, aclara estas questões. Esta carta aparece no tomo 19 das obras do camarada Enver Hoxha sob o título «A verdadeira unidade só se obtem e reforça na base dos princípios marxistas-leninistas». Uma cópia desta carta foi igualmente enviada aos partidos dos outros países socialistas.

Como se sabe, é dito nesta carta, que na reunião de Bucareste dos representantes dos partidos comunistas e operários, que se realizou em Junho deste ano, a delegação do Partido do Trabalho da Albânia, segundo as directrizes do Comité Central do nosso Partido, adoptou uma posição diferente da da delegação do Partido Comunista da União Soviética e das delegações da maioria dos partidos presentes nesta reunião, no que toca aos desacordos surgidos entre o Partido Comunista da União Soviética e o Partido Comunista Chinês.

O Partido do Trabalho da Albânia nutre o mais profundo respeito por todos os partidos comunistas e operários do mundo inteiro, e exprime o seu grande desgosto pelo facto de, pela primeira vez na sua história revolucionária, ser obrigado a adoptar uma posição como a que adoptou na reunião de Bucareste, em oposição à posição da maioria das delegações dos partidos comunistas e operários. Como qualquer outro partido marxista, o nosso Partido tem o direito de exprimir a sua opinião de acordo com a sua consciência e de adoptar a posição que considera justa.

Na reunião de Bucareste, a delegação do PCUS distribuiu às delegações dos outros partidos um documento escrito declarando que o Partido Comunista Chinês violou a Declaração de Moscovo do ano de 1957... Nesta reunião, encontrámo-nos frente a uma verdadeira conferência internacional, organizada especialmente para criticar o Partido Comunista Chinês por ter «violado» a Declaração de Moscovo, apoiando-se no documento apresentado pela delegação do PCUS, documento que foi remetido à delegação do nosso Partido apenas 10 horas antes da reunião.

Como se sabe, o marxismo-leninismo ensina-nos que não só quando se examinam os erros dum partido marxista, que possui nas suas fileiras milhões de membros e que tem por detrás de si um longo período de actividade revolucionária consequente, como o Partido

Comunista da China, mas também quando se examinam os erros dum comunista, é necessário ser muito prudente, muito ponderado, é necessário analisar mais profundamente todas as causas dos erros que este comunista cometeu, é necessário esforçarmo-nos por convencê-lo dos seus erros, é necessário colocar a questão frente à organização de base ou ao foro respectivo do partido, onde a questão deve ser examinada com a maior objectividade na base dos princípios marxistas-leninistas, visando atingir um único objectivo: corrigir este comunista e remetê-lo para a via justa. Se, para analisar os erros dum comunista e para o salvar dos seus erros fazemos tantos esforços, então compreende-se bem que grandes esforços deveriam ser feitos antes de «trocar opiniões sobre os erros dum partido» numa reunião comunista internacional, como a reunião de Bucareste. Mas, infelizmente isso não foi feito.

O Comité Central do Partido do Trabalho da Albânia parte do princípio marxista-leninista de que, para exprimir a sua opinião sobre os erros ideológicos e políticos dum outro partido marxista, é necessário estar convencido primeiro, com o apoio dos factos, da existência destes erros e esta convicção pode ser adquirida analisando no plenário do Comité Central do Partido com sangue-frio e na base do método marxista-leninista, todos os argumentos requeridos sobre esta questão, quer dizer tanto os argumentos apresentados pela parte que critica como os argumentos apresentados pela parte criticada. Depois do Plenário do Comité Central do nosso Partido ter feito esta análise marxista-leninista, é nessa altura e só nessa altura que estaremos em condições de dar objectivamente a nossa opinião sobre os erros dum outro Partido. Consideramos que é esse o método mais justo para examinar os erros ideológicos dum partido irmão. É este método que o Comité Central do nosso Partido utilizará para chegar a con-

clusões definitivas sobre os «erros» que o PCUS atribui ao PCC e para exprimir a sua opinião sobre esta questão na próxima reunião dos partidos comunistas e operários, em Novembro deste ano. Consideramos que agir doutro modo, agir como se agiu no encontro de Bucareste, isso equivale a denunciar um partido irmão sem analisar até ao fim e com sangue-frio todos os factos para chegar à conclusão de que o partido em questão se enganou ou não. Nesses casos a precipitação é prejudicial.

É por esta razão que na reunião de Bucareste a delegação do nosso Partido declarou que estes desacordos nasceram entre o Comité Central do PCUS e o Comité Central do PCC, e que era necessário fazer esforços por resolvê-los por meio de conversações entre estes dois partidos, e se não se conseguisse aí, a questão deveria então ser apresentada frente a todos os outros partidos irmãos para que eles dessem a sua opinião; a delegação do nosso partido declarou igualmente que a reunião de Bucareste estava antecipada e que não se conciliava com as normas leninistas: e no que respeita aos desacordos entre o PCUS e o PCC, o Partido do Trabalho da Albânia exprimirá a sua opinião na próxima reunião dos partidos comunistas e operários em Novembro.

Naturalmente, os desacordos entre o PCUS e o PCC são duma importância de princípio, ideológica e política, e a solução destes desacordos é duma importância vital para a unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional. A solução destes desacordos não só interessa hoje a todos os partidos marxistas, compreendendo entre estes o Partido do Trabalho da Albânia, como todos os partidos marxistas têm por dever dar o seu contributo para a solução destes desacordos, porque estes desacordos ultrapassaram já o quadro das relações entre o PCUS e o PCC e tomaram um carácter internacional.

Depois da reunião de Bucareste, vários partidos comunistas e operários dos países do campo socialista, compreendendo entre estes o PCUS, enviaram ao Comité Central do nosso Partido cópias das cartas que foram dirigidas ao PCC. Nestas cartas chega-se à conclusão de que o PCC «se afastou da teoria e da prática marxistas-leninistas»... Procede-se a afirmações que nos convencem ainda mais de que a nossa atitude na reunião de Bucareste era inteiramente justa, marxista-leninista. Segundo o nosso ponto de vista, estas afirmações mostram que a reunião de Bucareste não se limitou a uma simples «troca de opiniões sobre os erros do PCC» e que o PCC é denunciado de facto pelos partidos que enviaram estas cartas.

Por outro lado, nestas cartas sublinha-se que na reunião de Bucareste se manifestou «a unidade completa de todos os partidos comunistas e operários» na crítica que fizeram aos «erros» do PCC. Uma tal afirmação deixa subentender que o Partido do Trabalho da Albânia, ele também, enfileirou ao lado da maioria dos outros partidos comunistas e operários no que respeita aos «erros» que são atribuídos ao PCC. Se se tratar da aprovação do comunicado adoptado na reunião de Bucareste, estamos de acordo com o facto de ter havido unidade entre todos os partidos porque o nosso Partido também aprovou o comunicado. Mas, se se tratar da «unidade de todos os Partidos» no que respeita aos desacordos entre o PCUS e o PCC, isso não corresponde à verdade, pelo menos no que toca ao nosso Partido, porque o Partido do Trabalho da Albânia não se juntou ainda à maioria dos outros partidos, e exprimirá a sua opinião sobre estes desacordos na próxima reunião dos partidos comunistas e operários, em Novembro deste ano, como declarou várias vezes. Afirmar que no encontro de Bucareste houve «unidade completa entre todos os partidos» na

crítica dos erros do PCC, isso vem a dar na deformação dos factos e da verdade.

O Comité Central do nosso partido considera que o mais importante, para a vida de todos os partidos comunistas e operários de todo o mundo, para a defesa e reforço da unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional, é a solução destes desacordos na base dos princípios do marxismo-leninismo. O nosso Partido estará sempre vigilante contra os planos e os actos belicistas do imperialismo e contra o revisionismo moderno, que como sublinha a Declaração de Moscovo, é o principal perigo para o movimento comunista internacional.

ÍNDICE

UMA LINHA DE LUTA E DE VITÓRIA CONTRA O REVISIONISMO KRUTCHEVISTA

— Artigo de fundo do «Zëri i Popullit», escrito por Ramiz Alia, membro do C. C. do P. T. A. 11

— Extractos do tomo 19 das obras de Enver Hoxha, secretário-geral do P. T. A.:

I Parte (saídos no boletim da Agência A. T. A., de 20 a 25 de Novembro de 1975) 33

II Parte (saídos no boletim da Agência A. T. A., de 26 a 30 de Novembro de 1975) 105

Composto e impresso
na IMPRETIPO
em Maio de 1976